

AMARU I



Anjee Cristina

Nossa América Rebelde

Em busca das histórias que os jornais não contam
a televisão não mostra e a escola não ensina
jovens aventureiros descobrem
Nossa América Rebelde
na saga dos povos nativos.

A força da alma latino-americana se revela
no universo encantado
dos filhos do sonho Xavante
mestres da cultura Maya
revoltosas brasileiras e
guerrilheiras zapatistas.

Entre o começo e o fim do mundo
antigas lendas sobre extraterrestres e intraterrenos
se fazem contemporâneas.

O céu não é mais o limite.
O interior da Terra também é o céu

NOSSA AMÉRICA REBELDE
Amaru I

Anjee Cristina

anjeecristina@gmail.com

Chapada dos Veadeiros

Outono de 2010

identificação das imagens

fotos de abertura (capa) da esquerda para a direita

Prestes e Tiradentes em painel de Portinari

Ônibus do Exército Zapatista de Libertação Nacional

Filhos do Sonho Xavante

Alberto Ruz em performance da Caravana Arco-Íris

Marcha dos heróis do Forte de Copacabana

Manifestação pela Paz

Imagens do texto

| Página | lugar / gente | autor |
|---------------|-------------------------------------|--------------------------|
| 12 | Serra do Roncador | Nilton Schultz |
| 16 | Xavantes durante festividade | Jorge Cardoso |
| 22 | Irmãos Villas Boas e indígenas | |
| 29 | Xavante rezando | Jorge Cardoso |
| 32 | percurso da Marcha da Coluna | |
| 41 | entrada do pólo norte | |
| 50 | imagens da Amazônia | fotos de satélite |
| 56 | estado maior da Coluna | |
| 58 | visão do Planalto Central | Rômulo Andrade |
| 67 | Chapada dos Veadeiros | Anaís Pinheiro Machado |
| 68 | Chapada dos Veadeiros | Ion David |
| 79 | Caravana do Arco-íris | |
| 80 | pintura sobre a Coluna | Portinari |
| 97 | imagem de Hermínia | |
| 109 | pinturas rupestres Planalto Central | reprodução Paulo Bertran |
| 116 | ônibus do EZLN | |
| 120 | indígenas do EZLN | |
| 144 | cais em Porto Alegre | |
| 157 | pintura sobre planetas | Hélcio Serkeis |

| | | |
|-----|------------------------------|-------------------|
| 173 | rio Tietê antigo | |
| 179 | pintura Jardins da Babilônia | |
| 185 | oca xavante | Rota centro-oeste |
| 190 | cuesta de Botucatu | site do município |
| 204 | imagem de Chiapas | blog Evelin Luna |

SUMÁRIO

- 1. Portal do Roncador**
- 2. Locas por ti**
- 3. Oco do mundo**
- 4. Templo Viajante**
- 5. Ninfa do Cerrado**
- 6. Deusa da Transformação**
- 7. Baú da Revoltosa**
- 8. Tempo de origem**
- 9. Nuvenzinha para Estelita**
- 10. Caminhantes do amanhã**
- 11. Outra campanha**
- 12. Relâmpagos para Bianca**
- 13. Mistério da serpente**
- 14. Nascidos das estrelas**
- 15. Anarquistas verdes**
- 16. Conversando com anjos**
- 17. Raízes profundas**
- 18. Saga do sertão**
- 19. Habla com tu madre**
- 20. Pé na estrada**

1

PORTAL DO RONCADOR

- A correnteza tá forte demais, a gente não vai conseguir atravessar assim.

- *Ficou maluco? Voltar agora é que não vai dar, já fomos além da metade do rio.*

- *Eu sei, cara, o que eu estou dizendo é que assim, com essas mochilas pesadonas, a gente vai se dar mal. Tem que deixar o rio levar as mochilas, pro corpo ficar mais leve e se movimentar melhor.*

O Juninho tem razão. As mochilas estão realmente pesadas e retardam o nosso passo. A gente está em desacordo com o rio, cada vez mais rápido e mais bravo com a chuvarada que começou quando ainda estávamos na aldeia. Bem que o Tanguro avisou que a chuva ia transtornar a correnteza e tornar mais difícil a travessia, era melhor esperar um pouco. Mas eu e o Juninho, cheios de confiança na nossa força jovem, desafiamos a força das águas e sorrimos quando o velho guerreiro nos deu duas varas pra servir de cajado.

As varas do filho da Revoltosa praticamente salvaram as nossas vidas. Nos primeiros passos dentro do rio, logo percebemos que a coisa era feia, avançávamos com muito custo, mal conseguindo nos equilibrar. As mochilas logo ficaram encharcadas e nos fazem pender para um lado e para o outro, conforme a fúria das águas tenta arrancá-las das nossas costas.

Com os pés encaixados numa pedra para a correnteza não levá-lo embora, o Juninho bota o cajado debaixo do braço, tira a carteira do bolso dianteiro da mochila e a coloca entre os dentes. A seguir, dá um beijo na velha mochila e atira a companheira de tantas jornadas rio abaixo. Minha operação libera-peso é um pouco mais delicada. Existe algo além da carteira e das chaves do carro que eu preciso salvar e não dá pra segurar nos dentes.

Demorou! Consegui pegar dentro da mochila a carteira, as chaves e o bauzinho que o Tanguro me deu. Já posso liberar o peso. Todo cuidado é pouco. Preciso colocar as chaves e a carteira dentro do bauzinho, equilibrá-lo em cima da cabeça e amarrá-lo com a camiseta, dando um nó em baixo do queixo. O Juninho me olha assombrado, e mais assombrado fica agora que o rio está levando meu cajado no meio de toda a manobra salvacionista.

Agora, só temos o cajado dele. Juninho avança pra perto de mim e me estende a mão que está livre. Assim, vamos indo. Rompendo as águas com muito esforço, quase caindo e rolando rio abaixo.

Afinal chegamos na margem do rio. Terra firme. Nem acreditamos. Além de várias manchas roxas conquistadas no duro embate com as pedras do rio, nada de mais grave nos aconteceu na terrível travessia. Rindo nervosamente, comemoramos a sensação de ter escapado de uma boa e começamos a andar em direção ao lugar onde ficou o carro.

A caminhada pelas pequenas praias de águas cristalinas e areias brancas começa silenciosa. Deixamos a chuva fazer eco aos nossos passos enquanto contemplamos os paredões de pedra e os jardins do Cerrado.

A grande cordilheira desfila soberana ao longo do caminho. Em seus quase mil quilômetros de extensão, as montanhas acompanham a transição entre os campos do Cerrado e as matas da Amazônia. A lenta e progressiva erosão das rochas de arenito vermelho, que se abrasaram em tempos remotos, esculpe os paredões verticais e carrega o planalto para a planície. A cadeia de montanhas recebe vários nomes regionais nos lugares por onde se alteia. É um divisor de águas entre os rios Araguaia e Xingu e cria uma espinha dorsal que abriga o espetacular reservatório das nascentes desses mananciais.

Quase posso adivinhar que assim como eu, Juninho permanece calado para ouvir o vento roncando entre as cavernas de rocha vermelha e os lagos subterrâneos de azul profundo que se ocultam nos imponentes chapadões.

Jamais esqueceremos nosso intenso encontro com a Serra do Roncador e seus guardiães, os índios Xavante. Em poucos dias percorrendo o Vale dos Sonhos e subindo alguns trechos da serra, absorvemos tantos conhecimentos antigos porém novos pra nós, que levaremos tempo para entender tudo. Olhando a serra avermelhada e sentindo o seu milenar mistério, eu percebo que a minha percepção sobre o mundo está mudando, desde que atravessamos a fronteira do estado de Goiás para o estado de Mato Grosso.

Vimos para cá dispostos a entrar em contato com os indígenas que vivem em aldeias às margens do rio das Mortes, perto da Serra do Roncador. Eles vieram do outro lado do rio Araguaia, assim como eu e meu irmão Juninho. Durante sabe lá quanto tempo, os Xavante vivem neste Planalto Central, muito antes dele se chamar Mato Grosso ou Goiás. Para os povos nativos da região, aqui se guarda a memória do começo do mundo. Nada diferente do que dizem os modernos cientistas, ao calcularem em mais de um bilhão de anos a idade deste coração geográfico da América do Sul – uma idade tão antiga quanto a formação dos continentes.

Nestas vetustas montanhas vieram habitar os primeiros instrutores da humanidade. É o que dizem as tradições. Numa época pré-histórica que antecede à atual civilização, seres de elevada sabedoria habitaram a cadeia de montanhas no centro do continente sul-americano. Eles formavam uma grande fraternidade e ali criaram uma base que ficou conhecida pelos iniciados como Templo de Ibez. Essa antiga morada antecedeu à mítica Shambala – a cidade dos adeptos oculta nas montanhas do Himalaia.

Dizem alguns moradores atuais do Roncador que, a partir do século 20, o Templo de Ibez tornou-se novamente atuante, e um portal de acesso teria sido aberto para aqueles que merecem encontrá-lo. Por conta disso, dezenas de expedições foram feitas no decorrer do século para encontrar o lugar oculto no coração da América do Sul, e diversos grupos religiosos, místicos e ufológicos se estabeleceram aos pés do Roncador para fazer contato com os seres iluminados que acreditam viver nas montanhas.



Mas, antes que todos eles – exploradores, estudiosos, místicos e simples curiosos chegassem, os Xavante cruzaram o rio Araguaia vindos do planalto goiano, quase um século antes, e formaram aldeias junto à Serra do Roncador.

Desde o século dezoito eles estavam sendo perseguidos pelos colonizadores brancos que tentavam escravizá-los. Em meados do século dezenove, aqueles que não aceitavam o aprisionamento trocaram a Província de Goiás pela Província de Mato Grosso. A população estava bastante reduzida pelos conflitos e doenças trazidos pelos brancos, mas o isolamento do planalto matogrossense lhes permitiu a recuperação. Em agradecimento à terra que os acolheu, tornaram-se guardiães da Serra do Roncador.

- *Se os índios não tivessem ficado com a filmadora e a máquina fotográfica, a gente teria que se livrar delas no meio do rio, diz o Juninho de repente. Quando alguma coisa tem que ir, vai mesmo.*

Eu me lembro da cara fechada dos índios quando chegamos na entrada de uma caverna que nos indicaram como sendo o acesso para o mundo intraterreno. Embora não fosse exatamente essa a nossa intenção ao viajar para a Serra do Roncador, acabamos enfeitiçados pelos mitos e lendas locais quando chegamos em Barra do Garças, e como somos guias ecoturísticos do Planalto Central, lá fomos nós em busca de mais um roteiro de aventura – até sermos barrados pelos índios que guardam a suposta entrada para o reino dos “jina” – os seres que dizem viver dentro da Terra.

- *Acho que a lição mais importante dessa perda é que não podemos invadir sem mais nem menos um lugar considerado sagrado pela cultura de um povo, digo para o Juninho.*
- *O Tanguro comentou alguma coisa sobre isso? Fiquei tão ocupado com as meninas da aldeia que nem ouvi direito muitos trechos das conversas que vocês tiveram.*

Tanguro é filho da nossa tia-avó que veio do sul com a Coluna Costa-Prestes e ficou ali, morando com os índios. Ela já morreu, mas seu filho mora na aldeia onde nasceu e para onde voltou depois de estudar em São Paulo - um aprendizado necessário para que ele se tornasse um dos porta-vozes do seu povo junto à sociedade dos brancos.

- *O Tanguro riu da nossa ingenuidade quando lhe contei da aventura nas montanhas, respondo para o Juninho. Ele explicou que cada portal de um reino intraterreno tem seus guardiães, porque os humanos que vivem na superfície não estão preparados ainda para penetrar esse mistério. A luz da consciência que habita no interior da Terra é mais forte e o acesso precisa ser protegido contra as pessoas despreparadas, para que não se desentendam de si e não profanem os mistérios. O Tanguro disse também que os povos subterrâneos vão se manifestar para o povo da superfície, mas isso só acontecerá quando estivermos irradiando a energia da paz e atuando com a consciência do Todo. Antes de conhecermos essa outra dimensão do nosso planeta, precisamos primeiro senti-la em nossos corações.*

- *Fala sério, meu, você acredita mesmo nessa história de civilizações intraterrenas?* pergunta o Juninho.

Comento com ele que não apenas os Xavante, mas todas as grandes tradições filosóficas religiosas acreditam em outras dimensões da realidade, somente nós, os herdeiros da cultura ocidental moderna, é que perdemos o contato com os textos sagrados que ensinam sobre os vários mundos e seus desdobramentos.

Assisti uma vez a uma palestra de um lama budista. Ele falou que Shambala, a morada dos sábios oculta no Himalaia, faz parte de um mundo concreto que existe em outra dimensão, só acessível por uns poucos que conseguem fazer a travessia. A grande maioria dos buscadores vem se perdendo há milênios na procura da entrada para Shambala. Assim como muitos estão se perdendo nos últimos tempos – pelo menos aos nossos olhos – na procura da entrada para Ibez.

Apesar de ser ainda escasso o conhecimento que adquiri sobre os Xavante durante nossa breve estadia na aldeia, eu não poderia imaginar melhores guardiães para um mundo de outra dimensão do que esse povo – porque eles já vivem numa outra dimensão: o mundo dos sonhos. Para um xavante, o mundo precisa ser sonhado antes de acontecer. É através dos sonhos que se tece a teia da vida, em contato com os guias e os antepassados. O canto e a dança são os fios que reforçam a teia.



Um grande acontecimento que se deseja precisa ser longamente sonhado e muitas vezes cantado e dançado. Foi assim com a pacificação do homem branco. Quando perceberam que o contato com o homem branco era inevitável, os Xavante começaram a sonhar com ele. E nos seus sonhos, muitas vezes cantados e dançados, eles amansavam o coração do branco.

Quando a Expedição Roncador-Xingu rompeu as matas e cruzou os rios penetrando a terra dos Xavante, os irmãos que ali chegaram se tornaram protetores em lugar de agressores. Já era um tipo diferente de branco, longamente sonhado.

Tanguro jamais esquecerá o padrinho sertanista que o convenceu a estudar, apontando a floresta em frente à aldeia:

“Está vendo essa grande floresta que não se vê o fim? Um dia, ela será vencida. A cidade vai bater na sua porta e você será chamado pra defender a sua gente. Para isso precisa aprender a lutar, sem violência. Por isso precisa aprender a conversar”.

Muita conversa já havia sido necessária para impedir que fossem dizimadas as nações indígenas que vivem na Serra do Roncador, contou o sertanista Orlando Villas Boas para seu afilhado Tanguro. As primeiras ordens que chegavam em 1943 do governo de Getúlio Vargas aos homens que estavam sendo contratados para integrar a Expedição Roncador-Xingu, determinavam passar fogo nos índios que encontrassem pela frente. Principalmente os Xavante, considerados os mais hostis ao contato com a civilização.

Quando Orlando Villas Boas se apresentou ao chefe da expedição para integrá-la, não foi aceito. O coronel designado pelo presidente Getúlio Vargas para chefiar a expedição não queria contratar gente da cidade, e muito menos gente culta. Ele queria sertanejos e analfabetos que tivessem a rudeza suficiente para rasgar o sertão à bala. Mas o interesse da família Villas Boas pelo Brasil Central era grande e vinha desde outros tempos. Já nos anos 20, alguns parentes de Orlando em Botucatu, no interior paulista, investiam na compra de terras no Planalto Central. Apostavam na construção da capital brasileira, como tantas outras famílias.

Getúlio Vargas assumiu o encargo de liderar a grande Marcha para Oeste, anunciando a criação de um órgão federal destinado a “desbravar o branco das nossas cartas geográficas”.

Para comandar a nova Fundação Brasil Central, o presidente nomeou seu ministro João Alberto Lins de Barros, o mesmo revoltoso que chefiou um dos destacamentos da Coluna Costa-Prestes. E foi assim que a Expedição Roncador-Xingu se tornou uma filha da Coluna Costa-Prestes, comparou Tanguro.

Seu padrinho Orlando era um bom contador de histórias. Contou que uma vez, quando recebia a visita do ministro João Alberto no posto avançado da expedição em Aragarças, um fazendeiro local, o Torquato, se apresentou no acampamento com um vale de anos atrás, no valor de um cavalo. O ministro assinara esse vale quando ali passara como um dos chefes dos revoltosos em 1925, e seqüestrara o cavalo em nome da revolução. Reconhecendo sua assinatura, João Alberto disse que o empréstimo feito anos atrás para a coluna revolucionária estava sendo pago com dividendos, em forma de estradas. A meta da Marcha para Oeste era interligar o país com a Amazônia e localizar pontos ideais para núcleos futuros de povoamento. A Fundação Brasil Central se encarregaria de implantar os núcleos indicados pela expedição pioneira. As terras de Torquato, portanto, estavam sendo muito valorizadas. O fazendeiro, que oferecia refeições para os viajantes em sua fazenda, agradeceu ao ministro, montou no cavalo e se foi.

Para viabilizar essa nova marcha, João Alberto não se utilizou do confisco revolucionário como fizera em outros tempos. Foi para São Paulo arrecadar recursos, acreditando que aquela gente de lá era boa de dar. Não precisava tomar. O primeiro posto da Expedição Roncador-Xingu se montou portanto no Hotel Esplanada, em São Paulo, onde Orlando Villas Boas se apresentou e por ser muito instruído não foi aceito pelo coronel que acompanhava o ministro João Alberto. Ele tratou de se apresentar novamente num posto de recrutamento mais avançado, já nas bordas do Planalto Central. Desta vez, estava acompanhado pelos irmãos Cláudio e Leonardo e sabia a senha: os três se declararam analfabetos.

Quando os irmãos chegaram perto da Serra do Roncador, no local onde seria dada a largada para a expedição, perceberam que a coisa era feia. Os brancos geográficos que Getúlio pretendia desbravar não eram tão brancos assim, como indicavam as colunas cinzentas de fumaça que subiam do vale. Os chefes expedicionários estavam se reunindo com os chefes da polícia local pra montar um batalhão militar e limpar a área. A intenção era eliminar de qualquer maneira o principal entrave para o avanço da civilização: os temidos Xavante.

Em segredo, os supostos analfabetos escreveram uma carta advertindo sobre o genocídio iminente para o Marechal Rondon, presidente do Serviço Nacional de Proteção ao Índio. Ele se encarregou de alertar o ministro João Alberto, o mesmo revoltoso contra o qual lutara anos atrás em Mato Grosso, perdendo a batalha. Rondon havia sido um implacável perseguidor dos revoltosos, mas em se tratando de índios, eles estavam do mesmo lado. A

formação do batalhão militar para dizimar os Xavante foi proibida pelo ministro, que passou o comando da expedição Roncador-Xingu para os irmãos Villas Boas.

Desarmada a vanguarda da expedição, faltava desarmar os espíritos daqueles que a integravam. Não era fácil. Alguns dos homens contratados possuíam mais de 20 mortes no currículo. O mais bonzinho matara meia dúzia.

Quando os novos bandeirantes estavam se aproximando e os nativos já os espreitavam de longe na mata, tia Revoltosa começou a sonhar na aldeia, contou Tanguro. Ela sabia que os homens brancos que vinham do sul estavam trazendo notícias de sua família e com toda a força do seu pensamento se transportou em sonho para o acampamento deles, rezando para que o contato entre brancos e índios transcorresse em paz.

Foram longas noites de conversa ao pé do fogo para amansar o coração dos homens. Um lento e persistente trabalho de catequese que o padrinho de Tanguro e seus irmãos desenvolveram ao longo dos 11 meses que passaram atravessando a Serra do Roncador. Aconteceram nesse período 18 conflitos com os Xavante, os mais atrevidos índios da região. Quando se tornavam especialmente hostis, os expedicionários atiravam para o alto, na intenção de assustá-los, sem disparar contra eles. Mas, se os sertanistas que a lideravam eram gente boa, nem por isso a Expedição Roncador-Xingu deixava de ter o seu caráter invasivo e predatório. O efeito geral sobre a população indígena da região foi devastador.

Atualmente, a gente de Tanguro vive em reservas. O entorno das aldeias está devastado, dificultando a manutenção do seu modo de vida. A cultura Xavante se sustenta basicamente da caça, da pesca e da coleta de frutos. Como viver assim, se a civilização vem avançando, desmatando tudo em volta e poluindo os rios?

Chegamos afinal no lugar onde o carro está estacionado. Desfaço o nó da camiseta e tiro dela o bauzinho com a carteira e a chave do carro.

O Juninho não se contém.

- Qual é, meu, que tesouro é esse que tem num bauzinho velho e meio comido pelos bichos pra você se arriscar e perder o cajado por causa dele?

Já tinham me avisado que alguns trechos da estrada ficam intransitáveis quando chove. Eu preciso tirar o carro daqui antes do caminho de terra que serpenteia à nossa frente virar um lamaçal.

A pergunta do Juninho faz meu pensamento viajar para o passado. Não respondo de imediato. Ainda sob o impacto de quase ter me afogado pra salvar uma coisinha velha e meio comida pelos bichos, eu volto para a origem da caça ao tesouro do bauzinho perdido. Volto para as noites de grandes fogueiras da minha infância.



2

LOCAS POR TI

Mamãe veio do sul para o Planalto Central conhecer o lugar onde os revoltosos enlouqueceram de beleza. Era assim que contava uma carta de sua tia, que veio pra cá muitos anos antes.

Tia Revoltosa saiu das Missões no natal de 1924, com a tropa rebelada no Rio Grande do Sul que partia para lutar junto com os rebeldes de São Paulo, contra o governo federal. O ponto de encontro era Foz do Iguaçu, na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. De lá, as duas tropas – a paulista e a gaúcha, saíram marchando pelo País afora, lutando contra os soldados do governo e os jagunços dos coronéis. Percorreram quase 30 mil quilômetros durante dois anos e meio, e dizem os historiadores que foi a segunda maior marcha guerreira da humanidade, só superada pela de Alexandre, o Grande.

Titia disse simplesmente que a briga foi boa. Mas quando os homens se cansaram e resolveram pedir asilo na Bolívia, ela preferiu ficar enlouquecendo de beleza no coração do Brasil.

Uma vez eu disse na escola que minha tia-avó era uma revoltosa da Coluna Costa-Prestes. A professora me falou pra não ficar repetindo isso por aí, porque aquelas mulheres eram chamadas de vivandeiras, que significa prostitutas na linguagem da guerra.

Contei isso em casa e minha mãe explicou que não era bem assim, havia muito preconceito contra as mulheres na época. Tia Revoltosa participou da Coluna por ideal. E também por amor. Era muito jovem, tinha apenas 17 anos quando as tropas rebeladas acamparam em São Luís Gonzaga, a cidade onde ela morava no Rio Grande do Sul. O namorado dela quis partir com os rebeldes quando eles começaram a se mover para ir ao encontro dos paulistas. E a nossa tia simplesmente foi junto entre as mulheres que saíram do Pampa a cavalo para lutar pelo Brasil.

Elas lutavam mesmo, ou faziam outras coisas? perguntei desconfiado. Acho que faziam de tudo, respondeu minha mãe. Cozinham, cuidavam dos feridos, amavam os soldados e combatiam também. Mas não foram reconhecidas como guerreiras pelos historiadores e tiveram que lutar até para serem aceitas pelos combatentes.

Quando as tropas revolucionárias que deixavam o Pampa chegaram na beira do rio Uruguai, o comandante Luis Carlos Prestes mandou as mulheres ficarem do lado do Rio Grande do Sul e voltarem para casa. Elas não poderiam atravessar o rio para Santa Catarina e seguir com eles ao encontro dos paulistas.

Mas, quando o comandante Prestes finalmente chegou do outro lado do rio e pisou no solo de Santa Catarina com apenas a metade dos seus homens, as mulheres já estavam esperando por eles. Montadas em seus cavalos, se mostravam prontas para compensar a deserção de mil homens. Pois quase um milhar dos gaúchos que compunham as tropas rebeldes debandaram quando perceberam que se arriscavam a não verem mais o Pampa, e atravessaram o rio Uruguai, fugindo para a Argentina. Titia disse em carta para a família que, quando isso aconteceu, as mulheres apenas sorriram e trataram de mostrar quem podia mais ali. Depois de desobedecerem ao comandante e atravessarem o rio na direção certa, isto é, rumo ao Brasil, elas seguiram em frente e trataram de escolher o mais belo vale que se podia encontrar para servir de acampamento e repouso para os guerreiros.

Eu me lembro de minha mãe dizendo que a Coluna Costa-Prestes havia sido um acordamento para muitas coisas erradas que estavam acontecendo na política do País, mas o povo andava tão rebaixado culturalmente que não tinha capacidade para entender na época.

E será que teria agora? Isso mamãe não sabia responder. O que ela sabia eram os casos que ouviu contar nas Missões, e que permaneceram acesos na minha memória pelas chamas das fogueiras que os revoltosos acendiam durante a noite.

Uma vez falei para um adulto sobre essas noites de grandes fogueiras. Ele me olhou com uma cara de sabichão e disse que as grandes fogueiras dos revoltosos têm várias interpretações, como todas as boas lendas. Podiam se referir aos grandes incêndios que eles tiveram que enfrentar quando andaram pelo Brasil Central, durante a seca. Mas podiam significar também, as casas incendiadas por eles na sua passagem.

Fiquei chocado e interpelei mamãe.

- Você acredita mesmo que eles botavam fogo nas casas, Chico? Pois se eles se embrenharam pelo sertão pra salvar o povo da desgraceira política da época, acha que eles iam acabar se tornando uma desgraceira para as pessoas que desejavam libertar?

- Não sei. Falam cada coisa... guerra é guerra, né mãe, e soldado bonzinho não existe.

- Tá certo que eles faziam suas estrepulias, filho. Você sabe como é bonito o espetáculo do fogo pegando no Cerrado, e logo depois fazendo brotar no chão queimado umas flores tão coloridas que a gente até duvida do que está vendo. Pode ser que alguns soldados gostassem de botar fogo no mato pra ver o espetáculo, mas naquele tempo não tinha casas por aqui, Brasília ainda nem existia e o Brasil Central era um grande sertão desconhecido. Talvez as estrepulias maiores contra o povo que morava nas fazendas tenham sido praticadas pelos soldados do governo e os jagunços pagos pelos coronéis para acabar com a Revolução, porque esses outros não tinham ideal. Lutavam por dinheiro. Os soldados

recebiam seu soldo e os jagunços eram pagos pelos coronéis do sertão pra perseguir os rebeldes.

Mamãe falou também que muitas pessoas, naquela época, tinham medo da Coluna por causa do terror espalhado pelo governo e pela imprensa. Havia censura e os jornais e o rádio só diziam o que o governo queria. E diziam, por exemplo, que os revoltosos já haviam incendiado São Paulo e iam incendiar todas as cidades por onde passavam até conseguir libertar o sul do resto do País. Então, as pessoas do interior do Brasil, isoladas no sertão, não sabiam direito porque eles lutavam e não podiam se identificar com os seus ideais de libertação. Preferiam fugir das cidades e dos povoados quando eles chegavam.

Percebi que mamãe não tinha jeito mesmo... Ela era uma devota da Revolução. Mas podia ser, tudo podia ser. Aprendi que a gente é quem cria na nossa imaginação heróis e bandidos, as pessoas podem ser as mesmas e mesmo assim nunca são as mesmas, porque tudo está sempre mudando, depende do jeito que a gente olha.

**Estamos chegando perto do asfalto e não há mais perigo de atolar na lama.
Então, finalmente eu respondo ao Juninho.**

- Ganhei o bauzinho do Tanguro. Dentro dele estão algumas cartas que a tia Revoltosa recebeu dos parentes do sul.

- *O que você vai fazer com as cartas?*

- *Vou ler, é claro.*

- *Acha que elas podem trazer alguma história interessante sobre a Coluna?*

- *Acho que sim.*

- *Legal, a gente se deu bem nessa aventura. Eu não percebi o lance do bauzinho, mas vi você se entendendo com o Tanguro na oca enquanto eu me entendia com a neta dele lá fora.*

- *Vi uma foto da tia Revoltosa, que o Tanguro me mostrou. Era muito linda.*

- *Parecida com a mamãe?*

- *Não. Tinham tipos bem diferentes. A mamãe era morena, com um jeitão bem brasileiro. A Revoltosa mostrava ser descendente de europeus. Muito branca e muito loura, com olhos claros também.*

- *Vai entender essas mulheres. Porque uma coisa fina dessas andava metida numa briga de macho? E porque ela acabou ficando logo numa aldeia de índios?*

- Bom, o Tanguro disse que o namorado dela ficou muito ferido numa batalha e não deu mais conta de seguir em frente. Então eles foram se abrigar numa aldeia mais ou menos perto de onde passava a Coluna, que já estava seguindo rumo ao exílio na Bolívia. Foram pra lá porque já conheciam o povo Xavante, quando os revoltosos estavam atravessando o norte goiano um grupo de xavantes e xerentes foi visitá-los no acampamento e ficaram amigos, esses índios acompanharam a Coluna por um tempo até saírem de Goiás. Havia uma identificação, porque ambos os grupos – os revoltosos e os índios – buscavam a libertação contra a opressão dos poderosos da época.



- Não é à toa que a tia Revoltosa acabou ficando por aqui, reflete o Juninho. Já me disseram que o Planalto Central foi um dos lugares que receberam de boa a Coluna. E isso porque o povo andava esquecido demais. O povo daqui andava tão esquecido pelo governo e pelos poderosos, que alguns moradores locais, mais esclarecidos, viram na Coluna uma chance de mostrar aos brasileiros que existia gente viva aqui. Parece que neste fim de mundo até mesmo o diabo é bem vindo.

E o Juninho começa a lembrar o que ouviu contar sobre a passagem dos revoltosos pelas nossas bandas.

- O Luis Carlos Prestes quase morreu no rio Tocantins, mas não foi de combate. Ele não sabia nadar e começou a se afogar na travessia, já estava indo rio abaixo quando um major chamado Lira deu conta de salvá-lo. Esse salvador depois morreu afogado na travessia do rio São Lourenço. Foi levado pela correnteza por causa do peso dos trecos domésticos que carregava, estava casado com uma vivandeira que veio de São Paulo, a enfermeira Elza, e teve um filho com ela durante a marcha. O Miguel Costa quase morreu também por aqui, mas foi de bala. Por pouco não pegava o coração.

Lembro da grande batalha no Jalapão. O estado-maior da revolução – Miguel Costa, Prestes e Siqueira Campos, ficou todo sitiado pelos soldados do governo dentro de uma casa, numa fazenda. E a tropa revolucionária restou perdida que nem cego em tiroteio, só levando chumbo lá fora. A coisa não ficou preta de vez, porque o governo errou o alvo final: o avião enviado para atacar os revoltosos caiu longe, antes de jogar as bombas sobre eles. A repercussão desse quase bombardeio sobre Goiás provocou tanta indignação do povo que o governo desistiu de mandar outro avião para acabar com os rebeldes. Ainda mais que o avião estava sendo pilotado por um oficial dos Estados Unidos, então essa interferência dos gringos foi muito criticada.

Juninho imagina as dificuldades que os rebeldes devem ter encontrado ao se embrenharem pelo sertão desconhecido numa guerra de guerrilhas. Dependiam da natureza e daquilo que conseguiam nas fazendas que invadiam pelo caminho.

-Se pra gente que é guia dos visitantes aqui, ainda hoje é difícil se embrenhar no agreste do Cerrado, imagine naquela época. E não é só o Cerrado, imagine a Caatinga que eles enfrentaram quando entraram no Nordeste. Como tirar água da Caatinga? Taí, meu. Vou me interessar mais pelas histórias desses loucos que aparecem e aprontam por aqui neste sertão de meu deus. As pessoas que a gente guia na Chapada dos Veadeiros não querem saber só de trilhas e cachoeiras, elas querem também ouvir histórias do lugar. Principalmente quando chove e não dá pra fazer grandes roteiros. Você sabe disso, cara, você mesmo é um colecionador de histórias do Planalto Central.

- As nossas histórias estão ficando importantes, mano. Isto aqui era o fim do mundo, mas desde que trouxeram a capital do Brasil pra cá, viramos o coração do novo mundo- Sabe o que eu descobri? As pessoas gostam mesmo de histórias do fim do mundo, sejam da antiga ou da nova era.

- Quando a história é boa, ela não tem mais tempo. Sempre é tempo de contar de novo.

- Falou tudo.

3

OCO DO MUNDO

Chegamos afinal em Barra do Garças.

A noite se anunciando nos convida a quietar e ficar por aqui em vez de atravessar o rio Araguaia rumo a Goiás como havíamos planejado.

Resolvemos dar um passeio na cidade e acabamos fazendo amizade com os participantes de um congresso de ufologia.

Acostumados com as conversas viajantes da nossa Chapada dos Veadeiros, não estranhamos os comentários sobre aparições de naves tripuladas por seres de outras dimensões. Mas notamos uma diferença: lá nos chapadões goianos esses visitantes chegam, supostamente, de outros planetas. O céu é o limite. Na lenda matogrossense, o interior da terra é o céu. Claro que isso dá um nó na cabeça, mas nem tanto, já que os mestres sempre nos disseram para olhar dentro. Porque o verdadeiro poder, assim como o maior mistério - é interior.

E afinal, a terra é ou não é oca? Descobrimos com os ufólogos que essa tem sido uma grande discussão científica através dos séculos.

Edmundo Halley, aquele mesmo do cometa, foi o primeiro pesquisador a introduzir o conceito da Terra Oca na ciência moderna. Halley baseou seus estudos nos cálculos de seu colega Newton, aquele mesmo que chamam de pai da física. O trabalho que ambos publicaram e traz as referências sobre a Terra Oca, chamou-se *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* e constitui a fundação para a ciência física moderna. Contam que alguns pequenos cálculos foram impressos de forma equivocada na primeira edição. Newton refez seus cálculos e tirou Halley da jogada na publicação seguinte. O homem que previu o cometa não desistiu, entretanto. Também refez seus cálculos e continuou a pesquisar e difundir a teoria da Terra Oca, supondo que o interior do planeta fosse composto por esferas concêntricas com amplos espaços vazios.

Outros depois dele deram continuidade à essa linha de pesquisa, e muito se calculou e publicou sobre o mundo intraterreno, na visão dos cientistas. Houve até quem sugerisse que vivemos numa superfície côncava, isto é, nosso mundinho está de cabeça pra baixo, voltado para dentro do globo e não pra fora, como imaginamos.

Enquanto os cientistas calculavam e reviravam o mundo pelo avesso pra saber como ele é, os poetas sonhavam com o centro da Terra e viajavam por fantásticas paisagens.

A vida intraterrena já foi cantada e contada em poemas, contos e romances. Para os artistas e os místicos, o mundo subterrâneo só faz sentido se houver beleza dentro dele.

Em 1982, a visão dos cientistas se aproximou do olhar dos poetas, conta um dos ufólogos que conhecemos em Barra do Garças. Tomografias sísmicas feitas por geólogos revelaram que o interior da Terra não é exatamente oco mas também não é inteiramente sólido – ele se compõe de várias camadas concêntricas e ao redor do núcleo existe uma paisagem de gigantescas dimensões onde se alteiam montanhas, se aprofundam vales e correm rios, numa visão parecida com os sonhos dos poetas e dos escritores.

- As fotos não mostram seres vivendo entre as montanhas e os vales vislumbrados no interior da Terra, mas naturalmente não se pode exigir de pesquisas tomográficas que revelem os portais ocultos por milênios e que dão acesso às civilizações intraterrenas, diz Henrique. Ele veio para Barra do Garças de São Paulo e já esteve mais de uma vez na Serra do Roncador, passando por exóticas experiências em suas cavernas.

A conversa segue animada, e saímos do barzinho onde conhecemos Henrique e sua amiga Rosane para jantar. Enquanto degustamos um peixe com vinho branco, o assunto deriva para a física quântica e a confirmação daquilo que antigos mitos de vários povos contam há milênios. Existem outras dimensões e realidades que desconhecemos.

- *Então, os índios que protegem mundos sagrados dos olhos profanos na Serra do Roncador, não podem mais ser chamados simplesmente de humanos primitivos e supersticiosos, lembra Juninho.*

- *E os lamas tibetanos que cultuam mestres invisíveis nas montanhas do Himalaia não podem ser ironizados como místicos crédulos e delirantes por aqueles que só acreditam nas três dimensões, comento eu.*

- *Esses é que estão por fora, pois as dimensões não são apenas três como nos sugere a ilusão da matéria concreta, concorda Henrique. Elas são bem mais que isso, e a materialidade que acreditamos ser tão sólida, não passa de uma ilusão dos nossos sentidos atrofiados. É mais que tempo de tirarmos esse véu diante de nossos olhos. Temos nos restringido ao exercício da mente concreta sobre a realidade material, ignorando outros sentidos que atuam em nosso organismo mas foram desativados por nós mesmos pela falta de uso.*

- *Somos aquilo que acreditamos ser e se acreditarmos ser mais, assim seremos, sentencia Rosane, a morena linda que está com o Henrique. Professora da Universidade de São Paulo, ela foi convidada pra dar uma palestra durante o congresso de ufologia sobre o encontro entre a ciência e a religiosidade através da física. A pedido do Juninho, Rosane nos brinda com alguns aperitivos de sua tese.*

- *Os pilares da ciência ocidental estão sendo colocados em xeque pelos novos paradigmas. A matéria não é tão sólida como se imaginava no século 18, e não obedece a leis exatas e imutáveis, como determinam os princípios mecanicistas da ciência acadêmica. Tal construção começou a desmoronar com Einstein e prosseguiu com outros pesquisadores e novas experiências, chegando-se à teoria de que a matéria tem uma natureza mutante e pode ser criada pela consciência. É a consciência, e não a matéria, a base de tudo que conhecemos. Na verdade, as coisas não são coisas como imaginamos. As coisas são meras possibilidades até que a consciência se detenha sobre elas e faça a sua opção. A consciência está além do espaço-tempo e converte uma possibilidade em evento pelo reconhecimento e a escolha. Nós somos essa consciência, mas o condicionamento nos mantém adormecidos e incrédulos para o nosso próprio poder de criar a realidade, diz Rosane, entre um gole e outro de vinho.*

- *Quer dizer que os seus olhos são verdes porque a minha consciência escolheu essa possibilidade?* pergunta o Juninho.

Acho que ele não esperava um sorriso tão lindo como resposta e, pela primeira vez nessa viagem, eu vejo o meu irmão ficar desconcertado.

Bohm. Esse papo de criar a realidade com a nossa consciência me faz lembrar os tempos em que descobri o David Bohm.

Para um jovem discípulo de Buda como eu, que procurava demonstrar a ilusão da realidade cotidiana e não encontrava amparo na dura materialidade do universo goiano, foi um alívio conhecer um cientista respeitado no Ocidente e que procurava demonstrar a mesma coisa. Pois o físico David Bohm afirma que, subjacente à realidade tangível da nossa vida cotidiana, existe uma ordem de existência mais profunda. As manifestações do nosso mundo físico são os resultados dos encobrimentos e descobrimentos entre essas duas ordens – uma implícita e a outra explícita. É assim que um quantum pode se manifestar como uma partícula ou como uma onda. Ambos formam um conjunto quântico, e a maneira como um observador interage com esse conjunto, determina quais aspectos se descobrem e quais permanecem ocultos.

Bohm. Aterrisei novamente na mesa e achei que estava na hora de oferecer uma outra resposta para o meu irmão.

- Na verdade, nem todos os físicos quânticos aceitam a idéia de que as partículas , ou as coisas, não existem até que sejam observadas. O David Bohm ressalta a importância de compreender a totalidade das coisas. Separar a consciência da matéria seria atentar contra a indivisibilidade do todo. Nada está separado e tudo faz parte do todo, garante o Bohm. Assim, eu e você não somos estranhos como parece, Rosane, e não somos criados pela mente do Juninho. A separatividade é a maior das ilusões e portanto, a consciência e a matéria andam juntas. Eu sou um outro você. O que não quer dizer, que o nosso padrão seja o mesmo. Pois cada fractal da realidade tem características únicas.

Seja como for, eu concordo com você, Rosane, que a nova física está criando uma outra ciência possível que, em lugar de se confrontar com a busca espiritual, pode complementá-la. A partir de suas descobertas, Bohm concluiu que essa mania tão ocidental e hoje quase universal de fragmentar a realidade, ignorando que tudo o que existe faz parte de um contínuo, é o mais trágico erro da nossa civilização. Ele se tornou quase que um pregador religioso, alertando para a necessidade de nos integrarmos uns aos outros e de integrarmos a nossa consciência à realidade do Todo.

- Pois é, Juninho, você não tem o poder de escolher a cor dos meus olhos e transformar essa escolha em realidade. Quem tem esse poder é a consciência cósmica, da qual fazemos parte, diz a Rosane. E o David Bohm é das antigas, Chico, desde o tempo dele, muitos físicos se debruçaram sobre essa questão da medição quântica. Um deles, e sobre o qual vou falar mais detalhadamente na palestra de amanhã, é o físico indiano Amit Goswami. Durante anos, ele se colocou uma questão fundamental: se a consciência é um fenômeno cerebral, como é que a nossa observação consciente pode transformar uma possibilidade em realidade – sendo que a própria consciência em si é uma possibilidade? Foi a partir daí que Goswami, assim como outros cientistas, se viram estimulados a deixar de lado os limites do materialismo para viajar no mesmo éter que embriaga os místicos há milênios. E chegaram à percepção de que a consciência é a base do ser. De todos os seres. A consciência é a própria base do universo. E dessa percepção está nascendo uma nova ciência.

Fomos assistir à palestra de Rosane no congresso de ufologia e na seqüência ficamos para ouvir uma exposição sobre a incrível aventura de Olaf Jansen, o navegador norueguês que disse ter entrado na grande abertura do pólo norte e saído do outro lado do planeta, pela grande abertura do pólo sul.

Os novos amigos que conhecemos em Barra do Garças não têm dúvidas quanto à existência de uma civilização intraterrena mais desenvolvida do que a civilização de superfície. E pelo que posso entender, não se trata de um único povo. Convivem no interior da Terra enviados das estrelas e sobreviventes de antigas civilizações da superfície extintas por catástrofes. O mito do mundo intraterreno que permeia diversas culturas espalhadas ao redor do planeta, incorpora a suposição de túneis subterrâneos que interligam diversas regiões, e algumas entradas ou embocaduras secretas na superfície.

É interessante observar como, nesse ponto, os místicos diferem dos aventureiros quanto à escolha das prováveis entradas. Para os sensitivos que buscam as respostas da alma as entradas intraterrenas se localizam principalmente em montanhas da Ásia e da América do Sul, mas para os exploradores que buscam as sensações do mundo externo, os portais de acesso se dão especialmente pelos pólos norte e sul.

Na época em que o navegador norueguês disse ter penetrado a terra oca pela abertura do pólo norte, ainda não havia sido inventado o avião, mas Olaf Jansen descreve as máquinas voadoras que serviam de transporte para os intraterrenos – algo que ele só havia encontrado



como referência anterior nos vinamas, os carros voadores descritos nos antigos Vedas. Aliás, a língua falada pelo povo subterrâneo, de acordo com Jansen, se parecia com o sânscrito.

Como se não bastasse o feito desse incrível cruzeiro pleno de peripécias desafiadoras, Jansen ainda garantiu ter vivido durante dois anos no centro da Terra, com os moradores de lá. Tudo isso, entre os anos de 1829 e 1831.

Assim como descreveu Júlio Verne em seu clássico *Viagem ao Centro da Terra*, Olaf Jansen também pontuou as dimensões intraterrenas como grandiosas. Seres gigantesco, arquitetura monumental, rios que parecem mares, árvores colossais. Apesar da grandeza assustadora, Jansen disse que os povos subterrâneos por ele encontrados são gentis, pacíficos e possuem cultura superior à nossa. Ele e seu pai buscaram propositadamente esse povo eleito pelos deuses, seguindo os ensinamentos das tradições escandinavas, que falam do paraíso terreal existente além do pólo norte.

Muitas das coisas que ele contou ter visto e vivido lá, hoje são conhecidas pela humanidade de superfície, mas na época pareciam invenções tão absurdas, que Olaf Jansen foi preso e posto a ferros logo que regressou, ainda no barco que o resgatou do naufrágio em meio aos icebergs do mar antártico. Isso, na primeira vez em que contou sua história. Quando tentou contá-la pela segunda vez para um parente, já instalado na casa paterna em Estocolmo, foi novamente preso e trancafiado num sanatório para doentes mentais, onde permaneceu sob protesto durante anos.

Olaf Jansen só teve coragem de contar novamente sua aventura entre os pólos muito tempo depois, poucas horas antes de morrer. Desta vez, ele foi bastante cuidadoso para escolher o seu confidente – um amigo escritor e editor, alguém acostumado a ouvir histórias fantásticas e, mais do que ouvir, a viver delas. A partir desse relato final de Olaf Jansen foi publicado um livro póstumo, *The Smoky God*. O nome faz referência ao sol central do interior da Terra, que é cultuado como uma entidade pelos moradores de lá e, sendo obviamente bem menos brilhante do que o nosso sol de superfície lembrou a imagem de um deus esfumaçado para o editor de Jansen.

O Juninho, que antes era o mais apressado de nós dois para cruzar de volta o rio Araguaia, está tão entusiasmado com as máquinas voadoras do interior da Terra, que resolveu ficar mais um tempo em Barra do Garças.

Eu já estou completando dez dias fora de casa e a saudade é grande. Não que seja um brasileiro apegado e não suporte ficar longe do lago Paranoá. É que minha namorada está me esperando lá, na casa à beira do Lago Norte, em Brasília. E cada momento perto dela me parece precioso, porque em breve não nos veremos mais.

Da minha janela no quarto da pousada em Barra do Garças, olho para os chapadões iluminados pela lua. Quando verei novamente esses monumentos? Quando estarei novamente tão perto da possibilidade de conhecer um pouco mais sobre esse remoto e desconhecido mundo intraterreno, que aqui parece tão próximo e familiar?

Lembro de alguns trechos de conversa com os pesquisadores que conhecemos. Henrique me falou sobre um exótico morador local, chamado Udo Oscar Luckner, que afirmava já ter ido e voltado ao mundo subterrâneo não apenas uma, porém várias vezes. Udo não foi posto a ferros como Olaf Jansen, e muito menos ficou trancafiado anos a fio num sanatório para doentes mentais em consequência de suas narrativas. Pelo contrário. Udo tornou-se um cidadão respeitado na região, com os imponentes títulos de Guardião do Monastério Teúrgico e Hierofante do Roncador.

Ao contrário de Olaf Jansen, que preferiu publicar memórias póstumas, Udo Oscar Luckner escreveu vários livros em vida, contando as maravilhas que conheceu nas suas vivências com os intraterrenos. Nenhum deles chegou a se tornar um bestseller, mas Udo ficou conhecido em alguns círculos e se tornou o herdeiro de alguns cadernos de anotações do mais célebre

personagem da Serra do Roncador – o coronel Percy Fawcett, explorador da Real Sociedade Geográfica da Inglaterra, que andou pela região e desapareceu em busca dos remanescentes subterrâneos da antiga civilização atlante.

Tantos assuntos excitantes são tentação demais pra mim, que vivo da descoberta de belezas geográficas, histórias saborosas e aventuras inesquecíveis para ofertar aos clientes durante as expedições que promovo.

Estelita, receba este beijo telepático, compreenda e perdoe a minha demora em voltar pra casa. Concordo com o Juninho em ficar mais um pouco em Barra do Garças. Quero conhecer melhor os mistérios do Roncador e seus exóticos personagens. E também quero lembrar histórias sobre a passagem da Coluna Costa-Prestes no Mato Grosso.

Existe um cruzamento interessante de fatos numa mesma época: quando o coronel Percy Fawcett e dois jovens ingleses se embrenharam no sertão do Mato Grosso, deixando atrás de si o rastro de um mito lendário, o sertão matogrossense recebia outros visitantes que também se tornaram mito e lenda: os revoltosos da Coluna Costa-Prestes.

Naquele mês especial de maio de 1925, os confins do Mato Grosso tornaram-se palco de manobras políticas internacionais e foco para as fofocas da grande mídia.

Nessa época se impôs a ingerência do governo inglês junto às autoridades brasileiras para que predominasse a vontade de sir Percy Fawcett, o real súdito de sua majestade, vetando completamente a participação de brasileiros na sua expedição. Pressões do corpo diplomático inglês junto à presidência da República do Brasil fizeram valer a vontade férrea do militar britânico, contra as recomendações expressas dos militares brasileiros que trabalhavam na região, inclusive o experimentado Marechal Rondon, na época presidente do Serviço Nacional de Proteção ao Índio. Rondon andava muito ocupado combatendo os revoltosos da Coluna Costa-Prestes quando o sir inglês se perdeu no mato, mas antes disso se confrontou pessoalmente com ele, advertindo que se penetrasse uma região bravia e desconhecida sem o apoio da gente nativa, sua expedição estaria condenada ao fracasso.

Ainda assim o explorador queria seguir sozinho com seu filho e um amigo. Achava que sua missão era esotérica demais para incluir pessoas estranhas ao mundo das civilizações ocultas. Percy Fawcett dizia que suas descobertas poderiam trazer luz para as origens da humanidade, possibilitando um melhor conhecimento sobre a nossa história e o nosso destino. Mas, a teimosia em não revelar seu rumo certo e não compartilhar com os brasileiros os resultados da expedição, despertaram suspeitas de que, além de motivações de cunho místico, haveria de sua parte interesses materialistas quanto à possível descoberta de valiosos tesouros. Ele já estivera andando pelos lados da Bahia, buscando o paradeiro das famosas minas de Muribeca. E desde os primeiros tempos logo após a conquista do Brasil pelos portugueses, se dizia que a lendária cidade de Manoa, muito procurada pelos exploradores como uma referência do mítico Eldorado, poderia ser encontrada nas

imediações da Serra do Roncador, entre os paralelos 13 e 14, nas proximidades da região demarcada por Fawcett em suas expedições.

Embora o governo brasileiro tivesse financiado expedições anteriores de Fawcett em busca de cidades ocultas e tesouros perdidos, esta última expedição estava sendo patrocinada por instituições inglesas e norte-americanas. Para elas o coronel pretendia encaminhar todo o resultado de suas descobertas. Com o seu sumiço, novas expedições se promoveram, na tentativa de resgatar os ingleses perdidos e, naturalmente, encontrar os tesouros sonhados. Além de um segredo místico e um mistério arqueológico, o que Fawcett deixou atrás de si foi também o sabor da aventura, o brilho da fama e o apetite da fortuna. Já se produziram muitos livros e filmes inspirados na sua história e umas 100 pessoas já morreram ou desapareceram sem deixar vestígios, nas diversas expedições promovidas em busca das pistas deixadas pelo explorador.

Tentando brevar o movimento de pessoas despreparadas para enfrentar o bravo sertão do Brasil Central, o sertanista Orlando Villas Boas apresentou à imprensa, em 1952, uma ossada que dizia ser de Percy Fawcett, e lhe fora mostrada pelos índios Calapalo, que contavam ter matado o expedicionário inglês devido ao seu comportamento descortês com alguns indígenas. A família de Fawcett, porém, não aceitou essa versão e os ingleses não reconheceram a ossada como pertencendo ao explorador desaparecido. As expedições em busca das pistas por ele deixadas continuaram.

As expedições planejadas não conseguiram encontrar a cidade oculta na selva, mas o avançar sem planejamento da civilização chegou lá.

Passados 80 anos da aventura de sir Percy Fawcett, os satélites estão revelando vestígios indiscutíveis de uma sofisticada civilização em plena selva amazônica. Essa foi uma das informações divulgadas no Congresso de Ufologia que mais me impressionaram. As fotos de satélite foram publicadas recentemente numa revista norte-americana, com entrevistas e comentários de arqueólogos.

A devastação da floresta vem descobrindo pouco a pouco o traçado urbanístico e arquitetônico de uma rede de antigas cidades a leste dos Andes, no Alto Amazonas. As fotografias dos satélites mostram estradas e ruas geometricamente alinhadas, praças, pontes, paliçadas, fossos e ruínas de habitações diversas. A extensão da descoberta, segundo os pesquisadores que se debruçam sobre ela, pode abranger desde o norte da Bolívia, subindo a encosta oriental dos Andes, aos estados brasileiros de Mato Grosso e Amazonas. Justamente a área onde Percy Fawcett dizia existir uma antiga civilização remanescente da Atlântida.

Nos últimos anos foram identificados nessa região diversos assentamentos pré-colombianos, e os pesquisadores acreditam que os achados representam apenas 10% da civilização oculta na selva. Os cálculos preliminares indicam que cada um dos assentamentos poderia abrigar de dois mil a cinco mil habitantes – comunidades similares, em tamanho, às cidades

medievais européias – e o total do complexo civilizatório pode ter chegado a centenas de milhares de habitantes.

Pela descrição dos que analisam as fotos e dos que pesquisam in loco, essa antiga civilização amazônica possuía um grande senso de estética e monumentalidade. Além do acurado geometrismo das vias de acesso, as praças se alinhavam com os pontos cardeais, e algumas construções parecem ter finalidades astronômicas.

As características da descoberta, incluindo sua localização e abrangência, conferem com a fantástica história escrita nos idos de 1970 por um jornalista alemão, Karl Brugger. Seu livro, intitulado *Crônica de Akakor*, descreve um império que existiu na Amazônia durante milênios. A história desse império foi relatada ao jornalista por um indígena remanescente do povo que o habitava. Tatunca Nara era o nome do indígena, e Ugha-Mongulala o nome de seu povo. Ele disse viver em Akakor – uma das cidades principais do antigo império, que possuía comunicação com os povos d'além mar e teria sido formado por seres extraterrestres que os nativos chamavam de Primitivos Mestres. Esses mestres primevos teriam chegado na Amazônia há cerca de 15 mil anos, em barcos dourados que vieram dos céus.

O livro de Karl Brugger fez sucesso na Europa, mas aqui no Brasil as coisas não andaram muito bem para ele. Quando voltou para cá na intenção de aprofundar sua história, Karl Brugger foi assassinado no Rio de Janeiro, e Tatunca Nara sofreu uma campanha de descrédito por parte das autoridades em Manaus. Um outro escritor, o suíço Erik Von

Daniken, seguiu a pista de Brugger e conseguiu se encontrar com Tatumca Nara na Amazônia, confirmando a sua história, mas não chegou em Akakor. Quem conseguiu fazer um trabalho de sucesso inspirado na *Crônica de Akakor* foi o cineasta Steven Spielberg com seu filme Indiana Jones e a Caveira de Cristal. Spielberg passa uma importante mensagem no final: o lendário tesouro do Eldorado buscado por centenas de exploradores durante séculos não trata de riquezas materiais, mas sim de um precioso conhecimento sobre a história da terra e sua humanidade – como intuía Percy Fawcett.

Com tanta gente famosa envolvida na mesma história, e à luz das descobertas recentes da arqueologia, vale a pena recordar um pouco da *Crônica de Akakor*. Ela relata que os visitantes espaciais conheciam as leis do Universo, incluindo o curso das estrelas e os mistérios da natureza. Dispunham-se a partilhar seu conhecimento com os terrestres e escolheram, entre as tribos nômades, algumas famílias que agruparam em uma tribo destinada a servi-los – os Ugha Mongulala, ou Tribos Escolhidas Aliadas, que se tornaram seus descendentes e teriam sobrevivido até os nossos dias, cada vez mais acudados pelos “brancos bárbaros”. Quando Karl Brugger esteve com Tatumca Nara e relatou sua história em livro, a tribo estava vivendo na fronteira entre Peru e Brasil, perto do lugar conhecido como Madre de Diós.

Os Primitivos Mestres, considerados como divindades pelos nativos, teriam ficado com os Ugha Mongulala durante três mil anos. Partiram pouco antes do grande dilúvio, há 12,5 mil anos, mas antes de partir, instruíram os servos escolhidos a se refugiarem nas cidades

subterrâneas que construíram, legando a eles a coordenação do reino. Segundo a *Crônica de Akakor*, existiram 26 cidades na superfície da terra e 13 abaixo dela, integradas por uma rede de túneis. Na época em que Tatum Nara e Karl Brugger se conheceram, Akakor estava sendo desmantelada pelos próprios moradores para não ser encontrada pelos “bárbaros brancos” e os Ugha-Mongulala retiravam-se para as cidades subterrâneas pela terceira vez nos últimos 12,5 mil anos. Eles não temiam apenas a invasão dos “bárbaros brancos” ao se retirarem novamente para o interior da Terra. As tradições de Akakor revelam que em períodos cíclicos de aproximadamente seis mil anos, a Terra passa por grandes mudanças e os efeitos sobre a sua superfície podem ser devastadores. Por isso, os antigos escritos já recomendavam um novo recolhimento para os tempos que correm agora.



Fotos de satélites
revelando
marcas urbanísticas e
arquitetônicas
no solo da Amazônia



Voltando ao histórico maio de 1925, enquanto Fawcett, seu filho e um amigo desapareciam em silêncio no sertão matogrossense, atraindo as atenções do mundo civilizado e provocando farto noticiário, os revoltosos apareciam ruidosamente numa coluna em marcha de 1 500 pessoas - que não mereceu maiores atenções da grande mídia e permaneceu oculta para o grande público.

Naturalmente, as autoridades civis e militares sabiam que os rebeldes provenientes de São Paulo e do Rio Grande do Sul entravam novamente em território brasileiro, após enfrentarem condições adversas em território paraguaio, por onde marcharam para fugir ao ataque das tropas do exército brasileiro que os acuara no Paraná. Os revoltosos entraram novamente no Brasil pelo sul do Mato Grosso, sem cavalos, com as roupas em frangalhos, e sem os canhões que traziam de São Paulo – abandonados por ordem do comandante Miguel Costa para facilitar a inóspita travessia dos pantanais e atoleiros do caminho.

Apesar da situação calamitosa em que se encontravam os combatentes, a vanguarda revolucionária obteve vitórias surpreendentes contra as tropas do exército que os esperavam nas proximidades da fronteira entre os países. Em marcha pelos campos do Mato Grosso, os rebeldes conseguiram arrebanhar bois e cavalos, reanimando-se a ponto de vencer os legalistas com rápidos e fulminantes ataques de cavalaria.

Essas notícias foram censuradas para a imprensa e o grande público, mas alguns representantes das potências estrangeiras sediados no Rio de Janeiro tinham acesso aos

informes e pelo menos um deles torceu pelos rebeldes: nada menos do que o embaixador dos Estados Unidos, Edwin Morgan. Ele se baseava numa entrada anterior dos revoltosos em território matogrossense, comandada por Juarez Távora com uma tropa de 400 homens que haviam feito a revolução em São Paulo. Eles pretendiam transformar o estado do Mato Grosso em Estado Livre do Sul, de onde partiriam com um grande exército para novamente conquistar São Paulo e prosseguir na tomada do palácio presidencial no Rio de Janeiro.

O embaixador estadunidense era favorável à criação de uma nova república no sul do Brasil, por questões diplomáticas e políticas. Com o retorno dos revoltosos ao Mato Grosso, numa tropa consideravelmente reforçada pelos combatentes do Rio Grande, ele esperava que os históricos ideais separatistas dos sulistas vingassem finalmente, já que a população da região mais ao sul do Mato Grosso era majoritariamente proveniente do Rio Grande.

O conagraçamento entre os sulistas realmente ocorreu, mas não da forma como esperava o embaixador estadunidense. Com a derrota das tropas do governo, a população de Ponta Porã inicialmente fugiu, assustada com os boatos sobre a violência dos rebeldes. Aos poucos, os moradores foram retornando, e ao reconhecerem boa parte dos revoltosos como conterrâneos, passaram a tratá-los com simpatia e amizade. A permanência dos combatentes no Mato Grosso transformou-se então numa festa. Do outro lado da rua principal de Ponta Porã estava Pero Juan Caballero, cidade paraguaia com movimentada vida noturna. Sentindo-se em casa pela acolhida favorável, os revoltosos relaxaram a vigilância e foram se divertir nos cabarés paraguaios.

Os nativos de Pero Juan Caballero não gostaram de ver suas raparigas sendo cortejadas pelos brasileiros, e logo o conflito estava armado, com tiroteio e tudo. O tamanho da farra assustou os comandantes, que trataram de juntar os homens para partir rapidamente e assim evitar mais uma noite de gandaia. No caminho, os comandantes perceberam que novos soldados haviam se agregado às tropas. Observando melhor, perceberam que os novos combatentes eram raparigas paraguaias vestidas com roupas de homem. Desta vez, as novas vivandeiras agregadas não tiveram chance. Foram obrigadas a deixar cavalos e cavaleiros, voltando a pé para o Paraguai.

Resolvido esse pequeno incidente de relacionamento, os comandantes se viram às voltas com um outro e maior problema das relações entre os combatentes: as diferenças entre sul-riograndenses e paulistas provocavam desentendimentos e criavam indesejável desarmonia entre as duas brigadas.

Surgiu então uma proposta: unir as duas brigadas numa só, para que todos se ajudassem em vez de se rivalizarem. A idéia partiu de Prestes, e a grande maioria dos oficiais aprovou a junção. Assim, em lugar de permanecerem no Mato Grosso proclamando uma república independente como desejava o embaixador dos Estados Unidos, os sul-riograndenses se misturaram com os paulistas para formar uma única e irmanada coluna, composta por quatro destacamentos mistos. E assim prosseguiram por mais de dois anos como uma grande e singular família, cruzando o território brasileiro de sul a norte e de leste a oeste.

4

TEMPLO VIAJANTE

Enquanto atravessamos o rio Araguaia na direção de Goiás, Juninho conta entusiasmado sobre a grande expedição que está se armando pra pegar a trilha de Olaf Jansen no pólo norte e conhecer o povo com quem ele disse ter vivido no interior da Terra.

Um famoso explorador internacional anda recrutando pessoas pra visitar o paraíso escondido dentro da Terra. Seu navio quebra-gelo já está pronto para a expedição em busca da grande abertura do pólo norte.

Existe porém, um detalhe impeditivo nas informações sobre a grande aventura: para participar dela, é necessário pagar 19 mil dólares. Digo ao Juninho que, da minha parte, prefiro seguir os conselhos de nosso parente xavante e fazer contato com o povo intraterreno através dos sonhos. Não é exatamente o que um garoto irrequieto como o meu irmão espera ouvir, mas de qualquer forma ele acaba recostando a cabeça no banco do carro e fecha os olhos.

Estou ansioso pra chegar em Brasília e abraçar Estelita, mas antes preciso deixar Juninho em casa na Chapada dos Veadeiros e conversar com meu pai na fazenda.

Quando chegamos em Alto Paraíso de Goiás, encontramos Prestes e Lula sentados na sarjeta, em frente à prefeitura. Lula está um pouco nervoso e Prestes procura acalmá-lo. Quando chegamos perto, percebemos que falamos de Siqueira Campos.

Lula costuma se exaltar às vezes e nesse dia, está bom de discurso. O monumento desenhado por Oscar Niemeyer para homenagear a passagem da Coluna Costa-Prestes pelo estado de Goiás não vai ficar na praça pública de Alto Paraíso como Lula sonhou. A prefeitura de Alto Paraíso cedeu espaço na praça, mas não deu o dinheiro pra mandar fazer o monumento aos revoltosos. Prestes diz que, afinal de contas, não tem tanta importância assim, porque o governador Siqueira Campos, do estado de Tocantins, que fazia parte de Goiás no tempo da Coluna, gostou da idéia e promete praça, dinheiro e festa de inauguração para o monumento. Também, com esse nome, ele tem que fazer alguma coisa, diz Lula, lembrando as traquinagens do jovem tenente Siqueira Campos nos sertões goianos, quando ele e seu destacamento se perderam por aqui.

Historiador e guia, meu amigo Lula Chandrodaya conduziu o filho de Luis Carlos Prestes, que tem o mesmo nome do pai, pelas trilhas da Chapada dos Veadeiros, enquanto este refazia o traçado da marcha quase 80 anos depois, para compor uma série de reportagens que foram publicadas numa revista do Rio de Janeiro.

A presença do filho de Prestes em Alto Paraíso foi decisiva para o meu resgate do tesouro do bauzinho perdido, pois as andanças dele com o meu amigo Lula pelo Planalto Central é que me trouxeram a pista da vivandeira que ficou com os Xavante. Acompanhei algumas entrevistas da reportagem com os moradores locais e fiquei mexido com as conversas. Veio então a vontade de, por assim dizer, puxar o meu fio daquela meada histórica.

Entre tantas perguntas, Luis Carlos queria saber como os moradores de Goiás entendiam a grande marcha dos rebeldes que passaram pela região duas vezes - no segundo semestre de 1925, quando caminhavam pela vitória, e no segundo semestre de 1926, quando se encaminhavam para o exílio.



Eu me lembro de um trecho do depoimento do seu Dimas, morador de Alto Paraíso que era menino quando a Coluna invadiu a fazenda de sua família, devorando quanta comida existia e levando todos a fugirem de medo e se esconderem no mato. Seu Dimas disse que aquela revolução foi para ele como uma bola de fogo. Misteriosa, pairava sobre sua infância. Ele não conseguia entender sua origem nem seu fim.

Outro morador de Alto Paraíso, o Amano Subhoda, que foi militante de um grupo anarquista na Alemanha, disse para o filho do Luis Carlos Prestes que os revoltosos praticaram uma ioga transcendental no coração do Brasil e se iluminaram. Ele dizia ter um certo conhecimento de causa, porque após aterrorizar durante alguns anos a Europa, Amano resolveu largar a militância política e se espiritualizar no coração do Brasil. Passou um bom tempo percorrendo a Chapada dos Veadeiros em seu Templo Viajante, que consistia nele mesmo e seu cavalo. Se alimentava principalmente de frutas e raízes, sempre carregando milho para o cavalo, até que resolveu simplificar a vida no Templo e passou a comer a mesma comida do cavalo. Aprendeu a fazer de tudo com o milho e atualmente, dá cursos de culinária terapêutica.

A sabedoria não está contida apenas nos livros, disse o anarquista de Munique para o repórter da Coluna. Ela anda espalhada nas paisagens e entra na gente quando caminhamos. Os rebeldes que por aqui andaram foram banhados pelo dourado do sol, o azul do céu, o verde das matas. Em estado de constante alerta e atenção, aos poucos foram despertando.

Despertos ou não, alguns revoltosos conseguiram ver nas encostas sombrias as casas e as gentes que iriam povoar e colorir anos depois o Planalto Central.



Tia Revoltosa contou que os moradores do Planalto esperavam se redimir da miséria com a construção de Brasília, a nova capital do Brasil, que já tinha até pedra fundamental lançada em setembro de 1922, com banda de música e tudo, numa cidade chamada Planaltina. Os moradores ainda falavam nisso e sonhavam com isso, anos depois.

Quando a tão sonhada capital foi inaugurada, mamãe veio conhecer as verdes águas do meu Goiás. Ela nunca encontrou a tia Revoltosa e seu filho xavante, mas conheceu meu pai. Nessa época, ele andava desnorteado porque estavam represando o rio da sua infância, o Paranoá, para formar um grande lago e trazer mais umidade ao clima quente e seco do Distrito Federal. Ao mesmo tempo em que andava desconcertado por isso, meu pai também se entusiasmava porque finalmente estavam construindo Brasília. Sua família e muitas outras gentes do Goiás esperavam por isso há longos anos. Desde que os primeiros expedicionários vieram para o Planalto Central, antes dos revoltosos.

Os expedicionários da Missão Cruls vieram do Rio de Janeiro no final do século 19, com ordem do primeiro presidente da República do Brasil, para reconhecer e demarcar as terras onde seria construída a nova capital federal. Eles acamparam perto da fazenda do meu bisavô e percorreram a cavalo todo o Sertão do Campo Aberto, que era como se chamava então este Planalto Central. Outros expedicionários vieram depois, mas demorou mais de meio século para que as terras reconhecidas, pesquisadas e demarcadas fossem finalmente desapropriadas. Quando isso aconteceu, a família de meu pai e outras famílias goianas se reuniram diante da cruz que haviam plantado no antigo acampamento dos primeiros expedicionários, e ali rezaram a primeira missa por Brasília. O presidente da República, que na época era o Café Filho, foi convidado, mas não apareceu. Mamãe também não apareceu nessa primeira missa mas esteve numa outra, anos depois, na Ermida Dom Bosco, construída em homenagem ao santo que sonhou Brasília um século antes dela acontecer. Foi nessa missa, rezada à beira do lago Paranoá, que ela conheceu papai.

5

NINFA DO CERRADO

Seguimos para a fazenda onde nosso pai nos espera curioso sobre a grande aventura que vivemos no planalto matogrossense. Deixamos Lula e Prestes olhando para o horizonte e sonhando com um monumento aos revoltosos entre os chapadões.

Eu sei que papai aguarda notícias da tia Revoltosa. É uma maneira de trazer novamente a lembrança de mamãe pra dentro de casa. De Barra do Garças eu lhe telefonei, contando sobre o encontro com nosso parente Xavante. Mas ainda não contei sobre as cartas revolucionárias que trouxe do Mato Grosso.

Antes que possamos comentar alguma coisa, Oréade chega da cozinha com a minha perdição: as mais saborosas pamonhas que já provei e que só ela sabe fazer. Após um dia inteiro de viagem e um completo festival do milho, eu só podia mesmo ir para a cama.

Acordo no dia seguinte com o canto dos pássaros e o mugido das vacas, saltando da cama para abrir as janelas e admirar a paisagem que mais gosto e me acompanha desde a infância: as encostas verdejantes dos chapadões goianos. Adoro abrir as janelas e ver que elas estão lá, pastando nas encostas. Ao mudarem de pasto, conduzidas pelos peões, elas passam pela trilha em frente à casa, e algumas se desgarram, vindo pastar em nosso quintal.

Mais de uma vez me perguntaram como posso ser vegetariano, sendo filho de um goiano e uma gaúcha, que são dos povos mais carnívoros do Brasil. O buraco é mais embaixo e os motivos são muitos, mas prefiro resumir tudo numa resposta muito simples e que expressa a minha verdade mais próxima: eu não como carne porque amo as vacas.

Cresci entre elas. Morava com meus pais em Brasília e passava os fins de semana e as férias na Chapada dos Veadeiros, na fazenda. Quando era criança, peguei amizade com uma vaca. Às vezes, com o gado recolhido no curral para a ordenha, eu ia conversar com a Preta. Ela se destacava das outras por ter o pelo reluzente, completamente negro. Era muito linda. Era também muito boa de leite e costumava nos servir logo pela manhã. Meu avô gostava de juntar a criançada no curral para o primeiro alimento do dia. O leite espumante enchia as nossas canecas e nas manhãs frias de inverno, vovô sacava um frasco de prata do bolso do casaco, aumentando nosso deleite com seu conhaque francês.

Minha alegria era compartilhada com o bicho manso que estava ali. Depois de beber o leite e

fazer bigode com a espuma, pedia para o meu avô me colocar em cima da Preta. Olhando todos de cima daquele animal grande e majestoso, eu me sentia o menino mais importante e corajoso do mundo.

Um dia cheguei na fazenda para o fim de semana e não vi a Preta. Ela não estava pastando nos chapadões, não passou em frente de casa junto com a boiada e não estava no curral de manhã quando fomos tomar leite.

-Vovô, onde está a Preta?

-Bom, Chico, ela estava ficando velha e foi sacrificada.

Na hora do almoço, quando minha mãe fritava os bifês, não tive coragem de entrar na cozinha. O chiado da carne na frigideira me parecia o choro da Preta sendo morta. Sentei na soleira da porta e chorei com ela.

Passei uma temporada sem comer carne. Mamãe tentou de tudo. Assada, enroladinha, picadinha, moída. Fez até estrogonofe, um prato desdenhado pelo meu pai, que o chama de picadinho metido a besta. No churrasco do fim de semana, vovô se esmerou. Vinha me trazer os pedaços mais suculentos, mas eu recusava todos, para sua consternação. Afinal, por pressão da família e também porque as opções à mesa não eram tão atraentes, eu voltei a comer carne. Naquele tempo, se achava que não era possível sobreviver sem ela.

Descobri que isso não é verdade aos 17 anos.

Recebi de presente uma coleção sobre os grandes pensadores do mundo e descobri o Buda, que viveu há quase três mil anos.

São muitos os ensinamentos que Sidarta Gautama legou para a humanidade. Eles são encabeçados por cinco preceitos principais, que formam os pilares da doutrina budista. O primeiro deles é: “Não matar e não causar mal a nenhum ser vivo”. Atualmente existem milhões de budistas no mundo, praticando milenar tradição vegetariana – que também é observada em outras culturas religiosas do Oriente.

Após ler o Buda e me iniciar nas práticas da meditação, eu comecei um novo processo de abstinência da carne. Desta vez, foi papai quem ficou consternado. O ofício honroso de churrasqueiro da família havia sido transferido de meu avô para ele, e jamais me esquecerei do seu olhar magoado e perplexo, ao ver o primogênito recusar as costelas gotejantes de gordura que eram a especialidade da família.

O churrasco nos fins de semana tem sido um ritual sagrado entre os meus familiares. Para eles, não há qualquer contradição entre gostar dos animais e comer a sua carne. Meu avô ensinou que os animais que vivem perto de nós fazem parte da família. Eles devem ser tratados com respeito e compaixão. Eu me lembro da minha mãe enciumada, dizendo que papai cuidava mais dos bichos da fazenda que dos próprios filhos. Pois com a mesma dedicação que tem para com os animais vivos, meu pai os transforma em churrasco e

oferece como alimento para aqueles que ama. Dá o melhor de si nessa tarefa. Para ele, esse é um processo natural.

Assim tem sido em nosso mundinho sertanejo. No mundão industrial e capitalista, o processo deixou de ser natural. O frenesi de consumo e lucro transformou os animais em máquinas de produção. Não existe qualquer respeito ou compaixão na maneira como são criados, mortos e processados para o consumo. Tenho visto fotos e filmes estarrecedores sobre as torturas a que são submetidos os animais confinados, para que produzam sempre e mais. Já vi imagens de vacas com os úberes deformados, inflamados e inchados pelo excesso de ordenha mecânica e de remédios para aumentar a produção. Mesmo assim, com as vacas doentes, a ordenha não pára, e junto com o leite, vêm o pus e os antibióticos para o nosso consumo.

Uma vez eu trouxe um filme desses pra ver na fazenda. Ele mostra as diferentes maneiras como a humanidade está se relacionando com os animais e as atrocidades que estão sendo cometidas contra eles. Não chegamos à metade do filme e meu pai se recusou a continuar assistindo.

- Chico, em respeito às crianças que estão na sala, nós não vamos continuar assistindo a esse filme agora.

Havia apenas uma criança na sala – nosso irmãozinho mais novo, filho de papai com a Oréade e que já estava cochilando nos braços dela. Na verdade, a criança ferida pelas

imagens do filme era o meu próprio pai. Ele se levantou pálido da poltrona e, após desligar o vídeo, foi tomar um ar na varanda.

Pois é. Também vou desligando a telinha das lembranças pra tomar um ar na varanda com a família e ajudar o Juninho a “enfeitar” nossas aventuras no Mato Grosso.

Papai se diverte quando narramos a nossa audaciosa travessia pela forte correnteza do rio, que ameaçava nos levar a todo momento, e como arriscamos a vida pra salvar o bauzinho velho e meio comido pelos bichos que guarda as cartas da tia Revoltosa.

Comentamos a seguir sobre a devastação que a cultura da soja está provocando na paisagem matogrossense. Além da natureza devastada, também as populações locais sofrem. Altamente mecanizada, a produção de soja se contrapõe à produção de cultura familiar. Os trabalhadores estão sendo expulsos pelas máquinas e comunidades inteiras são extintas. Dá tristeza e revolta de ver o sertanejo sendo pressionado pelos empresários do agronegócio a entregar sua terra e sua casa por preço barato. As famílias acabam migrando para as periferias das cidades, onde em pouco tempo se acaba o dinheiro ganho com a venda das terras, e não se pode mais plantar pra comer.

- Meus filhos, eu compreendo o que vocês estão falando, mas às vezes, não dá pra lutar contra a correnteza, diz meu pai. A soja já está invadindo a Chapada dos Veadeiros, trazida

principalmente pela gente do sul. E pra falar a verdade, eu andei me entusiasmando com as conversas dessa gente, que anda ganhando dinheiro e parece tão orgulhosa das suas terras. Outro dia eu ouvi uma guria da sua idade, Juninho, dizer que sente orgulho de ser gaúcha porque dá pra reconhecer de longe as terras do povo que veio do sul, tão limpinhas e arrumadinhas.

- Pai, que é isso, pai! Limpeza e arrumação das terras? Isso é crime! pula o Juninho. Estão destruindo o Cerrado. O povo do sul já detonou por lá as florestas e os banhados. Ficou o Pampa, que sempre foi uma terra boa de criar gado porque tem pouca vegetação e não precisa desmatar. Mas agora, até o Pampa estão querendo destruir com as plantações de eucaliptos, que sugam toda a água da terra. E depois de destruírem o Pampa, eles vão querer transformar o Cerrado em Pampa!

Pois é. Os conterrâneos dos paulistas e sul-riograndenses que aterrorizaram o Planalto Central nos tempos da coluna Costa-Prestes, seguiram as pegadas dos revoltosos e vêm tomando de assalto as nossas terras. O que não queimaram antes, estão queimando agora. Não resisto, e conto uma piadinha que ouvi numa organização sócio-ambiental de Brasília: "Você quer mesmo salvar o Cerrado? Então, mate um sulista!".

A conversa é interrompida pela Oréade, que traz uma bandeja com suco de laranja e biscoitos de nata pra nós.

Enquanto encaro a primeira etapa do café da manhã – com a Oréade em cena, ele se estende em várias etapas – penso na piadinha. Eu não quero matar nenhum sulista. Eu quero é conversar com essa gente que está chegando por aqui do Sul, principalmente quando essa gente se apresenta de bumbum arrebitado dentro das calças apertadas, peles delicadas como porcelana, cabelos sedosos de todas as nuances, do loiro platinado ao negro ébano, e olhos da cor do céu, da terra e do mar. São maravilhosas as mulheres que chegam do Sul e tenho me consagrado à nobre missão de recebê-las. Mostro-lhes as nossas belezas, as nossas riquezas e as amplas possibilidades de ganho que a nossa natureza oferece.

Subo com elas as encostas dos chapadões, para que apreciem a visão fantástica dos nossos mares de morros, com os campos de flores formando ondas ao vento.



)

Mergulho com elas nas entranhas da terra, para que se banhem nas cachoeiras monumentais que despenham em canions profundos. Eu me sento com elas em meditação nos jardins de cristal e as levo a caminhar nas antigas trilhas cavaleiras. Passeamos pelas matas de galeria e as veredas tropicais, saciando a nossa sede com a água pura que brota em meio aos buritizais.



Este Planalto Central é o berço e o coração do Brasil. Tem um solo muito antigo, gerador de vários ecossistemas. Gosto de conversar sobre este berço esplêndido com as mulheres do Sul. Além de lindas são também inteligentes, e através do coração das mulheres, eu vou amansando o coração dos homens para que respeitem o Cerrado e não destruam as nossas riquezas.



-Pai, você sabia que mais da metade das florestas tropicais do mundo já foram destruídas, principalmente pra formar pastos ou plantar os grãos que entre outras coisas, se transformam em ração para alimentar o gado?

-Ah, Chico, lá vem você com seu vegetarianismo ... Por que não mira o exemplo dos antigos? Nossos antepassados comedores de carne tiveram vida longa e saudável.

-Não se trata de uma questão de saúde, pai. Acontece que a realidade vivida por você e pelo vovô não é a mesma realidade que enfrentamos hoje. O que foi bom pra vocês talvez não seja bom pra nós agora. Vivemos num mundo onde as transformações estão acontecendo de maneira incrivelmente rápida e precisamos nos transformar também e transformar nossos hábitos, se quisermos que a humanidade continue existindo. Atualmente se fala muito na revanche da natureza contra as agressões que ela vem sofrendo. Eu penso que aqui no Brasil, a revanche maior e mais silenciosa é do reino animal - representada principalmente pelo gado que está sofrendo com os maus tratos da indústria e sendo morto com crueldade. O Brasil tem um dos maiores rebanhos do mundo, e para formar pastagens e plantar a soja que vai virar ração se desmata muito. Vocês que são proprietários queimam a terra a fim de forçar o rebrote das pastagens pra manter os rebanhos durante a seca. E aí o bicho pega, pai. Você sabe disso. O solo se acaba, o clima esquenta e os rios secam. As mudanças climáticas já estão mudando o regime dos ventos, que se tornaram mais intensos, e as queimadas estão se transformando em incêndios de difícil controle.

- Ainda bem que a natureza é sábia, palpita a Oréade com seu jeitinho manso. Eu tenho ouvido falar das crianças que se recusam a comer carne desde cedo. A nova humanidade já está vindo preparada pra desenvolver uma nova cultura.

Papai apenas balança a cabeça e sorri enquanto a gente fala. Tem sido assim nos últimos tempos. Ele ouve as nossas argumentações contra a cultura da soja e da carne que ameaçam o Cerrado e sorri do nosso ecologismo, resistindo em abrir mão dos hábitos goiúchos. Mas a Oréade, não. A Oréade também sorri pra nós, mas de um jeito diferente. Ela balança a cabeça afirmativamente, e seus grandes olhos negros brilham, concordando conosco.

É claro que buscamos a cumplicidade da madrasta para realizar nossos planos.

Após muito conversar sobre a necessidade de transformar a antiga cultura da carne e a nova cultura da soja que se impõe na Chapada dos Veadeiros, eu e o Juninho percebemos que precisávamos colocar mãos à obra e mostrar para o nosso pai como é que podemos viver daquilo que o Cerrado dá. E pra isso, contamos com o apoio da Oréade.

Porque ela também não ganhou seu título de nobreza à toa. O nome Oréade foi um apelido carinhoso que papai lhe deu ao conhecê-la, e significa a Ninfa do Cerrado. A Oréade é um autêntico fruto da terra. Tem sangue Kalunga, nome de uma comunidade quilombola aqui da Chapada, misturado com sangue índio do nosso sertão. O resultado é uma morena magrinha,

de longos cabelos negros, maçãs do rosto salientes e olhos sorridentes. Nela, o olhar brejeiro fala mais que as palavras. Papai diz que a Oréade é feita de silêncios. Diz também que ela é a mais bela flor que o Cerrado já produziu.

Pois além de tudo isso, a nossa madrasta vem provando que é também uma ervateira e raizeira de mão cheia. Conhece como ninguém as plantas curativas e, com nosso estímulo, vem formando um viveiro de mudas. O Juninho está aprendendo com ela a identificar e secar ervas, e a transformar folhas e raízes em xaropes, pomadas e infusões. Para embalar os produtos, o Juninho corta cabaças do mato e trança a palha dos buritis e das bananeiras em criativas embalagens. Fizemos um teste deixando alguns produtos na cidade e além dos produtos, também as embalagens foram elogiadas. Entusiasmado, o Juninho quer fazer experiências com vasos e cestas. A Oréade teve a idéia de trazer o irmão dela para ajudar, e com ele veio uma outra idéia luminosa: desidratar ao sol as frutas que se perdem no pomar e transformá-las em passas. Está começando a produção de algumas iguarias: banana-passa, manga-passa, abacaxi-passa. E as receitas de novos quitutes regionais continuam brotando da mente fértil e dos dedos hábeis da nossa Ninfa do Cerrado: paçoca de baru, creme de gergelim, castanhas de jaca, rapadura de mamão e geléia de mangaba.

Queremos mostrar para o nosso pai que a terra cerratense é um grande tesouro, oferecendo variadas riquezas entre as múltiplas paisagens. Aos poucos, vamos convencê-lo de que manter a natureza viva e o Cerrado em pé pode ser muito mais rentável e gratificante do que sair cortando árvores para plantar soja ou formar pastagens. Ele nem precisará mudar tanto

assim os seus hábitos. Continuará levando a produção da fazenda todas as manhãs para a cidade, só que além do leite e dos queijos, irão também os remédios naturais, os artesanatos, as frutas secas, as paçocas, as castanhas, os cremes, rapaduras e geléias.

Recentemente, o Juninho trouxe uma novidade a mais. Concluiu que, além de criativo, o poder das suas mãos é também curativo.

Esse menino esperto andou aprendendo técnicas de aplicação de barro no corpo - que em Brasília chamam de argilaterapia. Algumas das integrantes dos grupos que eu trago da cidade pra passear na Chapada durante os feriados, já chegam agendadas com o Juninho: elas se entregam às mãos fortes, hábeis e carinhosas do meu irmão, deixando o cansaço da cidade no barro que ele molda em seus corpos.

Enquanto vamos descobrindo as vocações da terra onde vivemos, vamos descobrindo também os nossos próprios talentos. Nós cuidamos da terra e a terra cuida de nós. Quanto mais nos envolvemos com ela, mais nos revela os seus e os nossos segredos.

6

DEUSA DA TRANSFORMACIÓN

Após o almoço com a família me preparo pra pegar a estrada novamente. Quero chegar em Brasília antes do anoitecer. A chuva parou e pela estrada afora me espera um arco-íris.

Se for esperto, terei tempo de ver o sol caindo no lago Paranoá do topo do meu morrinho. Das varandas de casa a gente vê o céu se transmutando em aquarelas luminosas que se refletem no lago e se misturam com as luzes da cidade se acendendo lá longe, do outro lado das águas. É a imagem que eu mais gosto de Brasília.

O balão do Paranoá está bem movimentado quando vou chegando, mas mesmo assim, apesar do barulho dos carros, dá pra ouvir o som dos violões, maracas e tambores que vem lá de cima. Ao subir a estradinha de cascalho, paro e dou uma olhada na tenda azul e branca montada num platô. Não há ninguém na tenda, a festa deve andar boa lá em cima. Vou direto pra casa. Estou cansado e suado. Quero tomar banho e café pra me reanimar antes de entrar na festa.

Começo a subir a escada da frente de casa e vejo sair apressado da porta de trás um vulto negro. Alguém vestindo uma capa preta até os pés e com o rosto coberto por um pano, foge enquanto eu chego. Apreensivo, dou a volta, entrando pela cozinha. A porta está escancarada e paro na entrada, atônito. A porta da geladeira também está escancarada e dá pra ver que não há nada lá dentro. E praticamente todos os meus livros, que eu deixei arrumadinhos na estante, estão agora em cima da mesa da cozinha, no meio de panelas cheias de água com alface, brócolis e couves. Até a chaleirinha de fazer café está ocupada com um maço de salsa se refrescando na água. Desisto do café. De súbito, eu estou alerta.

Vou para a sala meio ressabiado e quase dou um grito. A estante não está mais lá, assim como o computador e a impressora sumiram. Em cima da mesa onde eles ficavam está o som, com vários CDs espalhados em volta. Não são os meus CDs.

Por onde andará Estelita? Na festa. Junto com todos os outros. Tento abrir a porta do quarto pra pegar uma roupa limpa. Está trancado. Desisto também do banho. Enquanto desço a escada da cozinha pra chegar na festa, a música pára de tocar. Alguém começa a gritar no meio do salão.

- *Eu soy a Preta!*

Quando chego na entrada do salão, reconheço o vulto de capa negra que passou correndo por mim na escada de casa. O pano que eu vi por trás encobrendo o rosto da pessoa, na frente é a máscara de uma caveira.

- *Eu soy a Deusa da Transformación e trago para ustedes as forças do caos*, grita o mascarado, rodopiando a capa negra. Em um de seus rodopios, uma trança se solta da máscara de pano e vejo que a Deusa da Transformación é Ramón.

Enquanto olho a performance , Estelita me vê e vem chegando. A fúria que eu começara a sentir pelo desarranjo da casa vai se transformando em outra coisa e vira tesão quando ela me abraça e me carrega pra fora do salão e vai me levando toda feliz de volta pra casa.

Estelita está linda, vestida de amarelo, um amarelo dourado que combina com a sua pele morena e já pertenceu às janelas da minha casa. Ela fez um vestido com as cortinas da sala pra compor seu personagem na peça que a Caravana do Arco-Íris ensaiava quando eu viajei. Estelita é a cor amarela do arco-íris.

Enquanto caminhamos abraçados pergunto, ainda meio puto, porque permitiu que a deusa da transformação tomasse conta de casa com as forças do caos. Ela responde simplesmente que resolveu ensaiar na sala de casa. Afinal, eu não cheguei na data prevista, ela passou um dia inteiro arrumando a casa toda pra ninguém. Acabou desarrumando tudo novamente, pôs as coisas da sala no quarto e trancou a porta.

- E os meus livros, Estelita, porque não foram guardados no quarto também?

- Porque sabemos que libros nadie roba, amor. La cama ya estava abarrotada de cosas em cima e no quisemos pongar os libros no chão.

Quando entramos na cozinha, Estelita vai contando os últimos acontecimentos. A trupe da Caravana do Arco-Íris está se apresentando nos mercados e ganha muitos alimentos frescos. Como a geladeira pifou por causa de um raio na última chuva, estão conservando as verduras em panelas cheias de água, que não estão sendo usadas desde que eu viajei porque Estelita come na cozinha dos caravaneiros e não faz nada em casa.

- Mas nem um cafezinho, Estelita?

- Tu sabes que prefiro mate, e la única cuia que tenemos está em la cucina dos caravaneros.

Suspiro resignado e fico esperando sentado enquanto ela procura entre pratos, copos e canecas, sem achar, a chave do quarto que virou um camarim coletivo. Já estou ficando puto novamente com a idéia de não ter roupa limpa para trocar e nem cama pra descansar. E ainda ter que chamar um chaveiro na cidade para abrir a porta do quarto. De repente Ramón irrompe pela cozinha e me abraça agitado dizendo ola, amigo, como estás, e logo salta para a geladeira desligada tirando do congelador a chave. Em vez de entregar a chave do meu quarto pra mim, Ramón corre para a sala, abre a porta do quarto e fecha-a novamente.

Alguns minutos depois sai, sem a capa preta e a máscara de caveira. Veste agora um collant de lycra vermelha e um bustiê brilhante da mesma cor.

Estelita ajuda-o a ajeitar o bustiê sobre o peito inexistente enquanto lhe diz: *e ahorita te vás, Ramón, e no vuelve temprano porque todas las colores ya se presentaran e vamos ficar solitos em casa.*

Enquanto Ramón se vai requebrando as magras cadeiras pela escada abaixo, Estelita entra no quarto e de lá tira o colchão que serve de sofá na sala com as almofadas. Puxa-me para o colchão e começa a fazer o que eu mais poderia desejar no momento: tirar minha roupa suada entre beijos e risos. A última coisa que percebo do mundo exterior antes do mundo se acabar nos braços de Estelita é a voz de Ramón gritando lá embaixo:

-Eu soy a Vermelha! Trago para ustedes toda a locura de la Deusa da Paixão!

Acordo no dia seguinte com o cheiro de café. Logo a seguir, um outro cheiro me faz sentir o quanto sou amado: Estelita sabe que eu adoro pão de queijo e aprendeu a fazer com Ana, a nossa vizinha.

Conheci minha namorada há dois anos, quando fui ao Peru com um grupo de amigos participar do Chamado do Condor, um encontro promovido pela Red de Ecoaldeas de las Américas. Estivemos reunidos durante dez dias num vale, cerca de 800 pessoas vindas de

diversos países, debatendo questões ecológicas, espirituais, sociais, culturais e também confraternizando ao redor de fogueiras musicais. Numa dessas noites eu me encantei com uma indiazinha que parecia pequena e frágil mas tocava tambor com muita garra e ritmo. Quis conhecê-la.

- Me chamo Francisco, mas pode me chamar de Chico. Gostaria de saber onde você aprendeu a tocar tambor.

Estelita me contou que aprendera a tocar no pueblo onde nasceu, no território de Chiapas, sudeste mexicano. Ficamos amigos e antes de terminar o encontro, ela me chamava de Chiquito Mio. Trocamos endereços e prometeu me visitar um dia no Brasil. Em julho deste ano recebi um email de Estelita, anunciando que viajava junto com a Caravana do Arco-Íris e dentro em breve estariam chegando no Brasil.

A Caravana é uma ong itinerante, formada por uma trupe de artistas de várias nacionalidades que roda pelas Américas em velhos ônibus pintados e adaptados pra servir de casa, apresentando aos povos hermanos espetáculos circenses, peças teatrais, shows musicais, literatura e história nativa. Os pioneiros da Caravana partiram do México há nove anos, de uma comunidade chamada Huehucoyotl, baseada no estado de Morelos. Antes de sair pela América Latina afora, os caravaneiros passaram uma temporada na selva de Chiapas com os rebeldes zapatistas e saíram de lá com a missão de levar a mensagem do povo Maya aos povos latino-americanos.



O email da Estelita dando notícias da Caravana do Arco-Íris vinha aquecido pela Terra do Fogo, onde os caravaneiros haviam fincado a sua bandeira num ritual há muito desejado, comemorando a travessia da América Latina de ponta a ponta. Pela segunda vez a Caravana ia entrar no Brasil, mas antes disso passava uns dias na Argentina e Estelita mandava notícias de Rosário, o lugar onde nasceu o comandante Che Guevara.

Ela dizia em sua mensagem que o Che continua a ser um herói para muitos jovens ainda hoje, inclusive pra gentes que nem estão aí com a política, porque ele compreendeu que não se trata apenas de construir um mundo novo, nós precisamos construir um novo ser. Por isso não lhe bastava consagrar um ministério na revolução cubana vitoriosa, Guevara continuaria a lutar enquanto houvesse por quem lutar.

Costumo dizer que a comparação é a mãe da confusão, mas eu não pude deixar de me lembrar, lendo a mensagem de uma rebelde contemporânea como a Estelita na tela do computador, daquelas outras mulheres que marcharam e guerrearam pelo Brasil afora na década de 20. Foi nesse momento que me determinei a procurar a pista da tia Revoltosa.



7

BAÚ DA REVOLTOSA

Quando finalmente salto do colchão para experimentar a primeira fornada de pães de queijo da Estelita, Ramón e Pablo já estão na cozinha.

Eles vieram ajudar a arrumar o quarto que virou camarim. Mas ainda estou cansado da viagem e das suas turbulências – guiei um grupo de europeus pelas trilhas radicais da Chapada dos Veadeiros, descendo cachoeiras e atravessando canions, antes de ir em busca do tempo perdido na Serra do Roncador.

Desejo bom trabalho a eles e me escapulo para a varanda com o bauzinho que ganhei do Tanguro. Deitado na rede, eu ouço a voz de comando da minha generala Estelita na sala e é na rede, da maneira mais confortável possível, que eu resolvo entrar na guerra.

Dentro do bauzinho estão algumas cartas amarradas com fita de cetim vermelho. Trazem a mesma letra elegante e miudinha. No fundo do baú, estão duas outras cartas com letra diferente. Ao contrário das páginas desenhadas com caprichada letra feminina em papel de

seda, essas outras foram escritas em papel grosseiro, que mais rude ficou pelas agruras evidentemente enfrentadas: as folhas amarfanhadas estão borradas em muitos lugares por uma mistura de sangue, suor e lama. Essas cartas, sem dúvida, enfrentaram duras batalhas.

Guardo a calma aparente das sedas envolvidas em cetim para um outro momento e começo pelas letras nervosas e machucadas vindas diretamente do front.

Para minha surpresa, elas não foram escritas para a tia Revoltosa.

São Paulo, julho de 1924

Caro primo,

Aproveito uma pausa quase forçada nesta terrível missão que me faz varar dias e noites trabalhando sem cessar para atender aos feridos que não param de chegar. Para não sucumbir também, deixei por algumas horas o hotel onde montamos mais um hospital improvisado. A Santa Casa está lotada e os colégios da cidade onde instalamos vários outros hospitais provisórios também estão sem condições de receber novos feridos.

Falta-nos tudo. Temos poucos médicos e enfermeiras para tanta gente necessitada e lutamos contra toda sorte de carências. Os recursos materiais são mínimos e o pânico é enorme.

Pilhas de cadáveres se amontoam nas portas dos cemitérios e algumas famílias enterram seus mortos nos quintais das casas destruídas. São Paulo está sitiada pelas tropas do governo e os canhões do Exército Nacional lançam granadas e obuses há dias contra a indefesa população civil. Na noite passada, começou o bombardeio aéreo.

Por mais absurdo e assustador que possa parecer, o ataque intenso ordenado pelo presidente da República e seus generais contra nós, mira diretamente os bairros mais pobres e mais densamente povoados da capital paulista. No início achávamos que era um erro de pontaria das tropas governistas, mas como os ataques se sucediam na periferia, longe dos pontos centrais da cidade onde se concentram as tropas revolucionárias, pudemos compreender afinal que o governo de Artur Bernardes instaura o Terror em São Paulo conscientemente. E o mais terrível é que as forças armadas brasileiras se prestam ao desumano e indigno papel de obedecer a esse governo insano, atacando sem piedade o povo que deveria proteger e honrar.

Escrevo-te na esperança de que esta mensagem rompa o bloqueio e a censura impostos a São Paulo, para que outros saibam da ignomínia que se pratica. Estamos ilhados, sem comunicação com o mundo, mas sabemos que o governo federal decretou estado de sítio e a imprensa está censurada em todo o País. Menos aqui, onde a revolução domina.

Os jornais nos revelam diariamente que o crime praticado pelo governo contra a nossa brava gente, no intuito de ver-nos esmorecer e buscar a rendição, só faz aumentar a indignação

contra os governantes que perderam toda e qualquer força moral para representar o povo brasileiro. A cada dia que passa, novas adesões vêm engrossar as fileiras revolucionárias. E não são apenas brasileiros os que desejam lutar ao nosso lado. São também os imigrantes que acreditaram em nossa terra e buscam dias melhores para seus filhos. Pois tu bem sabes, meu primo, o quanto é enganosa a propaganda governista ao seduzir os imigrantes e tirá-los de suas terras para serem explorados pelos nossos bárbaros capitalistas.

O que existe de mais atrasado e corrupto em nosso País são as elites. As revoltas operárias se tornaram freqüentes aqui em São Paulo, pois a exploração dos trabalhadores é brutal. Recebem baixos salários para cumprir 12 horas de serviço por dia, muitas vezes sendo forçados a trabalhar também no fim de semana, sem remuneração. As condições de trabalho são insalubres e muitos acidentes acontecem com freqüência devido à falta de proteção no manuseio dos equipamentos e ao cansaço dos trabalhadores. Os mais penalizados são os jovens e as crianças. Pois temos operários de até oito anos de idade que suportam a mesma carga horária dos adultos, com salários menores e sofrendo castigos físicos dos patrões quando cometem faltas. Muitos desses trabalhadores precoces, ao se tornarem adultos, já estão com a saúde estragada.

O Brasil precisa urgentemente de uma nova legislação social. De uma nova ética nas relações de trabalho. Por esses e outros ideais de justiça é que combatemos. Nem todos, porém, se entusiasmam com o ardor da batalha. As estações estão repletas de pessoas querendo

embarcar para fora da cidade, e as estradas se congestionaram de veículos e gentes que seguem mesmo a pé, buscando refúgio no interior contra os bombardeios do governo.

O general Isidoro Dias Lopes, comandante da revolução, chegou a pensar em tomar o mesmo caminho, retirando as tropas rebeldes da capital para poupar mais sofrimento à população civil. Mas o major Miguel Costa, líder da Força Pública amotinada, se mostrou irredutível e prometeu desobedecer, assegurando que resistirá até à última bala na defesa dos ideais que nortearam a revolução.

Foram dois longos anos em que planejamos tudo na clandestinidade, com os oficiais perseguidos pela participação no levante do Forte de Copacabana, até culminar na tomada do Palácio dos Campos Elíseos. Começamos o cerco no dia 5 de julho, comemorando o segundo aniversário do levante do Forte.

Formamos em São Paulo um contingente de 2 600 combatentes. Além das principais guarnições do Exército em São Paulo, também a Força Pública se levantou, comandada pelo Miguel Costa, um bravo guerreiro que ainda fará história neste país. No início, a população ainda não esclarecida nem sabia por que combatíamos e nem distinguia direito entre rebeldes e governistas, pois muitos de nós vestem o mesmo uniforme das forças que nos atacam.

Com o tempo, aprenderam a nos distinguir, principalmente depois que saímos das trincheiras e ocupamos vitoriosos o palácio dos Campos Elíseos, abandonado pelo governador Carlos de Campos e seu estado-maior. Eles esperam reforços do governo federal em um vagão de trem na estação periférica de Vila Matilde e mandaram trazer de Minas o general Sócrates, o mesmo tenebroso comandante que massacrara tempos atrás os religiosos de Santa Catarina e do Paraná na campanha do Condestado.

Ao recordar esse episódio onde a fé foi destroçada entre torturas e tiros, eu comungo com o espírito de meu pai. Cada vez me irmano mais com esta sofrida gente, e cada vez mais me convenço do acerto dos ideais que movem esta revolução. Precisamos derrubar o atual governo e inaugurar um novo ciclo republicano no Brasil.

Muitos oficiais rebeldes, trabalhando incansavelmente para ajudar a população em meio ao caos que se instalou em São Paulo, se perguntam pelas guarnições de outros estados que prometeram nos apoiar e se levantar contra o governo. Onde estão os revolucionários de Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul?

São Paulo teve o desassombro de sair na frente, mas não podemos fazer a revolução sozinhos. O impiedoso bloqueio imposto à nossa cidade pelo governo federal já começa a tornar escassos os mantimentos. Os saques se sucedem nos armazéns, nas lojas, nas fábricas. O comando revolucionário intensificou o patrulhamento com ajuda da polícia civil para que a situação não saia do controle. A população faminta mata, esquarteja e devora

animais nas ruas. Estamos montando grandes cozinhas coletivas, com ajuda dos escoteiros, para alimentar as sucessivas levas de gente cujas casas estão sendo destruídas pelos ataques das tropas governistas.

Vivendo todo este transe, sinto correr em minhas veias, mais forte do que nunca, o sangue do Profeta. Mais uma vez relembro amargurado a suprema dor que marcou para sempre a nossa família e compreendo que o medo é o principal responsável pela sanha governista em destruir aqueles que lutam por um mundo melhor.

A inconsciência deste regime falido promove um bombardeio terrificante, com mais de 100 disparos por hora dos canhões. Essa tática de guerra que pretende obrigar a população a se render, ou a pressionar seus líderes para que se rendam, é condenada pelos tratados militares e pelas leis mais elementares do direito internacional, que consideram esse tipo de bombardeio contra a população civil desumano, injusto e amoral, além de inútil – pois não raro faz recrudescerem os ódios e ressentimentos, aumentando a resistência popular.

A razão de tanto desatino por parte do governo se explica porque São Paulo, que detém o maior parque fabril do País, possui um exército de trabalhadores explorados e sofridos, tornando-se o ambiente ideal para uma revolução comunista como a que vingou na Rússia. A insatisfação popular vem sendo alimentada pelos imigrantes europeus, mais experientes na luta social, e os trabalhadores começaram a se organizar em sindicatos. O governo certamente não se esqueceu da grande greve do ano passado, que mobilizou mais de cem

mil operários, um contingente bastante significativo no universo de 700 mil habitantes desta cidade. Pois dessa população obreira, que nada mais quer do que respeito para viver, já se refugiaram quase 300 mil pessoas nos municípios vizinhos – que também não estão preparados para atender a tantos flagelados.

Em vão o prefeito de São Paulo e os consulados estrangeiros rogam ao presidente da República que cesse o castigo cruel que impõe aos inocentes. Até o governador paulista lavou as mãos, entregando o destino de sua própria gente aos carrascos.

Não é possível que a nação brasileira permaneça indiferente a tanta traição, insensatez e desumanidade. Peço-te que faça conhecer as condições em que nos encontramos aos companheiros que preservam a honra do nosso exército brasileiro nesse aguerrido rincão gaúcho de memoráveis batalhas. E que se aliem à nossa luta por um Brasil melhor.

*Deste que muito te estima,
Herdeiro do Profeta*

A leitura da carta me atordoava. Nunca imaginei que a revolução paulista atingira tal dimensão. E quem era, afinal, o Herdeiro do Profeta? O que ele tinha a ver com a Tia Revoltosa e que suprema dor foi essa que marcou para sempre a sua família?

A semana já vai adiantada e muitas obrigações me esperam na cidade, depois de passar mais de duas semanas fora de Brasília. Com a outra carta manchada de sangue, suor e lama na mão, eu hesito entre levantar da rede e me arrumar pra sair ou continuar lendo os relatos da frente de batalha, quando Estelita faz uma pausa na arrumação da casa e me traz uma cuia de mate.

-Una vieja carta ...de que trata?

-São cartas da revolução, Estelita.

-Si? Una revolución brasileira? Me conta todo después, Chiquito!

O brilho nos olhos de Estelita e o seu sorriso radiante me convencem que a melhor coisa a fazer no momento é continuar a guerra na rede em vez de sair de casa.

Foz do Iguaçu, novembro de 1924

Caro primo,

Escrevo-te novamente para dar notícias da frente de batalha. Como sempre, a imprensa anda de braços dados com nossas elites criminosas, a inventar todo tipo de inverdades sobre a revolução, e a passar a falsa impressão de que estamos vencidos. Faço-te pois,

aproveitando um providencial mensageiro, um relato do que nos sucedeu desde que saímos de São Paulo, para que divulgues entre os teus camaradas os verdadeiros fatos e assim possamos contribuir para manter acesa a chama revolucionária.

O dia ainda não amanhecera quando deixamos São Paulo naquela histórica segunda-feira de julho, após havermos conquistado e dominado a cidade por 22 dias. Ainda que vitoriosos, não podíamos mais permitir que o cerco das tropas legalistas continuasse a penalizar com seus horrores a nossa já sofrida população. Resolvemos continuar a revolução deslocando-nos para o interior do estado.

Deixamos, nas trincheiras que havíamos ocupado, manequins tirados das lojas e vestidos de uniforme, a simularem soldados, para distrair as tropas do governo que tomaram a cidade de assalto. Os legalistas ensandecidos barbarizaram São Paulo entre tiroteios e saques, enquanto nos retirávamos tranqüilamente, de maneira ordenada, pela estação da Luz, próxima ao nosso quartel general. Lotamos quase 20 trens com homens, cavalos, automóveis, forragens, caminhões, armas e munições com destino a Bauru, na região noroeste de São Paulo, a primeira etapa de nossa jornada rumo às barrancas do rio Paraná.

Restou em São Paulo um saldo negativo de quase cinco mil feridos, 500 mortos e 10 mil casas destruídas pelas forças governistas. A censura imposta à imprensa nos impediu de saber que ocorriam levantes solidários à revolução nos quartéis dos estados do Amazonas, Pará e Sergipe.

Mas o rigor da repressão não pôde impedir as demonstrações de carinho do bravo povo paulista. As mulheres, principalmente, deram mostra de sua fibra guerreira, comparecendo às estações ferroviárias por onde passava o comboio rebelde. Elas acenavam com lenços brancos e davam vivas à revolução, saudando o general Isidoro e seus combatentes como heróis.

Segui na retaguarda do comboio com uma tropa de 200 homens comandada pelo tenente João Cabanas, a quem atendi como médico na Força Pública de São Paulo e se tornou um de meus melhores amigos. Cabanas é uma lenda viva entre os soldados por seu destemor e audácia. Com a missão de cobrir e proteger a retirada dos rebeldes de São Paulo, ele não deu tréguas à sua imaginação fértil, passando telegramas assustadores para os chefes das estações. Anunciava a chegada de um contingente de mais de um milhar de homens fortemente armados com canhões e muitas peças de artilharia. Entrávamos nas estações atirando, gritando e cantando marchas militares para impressionar e fazer crer que éramos muitos.

Na frente do vagão, ostentávamos um enorme e assustador canhão, que não passava de um mero tronco de árvore pintado de preto e amparado por duas velhas rodas de carroça. Para fingir que possuíamos farta munição, esculpimos peças de artilharia em madeira e cobrimos pilhas e mais pilhas de bambu com lona. Após a passagem do nosso derradeiro vagão pelas localidades, Cabanas tratava de destruir pontes, postes telegráficos e trilhos, para atrasar as tropas legalistas que nos perseguiam.

A vanguarda das tropas governistas era formada por soldados da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Um inimigo sui generis. Para agradar aos soldados, o governo liberou a contratação de prostitutas nos bordéis ao longo da Estrada de Ferro Sorocabana – o que muito contribuiu para o sucesso da nossa retirada. Pois os soldados, sábia e humanamente, deixaram de nos perseguir para confraternizar com as mulheres.

Os gaúchos transformaram a perseguição numa grande farra. Vinho e sexo tornaram-se as suas principais preocupações e ao longo do caminho, esqueceram-se de nós, passando a saquear as cidades em busca de bebidas e presentes para as amantes. As mesmas famílias que acorriam carinhosas para saudar a vanguarda das tropas revolucionárias, trancavam-se em casa escandalizadas com a chegada nas cidades do comboio bêbado de soldados e prostitutas.

Nessa aventura pelo interior paulista compreendi que a guerra é um mortífero brinquedo para os homens. Enquanto nossos perseguidores se divertiam com suas performances de cabaré, nós ríamos à socapa com nosso teatro improvisado e as encenações fulminantes e geniais de João Cabanas, que nos valeram o apelido de Coluna da Morte.

Mas a nossa aterrorizante brincadeira perdeu a graça quando nos deparamos novamente com o rigor da guerra e fomos por ela aterrorizados.

Ao chegarmos na fronteira com o estado do Mato Grosso, os líderes da revolução se dividiram. O general Isidoro Lopes queria subir o rio Paraná para invadir o Mato Grosso e o coronel João Francisco preferia descer o rio Paraná para fazer contato com os oficiais comprometidos com a revolução no Rio Grande do Sul. Venceu a determinação do general Isidoro. Um batalhão de 800 homens comandados por Juarez Távora subiu o rio Paraná em dois vapores, desembarcando em terras matogrossenses.

A imprevidência fez com que partissem desprovidos de água e alimentos. Marcharam muitas horas sob o sol abrasador do planalto matogrossense em tempo de seca, sofrendo de fome e sede. Com o moral baixo, a tropa resolveu acampar pouco antes de chegar em Três Lagoas, na região conhecida como Campo Japonês. Os combatentes molharam a boca seca espremendo água da terra antes de adormecer e acordaram em meio à fuzilaria inimiga. Nuvens escuras se levantaram do mato ressecado, em pouco tempo o incêndio provocado pelos legalistas avançou formando em torno dos nossos homens uma corrente de fogo. A retirada do campo incendiado transcorreu lenta, devido ao grande número de feridos. O saldo foi trágico: os 800 homens entusiasmados que subiram o rio Paraná retornam com apenas metade da tropa, em frangalhos.

Abro aqui um parênteses para agradecer o anjo que Deus nos mandou para cuidar dos feridos. Aliás, fomos nós que a trouxemos – pois se trata de uma mulher.

Hermínia é uma enfermeira austríaca que nos dá assistência desde o início da revolução. Tão ou mais corajosa do que um soldado, é muito querida e respeitada por todos. Tanto assim, que um fato pitoresco se passou outro dia. Na falta de remédios, Hermínia tratou um ferido com seu próprio regulador menstrual, uma beberagem anunciada nos jornais como adequada à saúde da mulher. Pois não é que o soldado sarou? Para tu veres do que é capaz o carisma de uma mulher.

Ao saber que tenho parentes em São Luis Gonzaga, Hermínia falou com entusiasmo de um amigo de seu pai que mora aí e veio da mesma região da Áustria onde ela nasceu. Se possível, procura saber notícias da família dele – é casado com uma italiana e tem três filhos, sendo duas moças e um rapaz. Uma das moças recebeu o nome de Leopoldina, em homenagem à imperatriz do Brasil, a mulher de Dom Pedro que pertencia à casa real da Áustria.

E por falar em mulheres, a nossa convivência com elas anda bastante restrita. Temos menos de dez mulheres para mais de mil soldados, e a maioria delas já está comprometida. A bela Hermínia é casada com um companheiro nosso da Força Pública, caboclo forte e apaixonado. A outra enfermeira que está conosco, chamada Elza, também bonita e bem instruída, é casada com um colega enfermeiro. Temos também exemplares femininos pitorescos como a cozinheira que o Juarez Távora trouxe, e se revelou uma grande curandeira e uma espécie de feiticeira. Ninguém como ela entende das ervas e mesinhas, e mais de uma vez vi um homem alquebrado e desesperançado levantar o moral e resgatar a fibra guerreira após "um

trabalho” com a nega Maria. Dizem que ela é capaz de fechar o corpo de um soldado com suas rezas, ou até de um batalhão. Eu não creio nisso e considero Maria uma figura mais engraçada que assustadora, mas essas superstições parece que ajudam os soldados a terem mais fé na vitória da revolução.

Ela – a vitória – ainda é uma musa distante, embora estejamos longe da derrota ou da rendição, como querem os arautos do governo. Essa sensação de estarmos encalacrados no meio do caminho é que mexe com nossos nervos.

O fracasso de Três Lagoas nos fez retomar o plano de João Francisco: descer o rio Paraná para estabelecer contato com os oficiais que conspiram no Rio Grande do Sul. Um batalhão de 500 homens escolhidos por João Francisco desceu o Paraná e conquistou Guairá e Foz do Iguaçu, abrindo caminho para que o grosso das tropas deixasse finalmente o estado de São Paulo.

Ocupamos Foz do Iguaçu a 24 de setembro. Parte da população, atemorizada pelos boatos espalhados pelo governo contra nós, fugiu para Porto Aguirre, no lado argentino da fronteira. Nesta tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, nossa localização é estratégica. Estamos com acesso livre para o exterior e com uma pequena estação de rádio montada em Porto Aguirre mantemos contato com os líderes da revolução no Rio Grande do Sul.

Soubemos que as rebeliões deflagradas nos estados do Amazonas, Sergipe e Pará foram sufocadas. O incrível feito do encouraçado São Paulo, amotinando-se na capital federal e

singrando os mares com a bandeira revolucionária, redundou em exílio e morte. Todas as nossas esperanças se voltam agora para o sul, e inclusive nossos poucos recursos financeiros foram gastos na compra de armamentos para os revolucionários gaúchos – o que já provocou um desgaste ainda maior nas já sofridas relações entre Isidoro Lopes e João Francisco. Ambos divergem quanto à condução da guerra. João Francisco, acostumado às correrias do Pampa, acha que uma tropa não pode ficar parada e defende a guerra de movimento. Isidoro Dias Lopes, formado pela rígida escola militar francesa, acredita na tradição da guerra de posição e mantém os homens entrincheirados.

Um de nossos destacamentos permanece entrincheirado em Catanduva, localidade do interior de São Paulo, contendo o avanço das tropas legalistas e sofrendo ataques contínuos. São mais de 400 homens entregues à própria sorte, com a missão de cobrir a nossa retaguarda enquanto esperamos a chegada das tropas gaúchas. Nossos combatentes entrincheirados estão em situação lastimável. Seminus, descalços e doentes. Sabemos que as tropas amotinadas no sul sofreram alguns sérios revezes, mas continuamos a esperar e confiar - porque é só o que nos resta fazer.

Deste que muito te estima,

Herdeiro do Profeta



"Tínhamos uma enfermeira austríaca chamada Herminia, que nos acompanhou desde São Paulo até a Bolívia. Era valente e devotada, retirando muitas vezes os feridos das linhas de fogo. Herminia era extremamente brava e de uma grande capacidade de trabalho. Marchava a pé durante muitos dias, patinando e, por fim, lançava, como um gaúcho".
Lourenço Moreira Lima, Diário do Coluna Prestes

8

TEMPO DE ORIGEM

- Meu Deus do céu, Siqueira Campos e João Cabanas, levantem dos túmulos, venham ver o absurdo a que chegou esta nação!

Os gritos de Jerônimo atraem os olhares de alguns estudantes que lancham como nós na cantina da Faculdade de História. O jeito apaixonado de falar com os personagens históricos como se estivessem presentes, transformaram num espetáculo bastante concorrido as aulas do professor Jerônimo na Universidade Nacional de Brasília, onde eu preparo a minha tese de mestrado em turismo cultural.

- Estamos pior do que estávamos antes, viu, nós regredimos! Não existe outro país no mundo com maior desigualdade social que o Brasil. Esta é a nossa grande vergonha!

As cartas do Herdeiro do Profeta me emocionaram e fui ao Departamento de História procurar Jerônimo, um baiano tão exaltado quanto bem humorado, para preencher com sua

sapiência algumas lacunas do meu conhecimento sobre o espírito revolucionário que percorreu os anos 20.

Jerônimo me conta que o levante do Forte de Copacabana no Rio de Janeiro em 1922 e a tomada do Palácio dos Campos Elíseos na capital paulista em 1924 tiveram origem num mesmo movimento – o tenentismo. As rebeliões que pipocaram nas guarnições militares de vários estados expressavam um anseio de independência e transformação muito vibrante na época. A Semana de Arte Moderna já traduzia essa inquietação em 1922 quando os artistas de São Paulo se rebelaram contra os paradigmas vigentes, importados da Europa, e apresentaram novas e revolucionárias propostas ao público. Assim como o movimento tenentista encontrou campo fértil em São Paulo para iniciar uma rebelião que se espalhou por todo o País, também o movimento modernista teve sua origem na capital paulista: era o local que melhor expressava a nova realidade urbano-industrial e as transformações que ela acarretava para a economia, a cultura e a sociedade. São Paulo vivia as divergências e conflitos de interesses que se aprofundavam entre a antiga oligarquia rural e os industriais emergentes, assim como entre esta nova elite e seus subordinados.

O movimento modernista reuniu artistas plásticos, escritores, poetas, intelectuais e músicos. O público que afluiu ao Teatro Municipal de São Paulo durante as diversas manifestações programadas para a Semana de Arte Moderna reagiu escandalizado à ruptura em relação aos padrões artísticos acadêmicos. O movimento caracterizou-se pela pluralidade de idéias e

ações, expressando a multiversidade que permeava a sociedade da época e inviabilizava a continuidade da República Velha.

- A marcha dos revoltosos através do Brasil por dois anos e meio realizou o feito de manter uma oposição contínua ao poder estabelecido, além de mostrar que País é este a uma jovem elite de oficiais e civis formados nos prósperos estados do sul, diz o professor Jerônimo, mais calmo depois que começou a saborear uma água de coco. Mas o domínio dos rebeldes sobre a cidade de São Paulo durante quase um mês, em julho de 24, talvez tenha sido um desafio maior e uma ameaça mais concreta contra o governo federal e a ordem estabelecida do que a própria marcha dos revoltosos.

O professor Jerônimo sorve lentamente o canudinho, enquanto parece ajeitar os pensamentos.

- Não havia um plano de conquista definido pelos rebeldes quando optaram por marchar e manter uma guerra de movimento. Seu objetivo maior era fazer brilhar a chama revolucionária a qualquer preço, e como a sua mobilidade era intensa, não havia tempo e condições para um contato mais prolongado com a gente dos lugares por onde passavam. Resultado, a marcha não conseguiu mobilizar a população.

A semana prossegue acelerada. Sempre que a gente vai pro Goiás e volta para o Distrito Federal, percebe que o tempo nunca foi aquilo que se prende no relógio.

O tempo é relativo e possui a dimensão que a gente quer. Se a gente quiser, ele nem mesmo existe, como acontece no sertão. Mas, se a gente deixa, o tempo se torna absoluto. É assim que ele costuma acontecer nas grandes cidades e Brasília não é exceção, mesmo quando se mora numa chácara do entorno.

Apesar do meu empenho em resgatar o bauzinho da tia Revoltosa, eu não arrumo mais tempo pra continuar a ler as cartas. Além dos compromissos na universidade, eu acabo me envolvendo com as cores do arco-íris que Estelita movimentava em casa – mesmo que me vista de branco e deseje a paz dos meditadores. Eu nem mesmo entendo porque Estelita se impõe tantas tarefas em vez de deitar na rede e relaxar um pouco. Perguntei um dia porque não descansa e me respondeu que a luta é como um círculo que começa em qualquer lugar mas não tem lugar para terminar.

Bom, eu também tenho as minhas próprias lutas, além de me interessar pela luta dos outros. Estou colecionando histórias acontecidas por aqui pra fortalecer a tese de mestrado sobre turismo cultural e sustentabilidade nativa no Planalto Central.

Nasci nesta moderna cidade cosmopolita plantada no mais interiorano dos estados que é Goiás, e portanto sou sertanejo no coração. Dia desses, eu ouvi alguém dizer que nós, brasilienses, somos místicos porque não temos raízes na terra, então ficamos buscando as nossas raízes no céu.

Eu concordo que em Brasília estamos sempre mirando o céu – porque aqui neste altiplano o céu é o nosso horizonte. Mas discordo quando dizem que não temos raízes. Talvez poucos saibam, mas o chão desta moderna capital do Brasil é uma das terras mais antigas do mundo. As rochas que circundam este lago Paranoá que eu vejo aqui da minha varanda, estas rochas por onde eu brinquei e cresci, possuem dois bilhões de anos. Eu sei que muita coisa já se passou por aqui e muita gente já viveu por estas bandas antes de mim – embora digam que Brasília só tem 44 anos de vida e somos a primeira geração de um povo.

Que nada. Nossos ancestrais goianos, que antes de serem chamados goianos eram goyazes, xavantes, carajás, avá-canoeiros, caiapós, viveram coisas do arco da velha por aqui, como dizia meu pai. E coisas também do arco do céu, como vim a descobrir ao tomar contato com as descobertas dos antigos astrônomos que viveram neste Planalto Central antes de Brasília existir. Pois com este céu que nos transborda, esta só podia ser uma terra de astrônomos e astrólogos. Não por acaso existem tantos oráculos por aqui. Às vezes até me cansa o fascínio das pessoas pelas coisas que elas acham que vêm do céu. Ficam viajando no espaço nada sideral que fazem dos signos, repetindo velhos clichês de como os aquarianos são assim e assado e como eu ariano reajo desse jeito e você libriano é o extremo oposto. Bom, um mapa astral é muito mais complexo do que isso, e quando fazem da astrologia uma receita de almanaque isso nos afasta uns dos outros e nos afasta de nós mesmos, porque a gente fica reproduzindo estereótipos sem considerar que somos múltiplas personalidades vivendo realidades multidimensionais.

Na sua origem, a ciência dos astros era usada para compreender as leis e os fenômenos que regem a nossa vida na Terra. Não a minha vidinha, nem a sua vidinha, mas a vida de todos nós, a raça humana. Não por acaso dizem que a astrologia é a mãe da ciência. Porque os planetas nasceram do sol e nós nascemos do planeta Terra, então a origem é a mesma e o que acontece com o sistema solar nos influencia. Existe comunicação contínua entre o sistema solar, a Terra e a humanidade. Os astrônomos calculam o tempo e o espaço percorrido pelos astros para classificar os fenômenos celestes. Os astrólogos vislumbram o espírito por trás dos fenômenos, revelando o sentido oculto da trajetória dos astros. Astrologia e astronomia perderam muito ao se desligarem, pois a sua interação junta o estudo físico ao conhecimento imaterial dos astros.

As pirâmides do Egito e da América Central eram potentes observatórios astronômicos onde sábios e sacerdotes se uniam numa só consciência para estudar e praticar a ciência divina. Antigamente, astronomia e astrologia se completavam e isso vai acontecer novamente na civilização do Terceiro Milênio.

Dizem que a moderna arquitetura de Brasília revela os símbolos de um conhecimento ancestral. Suas pirâmides são lembranças de outras pirâmides construídas pelos povos antigos daqui e d'além mar.

Eu acredito nisso, porque de tanto ouvir falar que o nosso principal construtor, o ex-presidente da República Juscelino Kubistchek, era uma reencarnação do faraó Akhenaton, eu fui atrás de saber quem era esse tal. E foi assim que eu comecei a estudar o Egito dos Faraós e soube que eles eram iniciados nos mistérios do cosmos e mandaram mensageiros para a América Latina que ajudaram a construir pirâmides como as do Egito, muito antes dos europeus chegarem e tratarem os povos nativos como se fossem apenas bandos de selvagens.

Que nada. Nós e os hermanos deste continente americano somos herdeiros e guardiães da mais nobre herança que a raça humana já concebeu, mas poucos sabem disso. Porque o que se costuma apregoar como história americana é o tempo da barbárie dos europeus contra os nativos que tiveram de esconder seus saberes e fazeres no interior das selvas. Não é à toa que os arqueólogos e os antropólogos andam pirando o cabeção com tantas descobertas de cidades perdidas e civilizações esquecidas por toda esta nuestra América. E por todo lado andam encontrando pirâmides como aquelas do Egito que já assombraram o mundo. Por isso eu digo que as pirâmides de Brasília são uma lembrança e por causa delas eu comecei a me interessar pelo Egito dos Faraós e principalmente aquele que dizem ter inspirado o Juscelino.

Já disse e repito que a comparação é a mãe da confusão, mas mesmo assim eu acho que Brasília tem um espírito parecido ao de El Amarna, a capital do Oriente Antigo que Akhenaton construiu às margens do Nilo há 3,5 mil anos atrás.

É claro que o nosso pequeno Paranoá, represado às pressas nos idos dos anos 60 para refrigerar o ar quente do Planalto Central recém-desmatado para construir Brasília, não se compara com o caudaloso, fértil e grandioso Nilo. Mas eu diria que temos outras águas aqui neste Planalto Central que são também dadivosas. Quem já bebeu destas fontes e se banhou nestes saltos, cachoeiras, cataratas e corredeiras, pode entender o que estou falando. Pois foi por causa do encontro destas águas, e pela sua generosa dispersão pelo continente sul-americano, que o meu Goiás foi escolhido para ser a terra de todos os brasileiros. E não só dos brasileiros. Brasília foi gerada para ser uma capital espiritual para o novo milênio – este que as tradições dos povos dizem ser o alvorecer de uma nova era.

Então tá. Apesar de tão novinha, Brasília é uma das cidades mais antigas do Brasil se considerarmos o tempo em que ela foi desejada pelas pessoas e vivida nos sonhos dos poetas, revelada durante as expedições, desenhada nos mapas, planejada nos projetos e confirmada nas decisões de muitos governos.

A lua reina soberana no céu de Brasília quando o Juninho chega de Alto Paraíso com a Serena.

Meu irmão sempre teve uma queda pelas mulheres mais velhas, talvez o fato de ter perdido a mãe muito cedo estimule essa preferência. A Serena é uma mulher de seus trinta e tantos anos, miúda e com o rostinho emoldurado por caracóis castanhos. Usa um oclinho engraçado na ponta do nariz. Ela tem sido uma espécie de mestra para o Juninho. Faz parte de um

grupo que se dedica a estudar os ensinamentos de iniciados como Helena Blavatsky e Trigueirinho.

Quando eles chegam, fazemos uma fogueira e sentamos em roda pra conversar. O Juninho está encasquetado com a globalização:

- Fala-se tanto em globalização e nunca se viu a raça humana tão dividida entre raças, povos, religiões, corporações, países, estados, municípios, famílias, indivíduos. A humanidade nunca foi tão fragmentada como agora.

- Isso é trágico mas também muito oportuno, se a gente considerar que as crises são criativas e a diversidade está à flor da pele, diz a Serena. Temos que buscar a unidade na diversidade para celebrar nossas diferenças. Por isso eu gosto dos templos de Brasília, desta convivência saudável de todas as filosofias do mundo numa mesma cidade.

Eu lhes conto que ando elocubrando sobre a antiguidade de Brasília e as milenares tradições que circulam entre suas esquinas:

- Essa face ecumênica de Brasília me dá gosto de morar aqui. Eu gosto de visitar os templos, as acrópoles, as igrejas, as lojas, os santuários de Brasília. Em cada um desses lugares se aprende um pouco e se descobre que temos todos uma mesma origem e um mesmo

propósito nesta Terra, só que nos esquecemos disso no meio do caminho e nos afastamos da sabedoria que já foi comum a todos os povos.

- *Eu sei que muitas das sociedades filosóficas e espiritualistas que celebram seus rituais aqui se diferenciam nas aparências e nas práticas mas vieram de uma mesma Tradição, concorda a Serena. Ela olha fixamente para o fogo, e continua a falar como se conversasse consigo mesma: - A Tradição sobreviveu à todas as épocas e nos revela que este mundo da matéria é apenas uma imagem grosseira, fotocópia manchada de uma outra realidade maior e mais bela que acontece nas dimensões imateriais. É por isso que se fizeram secretas as sociedades que guardaram a verdadeira realidade através dos séculos. Elas guardam os ensinamentos esquecidos da sabedoria divina, que não podiam ser aceitos e nem mesmo conhecidos por um mundo dominado pelo materialismo.*

- *Quer dizer que as coisas mais importantes que precisamos conhecer não foram descobertas agora – elas existem desde muito tempo atrás?* questiona o Juninho.

- *Todos os grandes iniciados da humanidade nos remetem a um tempo remoto, anterior às civilizações que conhecemos deste grande ciclo que estamos encerrando, responde a Serena. Nesse tempo de origem, a humanidade recebeu uma doutrina metafísica que revelou o sistema da manifestação cósmica. Essa doutrina transcendental não pode ser expressa apenas com palavras, e muitos símbolos foram entregues aos humanos, para que compreendessem a verdadeira linguagem universal. Mas, quando a humanidade passou a*

incorporar cada vez mais a mente concreta e a personalidade material, deixando de lado alma e espírito, seus talentos intuitivos e perceptivos se atrofiaram. E a tradição primordial restou como um tesouro secreto só acessível para poucos iniciados. De tempos em tempos, mensageiros divinos são enviados para caminhar junto aos humanos, a fim de trazer-lhes a lembrança do paraíso perdido.

A Serena deixa de olhar fixamente para o fogo e olha para o Juninho. Ele também olha para ela, e ambos sorriem. Sem dizer nada, a Serena pega o violão que eles trouxeram e oferece para o Juninho. Ele começa a dedilhar, fazendo um fundo musical sem voz para embalar as nossas reflexões.

Reconheço a música que meu irmão está tocando. Vem do Mato Grosso. Eu quase posso imaginar a paisagem que ele descortina em sua memória. Me lembro do vento roncando entre as cavernas de rocha vermelha e os lagos subterrâneos de azul profundo que se ocultam nos imponentes chapadões do Roncador. A terra primordial onde vivem os instrutores da humanidade, num mundo de eterna primavera, assumiu diferentes nomes nas tradições dos povos, mas constitui sempre a fonte de onde se originam todas as ciências sagradas. Por isso o pai da História, o grego Heródoto, dizia que os construtores das pirâmides começaram pelo vértice – a verdade primeira da qual decorrem os demais ensinamentos.



Pinturas rupestres no Planalto Central Brasileiro (rPB)



NUVENZINHA PARA ESTELITA

Pois é. Envolvido entre as esquinas antigas da nova capital brasileira, que muitos cegos insistem em não ver, acabei deixando de lado o bauzinho da tia Revoltosa. E até mesmo negligenciei um pouco a minha namorada.

Fim de ano corrido. Defendi a tese na universidade e também guiei alguns participantes de uma conferência internacional para conhecer os sítios e fazendas do entorno de Brasília. Poucos conhecem essa face oculta da capital – suas fogueiras e fogões de lenha, cascatas e corredeiras, cavalos e charretes, hortas e pomares. Brasília está cercada de Goiás por todos os lados e o que não faltam para nós são os caminhos da roça.

Chego em casa já de noite, cansado. E capoto até o dia seguinte pra começar uma nova roda viva. Neste amanhecer que promete mais um dia corrido, sou pego de surpresa por uma mensagem na tela do computador. Não para mim. Estelita esteve navegando na internet de madrugada e baixou uma mensagem, deixando o computador ligado. Está escrito em espanhol. Traduzo:

“Tempos atrás lhe mandei uma flor. Agora vai esta nuvenzinha de chuva daqui, para que regue a flor como é de lei, dançando”.

A mensagem está assinada por Marcos. Sinto um súbito lampejo de ciúme. Quem se atreve a falar assim com minha namorada, no meu computador? Em vez de sair correndo como pretendia, eu me disponho a conversar com Estelita.

- *Quem é Marcos?*

Ela me olha com assombro. Parece até que eu perguntei quem é Deus. Como eu posso não saber quem é Marcos? Estelita não responde de imediato. Procura em seus guardados e me traz uma foto.

É uma imagem estranha. Uma mulher caminha com um bebê no colo, um fuzil no ombro e uma espécie de gorro negro ou capuz cobrindo o rosto e deixando só os olhos de fora. Com a mão livre, segura a mão de uma menina que usa o mesmo gorro negro. Olho para Estelita com cara de ponto de interrogação. Mais surpreso ainda fico ao saber que a mulher encapuzada com um fuzil no ombro é sua mãe e o bebê no colo, a irmã menor. A menina com o rosto escondido pelo gorro é a própria Estelita. Ela me conta que a foto foi tirada por Marcos, seu padrinho, e um dos melhores amigos de seu pai quando era vivo. O pai de Estelita morreu em janeiro de 1994 entre os rebeldes que tombaram quando os Maya do

México, após séculos de opressão e desprezo por parte das elites e dos governos, pegaram em armas e marcharam para exigir seus direitos de cidadania.

Estelita me conta a história da sua revolução.

Apesar de viverem no estado mexicano mais rico em recursos naturais, incluindo o petróleo, os pueblos Maya de Chiapas representam a população mais pobre e ignorada do país. Embora o turismo que prospera em torno das ruínas da antiga civilização Maya traga substanciais recursos para o estado, os outrora poderosos nativos mexicanos estão subnutridos e desassistidos. Sobram quartos de hotel para os turistas e faltam leitos de hospital e bancos escolares para os nativos. A maioria das crianças que vão à escola não termina a primeira série, e não é por falta de vontade: faltam professores e faltam braços para ajudar as famílias empobrecidas, que se utilizam da força de trabalho de suas crianças.

O desprezo e a opressão contra os indígenas por parte da elite branca existe desde a conquista espanhola, mas a situação dos povos nativos nem sempre foi tão ruim. Viviam em suas terras da agricultura de subsistência, até que seu modo de vida entrou em parafuso na segunda metade do século vinte, quando comunidades inteiras foram deslocadas da agricultura para trabalhar nos poços petrolíferos e para dar lugar aos reservatórios das hidrelétricas, que inundaram grandes extensões de terra e modificaram o micro-clima da região. Somou-se a isso a expansão das fazendas de gado, conquistada por jagunços

armados que expulsaram os indígenas para as terras das montanhas, onde se faz mais difícil a prática agrícola e a sobrevivência.

A situação tornou-se dramática quando o governo federal iniciou uma série de reformas na constituição mexicana, tendo em vista o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). Entre outras coisas, foram introduzidas a privatização de empresas estatais e a liberação da venda de terras para estrangeiros – o que transformou as terras indígenas em mercadoria cobiçada e tornou indesejável sua população, estimulando novas invasões e pressões diversas que incluíam saques e assassinatos. Especialmente em Chiapas, onde companhias petrolíferas dos Estados Unidos descobriram grandes jazidas de urânio.

Em janeiro de 1994, data em que o NAFTA entrou em vigor, os pueblos de Chiapas se rebelaram.

Houve uma longa e árdua preparação dos indígenas para esse confronto.

Estelita era muito pequena na época, mas ainda se lembra das grandes ausências de seu pai, internado na misteriosa e sombria Selva Lacandona. Era um dos poucos indígenas politizados que, com ajuda de outros poucos intelectuais da universidade mexicana, trabalhavam em silêncio para a criação do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Eles escolheram atuar na selva por um simples motivo: ninguém tinha coragem de ir lá. E o lugar onde montaram seu quartel general era tão inóspito que ganhou um apelido simbólico : La Pesadilla. De início, os rebeldes ficavam lá isolados, sem qualquer tipo de ajuda dos povoados indígenas, vivendo de frutos e animais silvestres, além de esporádicas provisões enviadas por uma rede clandestina de apoio. Aprendiam sobretudo a conviver e sobreviver nas montanhas, enquanto estudavam manuais de guerrilha. Além disso, só havia algo a fazer: cultivar a esperança em melhores dias.

Enquanto os guerrilheiros desenvolviam a arte da espera no contato profundo com a secular placidez das montanhas, a situação nos povoados se agravava, até que os líderes comunitários das quatro principais etnias indígenas que vivem em Chiapas começaram a conversar com os zapatistas e a solicitar seu apoio, tendo em vista a necessidade de lutar para não sucumbir.

Foi nesta época, lembra Estelita, que seu pai trouxe um vocabulário novo pra casa, ensinando-lhe uma palavra que ela nunca mais esqueceu: dignidade. Pois não se tratava apenas de lutar para sobreviver, dizia seu pai, mas de criar um espaço de dignidade para que os indígenas possam viver.

Nesse momento crucial , quando começou a se formar a base ética da rebelião de Chiapas, a sabedoria dos líderes indígenas mostrou a sua longa tradição de luta, subvertendo os jovens intelectuais revolucionários formados no ideário marxista. Pois a luta armada não é a coluna

vertebral da rebelião, como imaginavam eles. Foi apenas o instrumento temporário de um amplo e secular exercício de resistência.

Pouco antes de eclodir o levante armado, ser zapatista não era mais apenas treinar às escondidas nas montanhas para combater, era também cultivar terras comunitárias, construir ambulatórios, fabricar ferramentas, distribuir alimentos, equipar oficinas de costura para as mulheres e criar centros de recreação para as crianças.

Quando chegou o momento de ir para a guerra, ela não era mais uma decisão dos guerrilheiros. Era uma vontade do povo, expressa em reuniões e assembléias. E não se tratava apenas da população indígena. A convocação se fez em nível nacional, abrangendo todos os excluídos do México.

Ao declarar a guerra, os zapatistas pediram a paz.

- Os soldados zapatistas são aqueles que non querem ser soldados, porque lucham para que soldados non sejam más necessários, explica Estelita.

Compreendo que os zapatistas escolheram a esperança como ideologia. Foi esse seu maior aprendizado na solidão selvagem das montanhas.



E a esperança continua sendo o maior aprendizado mesmo agora que a selva está densamente povoada por outro tipo de combatentes, que não querem deixar de ser soldados e cultivam a desesperança ao redor de si.

A luta armada durou apenas 12 dias. Aos clamores da sociedade nacional e internacional contra a repressão feroz dos governantes, que deixou Estelita órfã de pai assim como tantas outras crianças, foi proposta uma trégua para negociação. Os zapatistas acreditaram nela porque esperavam a paz e foram para casa. Não mais pegaram em armas para um confronto público como o de janeiro de 94, mas precisaram armar-se em casa porque as tropas federais e os grupos paramilitares formados com o dinheiro dos poderosos para acabar com os revoltosos, invadiram as comunidades de Chiapas, transformando a Lacandona numa *pesadilla* muito maior do que já fora conhecido.

Estelita me diz que agora, enquanto os guerreiros da esperança promovem a paz, tratando de organizar as comunidades fragilizadas para atender às necessidades do coletivo, os soldados da desesperança continuam a guerra, desorganizando as comunidades e destruindo creches, ambulatórios e oficinas – tudo o que o esforço zapatista se empenha em construir.

Mesmo as mulheres precisam andar armadas. Além da batalha interna que precisaram travar para serem respeitadas como guerreiras por seus próprios homens, enfrentam agora uma guerra surda com os soldados do governo e capangas dos poderosos que se divertem em violentá-las.

Mas dignidade não é algo que se perca porque os corpos ficaram a descoberto. Menos de uma semana após a morte do pai, Estelita viu a mãe colocar uma passamontana negra sobre o rosto e cobrir o peito ainda úmido de leite para acomodar sobre ele um fuzil, ao lado da recém-nascida.

Pergunto para Estelita como é a sensação de andar armada. Jamais esquecerei seu semblante quando me responde:

- Com nosotros vivia la muerte. Tan cotidiana, tan nuestra, que acabamos por dejar de tener le medo.

As mortes não acontecem apenas pela guerra com os soldados. Existe uma guerra anterior, travada em silêncio, e que costuma derrotar principalmente as crianças. A escassez de tudo seleciona para a dura vida nas montanhas, aquelas que são mais resistentes.

A mãe de Estelita é uma das comandantas do Exército Zapatista de Libertação Nacional e Marcos é seu sub-comandante. Apesar de reconhecido como líder, ele se intitula sub ou delegado zero por reconhecer que o real poder está nas mãos dos comandantes e comandantas indígenas que compõe o exército zapatista.

Esse professor de filosofia deixou um dia as salas de aula da Cidade do México e se internou na selva Lacandona, colocando-se a serviço dos rebeldes. Em lugar de armas de fogo, ele oferece atualmente, como instrumento de luta, as palavras. Tem sido principalmente através

das palavras de Marcos em reportagens escritas nos jornais e revistas, sites eletrônicos e livros marginais, que a luta zapatista se tornou conhecida e respeitada no mundo inteiro.

Junto com a foto das mulheres da família, Estelita guarda um papel dobrado onde Marcos escreveu seu chamamento para a grande marcha de 2001, quando centenas de comunidades se juntaram para caminhar até a praça do poder na Cidade do México e cobrar do governo as promessas não cumpridas desde a falsa proposta de paz que pôs fim ao levante armado em 1994.

Se a força terrífica do Herdeiro do Profeta me atingiu como um tiro de alerta, a profunda beleza do Poeta de Chiapas pousa em mim com a leveza de uma benção. Ao convidar todos os pueblos do México para lutar contra os poderosos que os oprimem, o sub-comandante Marcos acena com a dignidade das flores.

“Contam nossos velhos mais velhos, que os poderosos destas terras ensinaram o medo, e para que a flor do poder vivesse, murcharam e roubaram a nossa flor. Contam nossos mais antigos, que a flor primeira desta terra tomou a sua cor para não morrer. Que pequena resistiu e no seu coração guardou a semente para que, com o coração como terra, outro mundo brotasse. Não o mundo antigo, nem o mundo que o poderoso fazia murchar. Outro mundo. Um novo mundo. Um bom mundo.”

Dignidade é o nome dessa primeira flor e muito deve caminhar para que a semente encontre o coração de todos e na grande terra de todas as cores nasça por fim esse mundo ao qual todos chamam amanhã”.



10

CAMINHANTES DO AMANHÃ

Desde que recebeu a mensagem de Marcos convidando para dançar, Estelita ensaia passos de balé com Ramón para representar uma parábola da cosmovisão maya.

O grande dia chega na véspera do ano novo. Ajudei a escrever o espetáculo, porque era necessário traduzir o pensamento dos mestres Maya em português. Estelita escolheu uma parábola contada pelo líder indígena conhecido como Velho Antônio, mentor de seu pai e de Marcos.

O espetáculo começa com os atores caminhando e falando sobre a luta zapatista.

Estelita: *Às vezes se cansa a nossa revolta contra os prepotentes que nos excluem e não querem ouvir a nossa voz. Às vezes, o coração fechado dos que se julgam poderosos nos magoa tanto que nos sentimos humilhados e feridos. Mas, como nos ensinaram os mestres*

da dignidade, a luta é um caminho que começa em qualquer lugar e nunca termina em lugar nenhum.

Ramón: *Por isso nos levantamos, ainda que humilhados e feridos, e caminhamos para fazer ouvir a nossa palavra de paz antes que a sombra do medo se levante dentro de nós e faça ouvir a sua palavra de guerra.*

Estelita : *Às vezes, enquanto caminhamos a nossa palavra de paz, novas bombas de desprezo são lançadas contra nós e a sombra do medo cresce mais dentro de nós e ameaça pular à nossa frente e destruir todos os caminhos.*

Ramón: *Mas, mesmo quando não se sabe mais para onde ir, ao caminhante só resta caminhar.*

Estelita: *É o momento em que os deuses, compadecidos, mandam palavras sábias para caminhar conosco. Como as palavras do Velho Antonio, o mestre da rebelião de Chiapas que anda pelos pueblos e se faz ouvir na voz de Marcos. Clamando pela dignidade dos que não são vistos e não são ouvidos.*

Estelita e Ramón param de andar. Estão vestidos com malha cor de carne e se abraçam por trás, colando um corpo ao outro.

Estelita: *No Antes, não havia Depois. O tempo estava quietinho. E quietos estavam os deuses. Não tinham para onde caminhar, porque antes não havia depois e não podiam se mover e dizer que antes estiveram num lado e depois no outro.*

Ramón: *Assim estavam os deuses antes e quiseram inventar o depois porque era muito triste ficar no mundo sempre parado no antes e nunca chegar no depois.*

Estelita se desenrola de Ramon por trás e num passo de dança se enrola novamente pela frente. Os dois se olham nos olhos.

Estelita: *Não podemos ficar para sempre no antes.*

Ramón: *Sim, precisamos encontrar um jeito de chegar no depois.*

Começam a bailar de contentamento com a boa idéia, mas não podem bailar muito porque estão enrolados no mesmo lugar. Começam a se chocar um com outro, e afinal caem no chão gemendo de dor.

Eu não havia visto o ensaio e quase me levanto e corro para socorrer Estelita, que me parece haver se machucado de verdade. Mas a verdade do espetáculo é outra. Nele, ela se levanta de um salto e tira dos seios apertados do collant um saquinho de cetim. Virando o saquinho nas mãos, pega um punhado de estrelinhas de papel e joga no chão, entre ela e Ramón. Ele se levanta e olha maravilhado para as estrelinhas, apontando sorridente o espaço criado entre os dois deuses com a trombada e a queda. Começam a bailar novamente de contentamento, mas o espaço conquistado é pouco e novamente trombam e caem.

Estelita: *Não podemos ficar nos batendo assim para criar os caminhos entre antes e depois. Somos deuses e precisamos dormir para sonhar o mundo.*

Ramón: *Então vamos criar uma mulher e um homem verdadeiros para abrir os caminhos e serem os caminhantes.*

Estelita e Ramón sentam-se na posição dos meditadores. Mariana e Pablo vão chegando em cena. Os deuses os ensinam a bailar, trombar e pavimentar com estrelinhas os caminhos que se abrem. Eles assim fazem enquanto os deuses dormem para sonhar o mundo. Mas, logo se cansam e começam a perguntar:

- *Até quando seguiremos caminhando?*

Os deuses acordam, mas não respondem logo. Ficam se espreguiçando.

- *Até quando seguiremos caminhando?* Insistem Mariana e Pablo.

Estelita: *Não saíram muito espertos, esse homem e essa mulher que fizemos. Eles buscam a resposta fora, sem dar-se conta de que ela está detrás e diante deles.*

Os deuses começam a bailar novamente, ignorando a mulher e o homem verdadeiros que ficam muito bravos porque não entendem como a resposta está detrás e diante deles. Os deuses dizem então que nas costas e no olhar estão as respostas.

Mariana e Pablo se olham sem compreender.

Ramón: *Das costas nasceram as gentes porque deitadas vieram ao mundo. Da terra brotaram e começaram a caminhar, a partir das costas, que estão sempre atrás de seus passos ou de seu estar quieto. As costas são o princípio, o ontem de seus passos.*

Ainda não entendem, a mulher e o homem verdadeiros, mas como o começo já havia começado e ontem já havia passado, acham melhor não se preocupar com isso e repetem mais uma vez:

- *Até quando seguiremos caminhando?*

Estelita: *Quando seu olhar puder enxergar suas costas.*

Ramón: *Basta caminhar em círculo, até dar a volta ao passo e alcançar a si mesmo. Quando alcançarem suas costas com o olhar, então terão chegado.*

Mariana e Pablo ficam contentes, porque sabem agora que só precisam caminhar em círculo até alcançar as costas. E um bom tempo caminham tentando alcançar as costas até que param, porque nunca acabam de caminhar.

Mariana : *É muito custoso alcançar o princípio para chegar ao fim. Não se acaba nunca esse caminhar e muita angústia sentimos ao pensar quando afinal chegaremos.*

Pablo: *Então, não vamos pensar no final. Caminhemos, apenas.*

E os dois voltam a caminhar com garra e gana e, no lugar de pensar quando chegarão ao princípio para alcançar o fim, eles tratam de pensar no caminho que estão caminhando. Como andam em círculo, buscam caprichar em cada volta, e cada volta que dão melhor lhes sai o passo e mais contentes ficam.

Mariana: *Está alegre este caminho que somos. Caminhamos para que outros também se caminhem de um lado para outro.*

Pablo: *Para todos há princípio e fim no seu caminho. Mas para o caminho não. Somos o caminho e temos que seguir.*

Estelita: *Por causa do grande círculo criado pelo caminhar das mulheres e dos homens verdadeiros que nunca se cansam de fazer melhor o caminho e se fazerem melhores, é que todos acreditam que o mundo é redondo. Essa bola que é o mundo, nada mais é que a luta das mulheres e dos homens verdadeiros, caminhando sempre, querendo sempre que o caminho lhes saia melhor dos passos. Não tem mais princípio nem fim a sua caminhada.*

Ramón: *Nem cansar-se podem, as mulheres e os homens verdadeiros. Sempre querem alcançar a si mesmos, surpreender-se por detrás para encontrar o princípio e assim chegar ao final. Mas não vão encontrá-lo. Sabem disso e não se importam mais. Só lhes importa é ser um bom caminho que trata sempre de ser melhor para que outros nele caminhem.*

11

OUTRA CAMPANHA

O dia seguinte ao teatro é o primeiro do ano. Alberto vem nos procurar logo cedo. Está agitado e diz para entrarmos na internet pois há notícias sobre algo extraordinário acontecendo em Chiapas.

Alberto Ruz, o coordenador da Caravana do Arco-Íris, nasceu numa família de notórios comunistas. Seu pai lutou em Cuba contra a ditadura de Fulgêncio Batista ao lado de um primo, o Fidel Castro Ruz. Durante um certo período eles buscaram abrigo no México porque, como diz Alberto, o México é a mãe da revolução. Seu pai encontrou por lá uma princesa maya e por lá ficou. Nem mesmo a volta do primo para Cuba e a vitória dos rebeldes foram capazes de resgatá-lo do seu amor mexicano. O guerreiro de Cuba se apaixonou pela saga dos antigos guerreiros do México e junto com seu filho, o nosso amigo Alberto, foi protagonista de importantes descobertas para a arqueologia mundial.

Alberto nos procura na manhã do primeiro dia do ano porque recebeu notícias frescas do México. Mais uma vez, os pueblos maya se põe a caminhar. Após seis meses de reuniões e debates em cada rincão zapatista, os insurgentes do México tomam conta das estradas do país para uma nova jornada.

Ligamos o computador para ver o site do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Lá estão eles. Com suas passamontanas negras, centenas de indígenas se dirigem a San Cristóbal de las Casas, localidade central dos pueblos maya, para dar início a uma nova marcha que chamam de Outra Campanha, porque diverge das campanhas eleitorais que se iniciam no México. A Outra não busca o poder dos palácios, ela vai ao encontro do poder nas ruas.

A data de início da Outra Campanha está carregada de simbolismo: o mesmo primeiro dia do ano em que, 12 anos atrás, teve início a rebelião que surpreendeu o mundo, trazendo a singular notícia de que os lendários Maya, considerados desaparecidos por muita gente desavisada, na verdade estão mais aparecidos do que nunca e lutam para serem vistos e ouvidos.

Montado em sua motocicleta preta, com o rosto coberto pela passamontana, o subcomandante Marcos está pronto para representar o primeiro ato da Outra Campanha. Inicialmente, será um espetáculo solo. Marcos pretende viajar por todo o país ouvindo os mexicanos sobre os seus sonhos de uma vida melhor.

Há uma mensagem, embutida nas notícias sobre a Outra Campanha, que comove meus amigos caravaneros. Não se trata mais de caminhar apenas pelos direitos dos mexicanos, como pontuaram as outras marchas e campanhas do EZLN. Organizados comunitariamente, os zapatistas buscam situar-se na rede global. Trata-se agora, de lutar por todos os excluídos do mundo, por todos os esquecidos da humanidade. Sem armas, apenas usando como escudo a dignidade.

O México está parindo uma nova revolução. Já não interessa mais tomar de assalto os palácios dos governos. Porque o poder dos palácios já era. O poder agora está nas ruas.

Conversando com meus amigos mexicanos, compreendo que a nova revolução se faz nas organizações e movimentos sociais, nas comunidades que aprendem a se autogestionar e autogerir, assumindo o seu próprio poder e a sua sustentabilidade para se relacionar em igualdade e solidariedade com outras *comum unidades* que também estão assumindo o seu próprio poder.

A nova revolução não está mais inspirada nos modelos tradicionais do socialismo ou do comunismo, mas sim no ativismo e no comunitarismo, me diz Alberto. Ela se inspira e se respira nos ayllus bolivianos, nas vilas zapatistas, nos bairros venezuelanos, nos movimentos sociais brasileiros, nas feiras de trocas argentinas e uruguaias, no despertar do cone sul.

- Mira, Chico. La cosa más urgente para hacer neste momento planetário é viver de um jeito sustentável e cambiar o individualismo impessoal que ancora o sistema predador de producion, comenta Estelita em seu portunhol arrevesado. A maneira de construir la nueva sociedad está em cambiar nuestras aspiraciones internas e crear nuevas realidades externas para cada um de nosotros e de todos juntos.

Amo Estelita e seu desprendimento. O sofrimento não a tornou amarga, muito pelo contrário. Ela sempre me aponta um espaço maior do que nós. Vejo que os zapatistas estão buscando as verdadeiras bases sociais e humanas da *comum unidade*. Querem um mundo onde todos possam desenvolver plenamente suas potencialidades e atuar de forma integrada, unindo os espíritos para desenvolver atividades criativas e sustentáveis em comum.

Essa é a real experiência que o México está apresentando para o mundo no dia a dia das comunidades zapatistas. Elas se transformaram no laboratório de um novo mundo, a partir da convicção de que ele só depende do envolvimento e da participação de cada um de nós.

- A fuerte identidad cultural dos pueblos indígenas sem dúvida favorece la integración, porque venimos de geraciones e geraciones de gentes trabalhando a terra em comum e pensando o trabalho a partir das necessidades coletivas. A diferença está que antes do zapatismo, essa forma de vivir se practicava em isolamento, cada pueblo fechado em si mesmo. O que zapatismo trouxe de fundamental, fue a visibilidade conquistada pelas

comunidades, que começaram a falar entre si e a mudar entre si, numa integração que uniu vilarejos que mal se conheciam num movimento de resistência regional, abrangendo e congregando etnias diversas.

Compreendo que a repressão dos poderes constituídos sobre as comunidades zapatistas que proliferaram a partir do levante de 94, só fez incrementar as experiências de autonomia cidadã e autogestão comunitária, aprofundando um modelo alternativo e libertário de viver. em contraponto ao sistema imposto à força pelo regime vigente. Esse *comum unismo* vem suceder ao capitalismo liberal e ao socialismo estatal, ambos filhos do materialismo.

-Já non se puede más hablar em capitalismo o comunismo. Hoje las alternativas antisistémicas tienen un carácter menos definido, más diversificado. Mas algo hay em comum: nosotros sabemos que los desequilibrios actuales, sejam sociales o ecológicos tienen raíz na ganância insaciável das classes que mantém o sistema e que não atendem de forma eficiente as necesidades da población. Nosotros luchamos por una via que nos leve a justicia e igualdad. Si esto es socialismo no sé. El nombre non importa. Importa que a sociedad sea la que conduce mercado e gobierno, en vez de ser mercado ou estado conducindo a sociedad.

Concentrar o poder no Estado foi um dos grandes equívocos dos revolucionários socialistas do século vinte. Tiraram o poder do povo. E depois, quiseram roubar a alma do povo proibindo a sua religiosidade. Nisso, o comunismo se equiparou ao pior que existe no

capitalismo – matando o verdadeiro deus que repousa em nosso espírito para cultuar o falso deus que se exhibe na matéria.

Mas o poder e a alma de um povo não se roubam para sempre.

Deus não nos abandona porque na verdade, ele não existe lá fora, ele está dentro de nós. É verdade que as religiões organizadas são o ópio do povo, mas a religiosidade natural e livre é nosso alimento espiritual. Sem ela, a alma de um povo morre – como está acontecendo com a alma da nossa sociedade ocidental ateísta.

O grande exercício do momento é procurarmos deus dentro de nós, para não cometermos os erros do passado. Os povos nativos da América se entregaram aos invasores europeus acreditando que eles fossem os deuses que esperavam. E antes deles, antigas civilizações se entregaram para visitantes extraterrestres, porque pareciam mais poderosos e sabiam manipular melhor os terráqueos. É preciso compreender que não existem mais messias para nos salvar – todos os mensageiros divinos já vieram dar o seu recado. É hora de praticarmos a nossa própria divindade.

Estelita me diz que, atualmente, estamos vendo o povo e deus, que na verdade são um só, assumirem seus poderes na América Latina. Em seu fervor revolucionário ela me diz que, contrariando a vontade dos podres poderes constituídos, o povo e deus estão andando juntos para cumprir uma missão libertária.

12

RELÂMPAGOS PARA BIANCA

Cansada dos ensaios sucessivos que precederam a apresentação da dança dos caminhantes, emocionada com as notícias que chegaram de sua terra, Estelita se recolheu em silenciosa meditação no telhado de casa.

Com a chácara repleta de caravaneiros jovens e agitados, que usam a nossa casa como apoio para o acampamento improvisado, o telhado é o refúgio quando queremos ficar a sós.

Eu sei o que Estelita está sentindo. Seu maior conflito é ter deixado o México para se jogar numa aventura pela América Latina, quando tem um compromisso de raiz com a rebelião de Chiapas. Ao saber que a própria revolução mexicana está se jogando numa abertura para todo o mundo, Estelita entrou em estado de silêncio.

Deixo minha namorada em paz no telhado e, sozinho em meu quarto, aquecido pela chama revolucionária dos eventos que me assaltam, volto para as lembranças familiares da grande marcha pelos sertões brasileiros. Eu não tenho parentes poderosos como Alberto, nem padrinhos célebres como Estelita, mas possuo a minha singela relíquia histórica – o bauzinho da tia Revoltosa.

Escolho a primeira entre as cartas escritas com letra feminina sobre a seda rosa.

Rio Grande do Sul, setembro de 1929

Minha inesquecível Leopoldina,

O céu estava ficando um tanto carregado de nuvens, o vento soprava mais forte e Amadeus me chamou para entrarmos em casa. Mas eu sabia, olhando a balsa vindo de Porto Alegre, que precisava esperar por ela. Gosto de esperar a balsa na praia, só para ver as pessoas que chegam e ouvir as novidades que elas passam contando, um jeito sonso que arrumei de animar estas tardes tão tranqüilas e tão iguais deste arremedo de cidade.

Sim, porque não moramos mais em São Luis Gonzaga, como debes estar notando. Vivemos agora na cidade de Guaíba, que se chamava Pedras Brancas no tempo em que moravas em

São Luis. Por isso a carta que dizes ter mandado para lá pelo correio nunca nos chegou. Mudamos de cidade e a cidade mudou de nome.

Ai, minha irmã, quantas coisas pra te contar! Por isso volto ao começo, para não me perder neste roteiro.

Como estava dizendo, eu sabia que precisava esperar a balsa. Logo que ela atracou, todos saltaram apressados, querendo chegar em casa antes da chuva. O último a desembarcar, em passo lento, foi um homem moreno que parou na praia olhando em volta, indeciso de onde ir. Não saltou nenhuma guria guapa ao gosto de Amadeus. Um pouco decepcionado, ele me pegou pelo braço querendo andar, mas não obedeci porque o homem desembarcado por último olhava para mim. Estava todo quieto mas seus olhos eram dois relâmpagos explodindo que me acertaram e me cravaram no chão e me fizeram refém quando ele começou a caminhar na minha direção.

- Bom dia, senhorita. Venho de São Paulo e procuro a família de Leopoldina.

Procurei a minha voz mas ela tinha sumido. Amadeus respondeu por mim: - Somos nós a família de Leopoldina.

- A senhorita é irmã dela? Imaginei que sim, pois se parecem tanto. Trago uma carta da Dina. Desculpem pelo estado deplorável do envelope e pela demora em trazer estas notícias. A carta viajou comigo por entre rios, vales e montanhas durante quase três anos.

Peguei a carta das mãos dele como num sonho, como se o meu desejo de saber notícias tuas também tivesse viajado com ele por longos três anos. Amadeus não se conteve e transbordou de perguntas. Queria saber de viva voz onde tu estavas, como estavas e quantas coisas mais nos perguntávamos desde que partistes. Só então o relâmpago dos olhos dele deixou de explodir em mim e se voltou para Amadeus. Me amoleci toda e fiquei ali chorando, ouvindo a conversa deles e alisando as páginas amarrotadas com a tua letra tão querida.

Só se passou uma semana desde esse encontro na praia, mas parece que se passou uma vida. Porque a minha, Dina, se acabou naquele dia e recomeçou no dia seguinte de um outro jeito. Nada mais será como antes. Porém ainda não é tempo de falar-te de mim e compartilhar o diário da minha nova vida, com tantas novidades acontecidas antes para todos nós nesses anos todos em que não nos falamos.

Tu trouxestes com tua carta o relâmpago que fez mudar minha vida e tu mesma fostes, há cinco anos, o vendaval que transformou a nossa família. Podes imaginar, querida, o impacto que foi para nós e para a conservadora sociedade de São Luis Gonzaga, saber que tu partiras

com teu novo namorado para pelear contra o governo do Brasil, na companhia de muitos batalhões de soldados rebelados.

Papai ficou uma semana sem falar e quando abriu a boca foi para dizer que nunca mais pronunciássemos o teu nome dentro de casa. O teu nome, Leopoldina, que ele tanto enchia a boca de orgulho para pronunciar porque era o nome de uma imperatriz do Brasil que nasceu na terra dele, a Áustria. Ainda me lembro como eu morria de ciúmes quando papai te punha no colo e te abraçava dizendo "minha rainha".

E agora, te chamas Dina Revoltosa. Enfim. Voltando àqueles tempos em que não deixaras de ser a nossa rainha, ainda que renegada, devo dizer-te que mamãe se lamentou e chorou publicamente. Mas pelos cantos, eu vi que ela pegava um retrato teu de menina e sorria. Imaginei que se lembrava do nosso avô anarquista que ficou na Itália e se solidarizava contigo em pensamento, por teres frutificado a semente do idealismo entre nós.

Eu e Amadeus, às escondidas de papai, tentávamos de longe acompanhar o movimento dos revoltosos e saber alguma notícia tua. As notícias que nos chegavam eram terríveis. Quase não acreditamos que pudesses viver tudo aquilo e te imaginamos morta. Mas alguns conhecidos recebiam notícias dos rapazes das Missões que haviam partido contigo e nos disseram para não confiar naquilo que dizia o governo, pois os reacionários comandados pelo palácio do Catete estavam a fazer propaganda contra os revolucionários, inclusive alguns jornalistas diziam mentiras no rádio e no jornal, porque a verdade era proibida de dizer. E a

verdade, para a gente das Missões, era que os parentes e amigos saídos da nossa terra para pelear Brasil afora, estavam vencendo. Isto é, ainda não haviam sido derrotados. Porque vitória mesmo nunca houve, senão os revoltosos não teriam se asilado ou exilado na Bolívia. Mas essa já é outra história, Dina, eu preciso me organizar e seguir o meu roteiro por que há tanto a dizer. Ainda sobre a Coluna Costa-Prestes só tenho a dizer agora que com o tempo, desistimos de saber e de sofrer, principalmente depois que nos mudamos e já não havia mais os parentes dos revoltosos para nos informar.

Provavelmente, tu queres saber porque nos mudamos. Em parte por ti. Papai nunca se recuperou da vergonha que representou para ele o destino que escolheste. Mesmo depois de nos proibir de falar em ti, ainda aconteceram algumas discussões entre ele e Amadeus, que ousou enfrentar a todos na defesa do teu nome. Enquanto para muitos tu não passavas de uma perdida, uma reles vivandeira a seguir e servir as tropas, nosso irmão Amadeus, que muito bem te conhecia, fazia outra leitura e um outro discurso de ti. E costumava encerrar as conversas, quando alguém se punha a maldizer-te, recomendando que deixassem em paz a nossa Anita. Pois foi assim que ele te apelidou, Dina. Teu irmão Amadeus dizia que eras uma heroína tanto quanto Anita Garibaldi, a lutar contra as injustiças do Império ao lado do homem que amava. Anita, a heroína dos gaúchos, era uma vivandeira como tu. Só entrou do lado do bem na História porque lutava a causa mercantilista dos estancieiros ricos, enquanto tu guerreavas ao lado de jovens soldados idealistas pelos deserdados do Brasil.

O que a história não conta, é que as mulheres guerreiras são muitas – e nem só aquelas que se expõe no campo de batalha estão lutando. Pois enquanto a coluna dos revoltosos serpenteava pelo Brasil afora, para muitas de nós que ficamos em casa coube a tarefa de formar uma rede clandestina de informações para rebater as mentiras da grande imprensa. Havia um jornal clandestino impresso no Rio , o 5 de julho, que era distribuído pelo correio a outros estados. Em São Paulo, as parentas dos revoltosos recortavam os artigos com notícias da Coluna, faziam cópias no mimeógrafo e pregavam nos postes durante a noite.

Outras mulheres empreenderam um mutirão silencioso de orações pela vitória da revolução. Da minha parte, fiz o que tu me pediste antes de partir. Jamais esquecerei tuas palavras antes de deixar a nossa casa:

- Irmã, reza por mim. Eu vou para a Revolução.

-

Rezei por ti durante todo o trajeto da Coluna e não só por ti. Pelos que te acompanhavam também. Pois no dia em que tu me anunciastes que ias partir com os soldados amotinados eu fui ao acampamento deles. Sim, Dina, eu não pude resistir. Estava muito preocupada no momento contigo, havias me proibido de falar com papai e mamãe, e como tua irmã mais velha eu era responsável por ti.

Procurei o comandante Luis Carlos Prestes, mas ele estava reunido com alguns oficiais recém-chegados de Foz do Iguaçu e quem me atendeu foi o tenente João Alberto. Que não

era nem gaúcho nem paulista, e sim pernambucano. Ele me disse que não havia perigo de tu ires, porque o comandante Luis Carlos Prestes não admitia a presença de mulheres junto às tropas. E assim também pensava um oficial muito respeitado por todos, o tenente Siqueira Campos.

Mas eu havia lido a determinação em teus olhos, Dina. Desde que conhecestes Pedro e recebestes dele as cartas do primo que se assinava Herdeiro do Profeta, pedindo notícias de nós e contando sobre as revoltosas paulistas, tu já não eras mais a mesma. Vivias calada de dia e de noite relias as cartas guardadas debaixo do travesseiro. Eu via a vela acesa e via também teus olhos brilhando no escuro. Por isso eu disse ao tenente João Alberto naquele dia tão longínquo quanto inesquecível, que se houvesse uma mudança de opinião como às vezes costuma acontecer e as mulheres seguissem junto com a tropa, que ele olhasse por ti e fizesse os soldados te respeitarem porque eras uma boa moça. E, num impulso, eu acrescentei que rezaria por ti e por ele também todos os dias enquanto durasse a revolução.

O tenente ficou comovido, irmã, juro que ficou, e a resposta dele me deu ânimo para cumprir a promessa feita, mesmo quando eu não tinha mais notícias da Coluna e ficava desanimada de rezar : - Pode ter certeza que a sua reza vai nos ajudar muito, senhorita.

Depois eu fiquei sabendo que a metade dos homens que saíram do Rio Grande fugiu para a Argentina, mas as mulheres prosseguiram. É como diz o Amadeus: os gaúchos só querem saber de pelear em solo pátrio, isto é, no continente do Pampa. O Brasil, para a maioria

deles, não passa de um país vizinho. Mas Amadeus sempre foi muito polêmico, e a sua gana de polemizar é que foi o segundo motivo forte para a nossa mudança de cidade.

Alguns grupos aqui do sul, organizados em grêmios e clubes, tratam de preservar a memória do gaúcho. É estranho dizer assim – preservar a memória - de alguém que não morreu. Pois o gaúcho, ao que se sabe, não morreu, continua o ser vivente em evolução que encontramos todos os dias da nossa vida, mas agora deram de homenagear o gaúcho e glorificar sua memória e cristalizar seus costumes como se estivesse morto. Porque a memória a que se reportam, é uma fantasia do passado.

Pois o nosso Amadeus, com a irreverência que lhe é peculiar, resolveu ir a um baile de gala em São Luís Gonzaga, fantasiado de Gaúcho. Ocorre que o personagem de Amadeus, tal qual ele viu em algumas gravuras antigas, usava brincos de argola nas orelhas. Pois o Amadeus resolveu ir assim ao baile. Todo pilchado e de brincos nas orelhas. Talvez não fosse tão difícil explicar sua fantasia se ele apenas falasse das argolas que viu num livro antigo. Mas não deu para explicar o carmim nos lábios.

Que louca fui, Dina. E que saudade tenho da tua firmeza. Tu que sempre sabias dizer o sim e o não com muita clareza. Por isso parecia que tu eras a irmã mais velha e não eu, sempre a me deixar enlear pelos apelos de Amadeus. Como no dia do baile, quando ele rogou que lhe emprestasse o meu batom vermelho para tornar mais revolucionária a sua fantasia de

Gaúcho. Eu mesma, a insensata, pintei os lábios de meu irmão de carmim. E dei-lhe o braço para entrarmos juntos no baile. Pois digam o que disserem, nosso irmão estava mui guapo.

Nem te conto os detalhes da polêmica criada, porque tu podes imaginar. Papai se aborreceu muitíssimo com o novo extravio de sua prole. Já não bastava a filha dormindo ao relento e peleando com soldados, agora o filho que fica em casa escrevendo românticos poemas, deu de se enfeitar para o baile com brincos e batom.

Vendo o desconcerto de papai, mamãe sugeriu nossa mudança para uma cidade maior, de mentalidade mais aberta, onde Amadeus pudesse estudar e desenvolver melhor seus dotes literários. Tu sabes que mamãe sempre teve vontade de passear na capital, mas papai não se conformava em ficar numa cidade grande como Porto Alegre, acostumado que estava com a lida do sítio e a vidinha do interior. Mas acabou gostando, quando uma amiga de mamãe contou que um parente seu estava vendendo um sítio em Pedras Brancas, às margens do rio Guaíba. Era só atravessar o rio de barco, e Amadeus teria à sua disposição as melhores escolas de Porto Alegre, sem que a família precisasse morar na cidade grande. Eu e Amadeus gostamos principalmente do nome da praia que fica em frente ao sítio: Alegria. Pois vendemos nossos pertences em São Luis Gonzaga e aqui estamos, neste lugar que tem por orgulho ser o ponto de partida dos Farrapos que um dia cruzaram o Guaíba para tomar Porto Alegre de assalto.

Estamos bem. E melhor estaríamos, se você e mamãe ainda estivessem conosco. Sim, Dina. Pois agora cheguei no pedaço mais difícil e doloroso desta carta. Mamãe nos deixou, já se vai um ano. Morreu de uma gripe mal curada que se transformou em pneumonia. Teimou em não querer se internar no hospital e quando lá chegamos, pouco puderam fazer por ela. Papai sofreu um grande baque, como podes imaginar. Amadeus achou por bem diminuir o ritmo das aulas em Porto Alegre para ficar mais perto de nós e ajudar papai no transporte das mercadorias pelo rio. Amadeus está se tornando um excelente barqueiro, poucos meses depois que chegamos aqui ele já conseguiu comprar um caíque com a venda de seus artigos para um jornal de Porto Alegre. Mamãe, como sempre, tinha razão. Amadeus está desenvolvendo seus dotes literários na capital e assim, a polêmica fica na outra margem do rio e já não nos afeta tanto.

Apesar de tudo, mamãe teve uma morte tranqüila. Pouco antes de adoecer, fizemos um piquenique em nosso retiro mais querido e foi a última vez em que rimos todos juntos. Desde que aqui chegamos, estamos descobrindo os encantos deste Guaíba. Nesse dia especial ancoramos numa ilha que Amadeus diz ser a mais bela. Andamos pelas praias de areias brancas, nadamos nas águas limpas e piscosas, entramos numa floresta com grandes árvores de grossas raízes e delicadas orquídeas. Subimos um pequeno morro para olhar a paisagem e ver o rio se encontrar com a lagoa.

Combinei com Amadeus de irmos lá pela última vez antes de partir. Pois minha querida, estou indo embora. Sigo ao encontro dos paulistas. Assim como tu fizeste há cinco anos .

Mas sigo de um jeito diferente, Dina. Do meu jeito. Pois que Deus coloca os desafios na medida em que podemos dar conta deles. Mas a oração é sempre a mesma. E como tu me pediste uma vez, eu te peço também:- Irmã, reza por mim. Eu vou para a Revolução.

*Saudade da tua,
Bianca*



13

MISTÉRIO DA SERPENTE

Quando Estelita desceu do telhado, eu subi. Precisava ficar solito. O rio de Bianca me inundou. Como um náufrago, eu precisei subir no telhado para enxergar meus horizontes.

Ler sobre a minha avó contando as peripécias da família na beira do rio Guaíba teve em mim o efeito de um tsunami emocional. Eu pouco sei sobre a vó Bianca, que morreu poucos anos depois de minha mãe ter nascido. Mamãe foi criada pelo tio Amadeus, esse mesmo que gostava de escrever poemas e se fantasiar para bailar. O que mais há para saber? A voz dos antepassados que jamais conheci traz para mim a nostalgia de uma vida que não vivi.

Contemplei o sol se pôr e a lua nascer em cima do telhado. Só mesmo quando as luzes da cidade brilharam mais que tudo no horizonte, anunciando a primeira noite do ano, é que as águas do Guaíba concluíram sua majestosa travessia pelo lago de Brasília. Pude então voltar para o meu velho Paranoá e a minha nova namorada.

A convivência com los hermanos está tocando profundamente a minha alma latino-americana. Eu me sinto também um zapatista – solidário com todos os povos em suas lutas por um mundo melhor.

Profundos conhecedores da astronomia e da astrologia, os ancestrais Maya de Estelita formularam profecias para os tempos em que vivemos agora. E se tornaram assim profetas de um novo mundo – esse que seus descendentes reivindicam nas marchas através do México e sonham construir junto aos pueblos da Terra.

O rei profeta Pacal Votan, que viveu entre 603 e 683 DC, anunciou que sua palavra seria revelada no dia da verdade – o que ocorreu em 1994, ano em que eclodiu a rebelião zapatista. Pacal Votan disse que a gente do livro e a gente do amanhecer, que na verdade são uma só gente, foram separadas desde os tempos da Babilônia, mas voltariam a se juntar pelos filhos do dia da verdade. E não é o que está acontecendo no México agora? Intelectuais e indígenas marcham e trabalham juntos na grande odisséia zapatista.

Como todas as cosmovisões nativas, a Maya existe para ser compreendida principalmente com o coração e não através do intelecto. Eu diria até que a cosmovisão maya nos traz a chave para compreender a nossa alma latino-americana. Porque os antigos heróis civilizadores do México e da Guatemala representam os mesmos deuses de todo o continente, sejam andinos, amazônicos ou platinos. Kukulcan, Quetzalcoatl, Viracocha, Sumé, Monan. Todos eles vieram do outro lado do oceano e trouxeram, como base de seus

ensinamentos, uma tradição espiritual semelhante à desenvolvida pelo herói civilizador do Egito – Thot, aquele que seria renomeado pelos gregos como Hermes Trismegisto, o três vezes grande. Os heróis civilizadores, tanto de lá quanto de cá, ostentam também o mesmo símbolo: a serpente. Serpente Alada no Egito, Serpente Emplumada na América Central, Cobra Grande na Amazônia.

Atualmente, as pessoas sentem muito medo das cobras. Mas nem sempre foi assim. Elas já foram amadas e respeitadas como a representação da própria divindade. Como sei que o mundo de hoje anda virado do avesso, já deixei de lado o preconceito contra as cobras e mergulhei no seu fascínio. Aprendi que o universo reptiliano é muito mais amplo e complexo do que podemos imaginar simplesmente vendo um bicho se arrastar pelo chão.

Há muitos e muitos milhares de anos, a humanidade adquiriu verticalidade, ficou de pé e olhou para o céu.

O eixo da nossa verticalidade passou a ser representado, na aurora espiritual da nossa civilização, pela serpente que faz a ligação entre o céu e a terra. O enrolar e desenrolar da serpente mística ao longo de nossos centros vitais de energia é a base do conhecimento iniciático para a grande maioria das cosmovisões desta humanidade. Ao subir sinuosamente ao longo do nosso eixo na direção do céu, a serpente vai acendendo as luzes dos nossos centros vitais no caminho da evolução.

Estelita me falou que a Serpente Emplumada da América Central, divindade máxima do povo maya, faz a ligação entre a força telúrica da terra e a leveza das asas de quem vive no céu. O mesmo pode-se dizer sobre a Serpente Alada do Egito. Para os africanos, Oxumaré é a serpente que se transforma em arco-íris, fazendo também a ponte de luz entre o céu e a terra.

A serpente mordendo a própria cauda representa a continuidade e a firmeza do fluxo interminável da vida. Esse fluxo interminável da vida é constante, mas não é fixo. Por isso, a serpente. Ela nos ensina ao se movimentar sinuosamente. Nosso pilar cósmico, o eixo em torno do qual gravitamos e pelo qual ascendemos, precisa da energia espiralada da vida. Precisa desse movimento em curva, a espiral ascendente que avança e retrocede, aparece e desaparece ao longo do eixo. Quando os dois pólos – o terreno e o divino – se unem finalmente no topo da cabeça, acontece a suprema libertação dos nossos carmas terrenos.

Mas o despertar da serpente e o seu caminho ascendente rumo à iluminação não é nada fácil. As curvas do caminho questionam profundamente todas as certezas que construímos ao longo dele. E a coluna que sustenta o nosso ego ameaça se quebrar muitas vezes. Prestando mais atenção ao movimento da serpente, percebemos que o eixo não quebra, ele apenas se torna maleável, ondula ao vento como um bambu mas não se parte. Seguindo seu rodopio, aprendemos finalmente a dançar. E a participar enfim do grande baile cósmico.

Daí para a frente, é puro Maha Leela, a grande brincadeira da vida. Compreendemos que não precisamos nos agarrar e apegar a nada, podemos serpentear à vontade porque o eixo sempre estará lá, podemos viajar e dançar e voltar sempre para ele.

É desse poder supremo que surgem os heróis civilizadores, portadores do conhecimento e da sabedoria. A serpente criou asas e pode voar, como um dragão.

Vai daí que, mais recentemente, alguns estudiosos descobriram que as serpentes da gênese humana não são apenas míticas como se imaginava.

Nas mitologias terrestres, os seres de origem celestial, criadores da vida e portadores do conhecimento, são duplos. Os egípcios não desenhavam uma simples serpente. Eles nos legaram uma charada visual, com a imagem de uma dupla serpente em torno da cruz Ansata, que simboliza a vida. Os Aztecas usavam o mesmo termo *coatl* para significar gêmeos e serpente. Como *quetzal* é nome de pássaro, a tradução literal de Quetzalcoatl poderia ser as serpentes gêmeas emplumadas.

Pesquisadores modernos descobriram que as nossas células do DNA, com suas hélices duplas, parecem serpentes gêmeas enroladas e podem nos fazer entrar em contato com as serpentes cósmicas. Avançando bastante nessa linha de pesquisa, o biólogo Jeremy Narby sugere que o DNA humano é formado por "essências animadas" que podemos acessar com a nossa inteligência intuitiva. "Eu vi as serpentes do DNA. Elas eram vivas", diz Jeremy Narby,

que viajou para o mundo serpentino, chegando ao patamar do nível celular, com auxílio da ayahuasca.

Para os xamãs de muitas tribos, nada disso é novidade. Há muito tempo eles dizem se comunicar com serpentes cósmicas que lhes transmitem conhecimento. O xamanismo trabalha com formas expandidas de consciência que fazem a conexão com universos paralelos ou realidades multidimensionais onde se pode obter cura, conhecimento e criatividade. O mundo xamânico é formado por uma teia de infindáveis relações em constante transformação. Um mundo que todos podemos acessar com maior ou menor facilidade, sendo a fonte inesgotável dos buscadores espirituais, curadores, artistas e cientistas.

Há muito ainda que descobrir sobre o mistério da serpente nas antigas tradições e na moderna ciência. Sei apenas o suficiente para intuir que atrás dele se oculta a chave mítica da nossa atual civilização. Muito já se fez para destruir essa chave.

A grande maioria dos livros que desvendavam o mistério da serpente emplumada foram para sempre queimados nas grandes fogueiras dos conquistadores da América. A destruição dos códices maya, assim como a negação da cultura nativa dos demais povos americanos, tem sido lamentada por séculos e seus protagonistas são vistos como insanos e ignorantes.

Ao que parece, não evoluímos. A mesma ânsia destruidora se volta hoje para o lugar onde a serpente colocou seus ovos primordiais. O moderno Iraque da antiga Suméria. O berço da Babilônia. A pátria de nossos pais Sumé, os sacerdotes que vieram dos jardins da Mesopotâmia para compartilhar hábitos civilizatórios com os povos sul-americanos. Aqueles que deixaram em sua cosmogonia e cosmovisão, a surpreendente revelação de que somos todos descendentes de extraterrestres – seres que muitos milênios atrás, manipularam o código genético da humanidade.

Na verdade, somos muito mais do que imaginávamos ser, estão descobrindo assombrados os cientistas que se debruçam há anos sobre o código genético da humanidade. Em primeiro lugar, ele está mudando. Pois é. Tanto tempo levamos para encontrar a pista da chave – e quando a encontramos, ela está se transformando. Talvez por isso mesmo, só a tenhamos encontrado agora. Porque o nosso sistema de chacras está se ampliando. E o nosso código genético também. Essa mudança vem sendo anunciada há tempos, mas poucos acreditaram nela e se prepararam para ela. Agora, começa a ser comprovada nos consultórios médicos. Algumas crianças que parecem diferentes e recebem apelidos como índigo ou cristal, já possuem um novo código genético. Alguns adultos estão em plena mutação.

Então parece uma ironia – ou não – que a chave há tanto tempo escondida e tão procurada só veio a ser cientificamente descoberta quando já estamos mudando de casa.

Que chave é essa, capaz de abrir o grande enigma humano?

Muito se especula hoje sobre a hipótese de que o grande mistério do cosmos não está lá longe no espaço sideral, ele está bem aqui na Terra, dentro de nós, em nossas células. Buscadores de vários tipos estão atrás de uma possível mensagem que os nossos milenares ancestrais possam ter deixado dentro do genoma dos organismos terrenos. Alguns buscam essa mensagem dentro da sua própria memória celular, por meio de meditações e canalizações de frequência mais elevada.

Bom. Parece coisa de gente maluca, mas são fatos da atualidade. Essas notícias nos chegam tanto do cidadão comum que busca seu autoconhecimento, quanto dos cientistas que pesquisam em laboratórios.

Já faz alguns anos que um grupo de pesquisadores formou uma comissão internacional, patrocinada por diversas instituições, para estudar o livro da vida humana através dos genes. Pois o Projeto Genoma Humano vem chegando a conclusões surpreendentes. Os estudos revelaram que o genoma humano possui 223 genes não identificados e sem precedentes na escala evolutiva. A explicação inicialmente dada através da mídia é que os genes enigmáticos constituíam uma transferência de bactérias feita horizontalmente e não verticalmente, isto é, à revelia da escalada evolutiva.

A situação é tão insólita, que a explicação se tornou uma batata quente nas mãos dos pesquisadores. Aos poucos, alguns corajosos participantes do Projeto Genoma Humano se

arriscam a dar seus pareceres de como as seqüências não codificadas do código genético da humanidade, que aparecem abruptamente na história evolutiva, são provenientes de formas de vida extraterrestre. A hipótese aventada pelos pesquisadores é que uma forma de vida extraterrestre mais evoluída que a nossa se encarregou de criar uma nova espécie e plantá-la em diversos planetas. E isso não aconteceu uma vez só aqui na Terra. Houve mais de uma experiência desses Jardineiros do Espaço.

Assim já diziam os Vedas, as sagradas escrituras do hinduísmo, desde milênios atrás. E assim diziam também há milênios as tábuas sumerianas encontradas no atual Iraque, conforme as vêm decifrando os sumeriólogos, que tratam de criar polêmicas teses a respeito da origem da humanidade e do nosso sistema solar. Somos cobaias estelares, afirmam os sumeriólogos, em sofisticadas teorias sobre o Paleocontato Extraterrestre. Eles revelam que os versos bíblicos que contam a criação de Adão são inspirados em textos sumérios e acádios que relatam, com riqueza de pormenores, o real papel dos Elohim e Nefelim, descrito apenas parcialmente no Gênesis. Pois os Elohim teriam criado um humano terrestre de altíssima qualidade, com genes de várias raças extraterrestres, porém os Nefelim - chamados de Anunna nos textos sumérios, teriam vindo para a Terra há muitos milhares de anos e interferiram na criação dos Elohim, recriando um humano terrestre limitado e adaptado para servir como trabalhador braçal. Esses nossos ancestrais cósmicos, segundo os pesquisadores, estariam em busca de recursos naturais que andavam escassos em seu planeta de origem, como ouro. Para criar mão de obra submissa a seus serviços e controlar o novo território

onde buscavam se abastecer, trataram de interferir geneticamente na evolução dos humanos que aqui encontraram.

Outras interpretações dessa transgenia interplanetária são apresentadas por ufólogos e sensitivos. Eles nos contam que, há muitos milhares de anos, antes da chegada dos Nefelim ou Anunna de que nos falam a Bíblia e as Tábuas Sumerianas, a Terra abrigou culturas bastante adiantadas, pois aqui era uma espécie de biblioteca viva do universo.

Várias famílias estelares doaram seus genes para a evolução da vida na Terra – o planeta da liberdade, onde tudo seria permitido em nome da experimentação cósmica.

Pois havia tanta liberdade e beleza naqueles tempos remotíssimos, que alguns piratas do espaço resolveram se apoderar do controle do planeta, introduzindo modificações genéticas no DNA humano. As 12 hélices originais do DNA humano terrestre foram desativadas e reduzidas para apenas duas. Essa castração teria sido planejada e executada para que a humanidade baixasse sua frequência e seu nível de consciência, podendo então ser aprisionada e controlada dentro de uma determinada matrix.

Essas versões da nossa cosmogênese, que me pareciam mirabolantes até bem pouco tempo, tornaram-se repentinamente plausíveis quando eu comecei a acompanhar as notícias sobre as pesquisas com o genoma humano. A criação do DNA humano seria um projeto científico,

uma forma de colonização ou um trabalho de semeadura a longo prazo no universo? Parece ter havido um grande projeto ou várias experimentações para a formação de um código genético bastante complexo e avançado. No entanto, as ligações ou as interações desse grande código genético teriam sido reduzidas para funções básicas adequadas à sobrevivência na Terra.

Estávamos, portanto, programados para sermos superhumanos. Mas fomos manipulados para nos tornarmos quase subhumanos.

Comentei com Estelita essas questões, e me surpreendi ao ver que ela aceita com muita naturalidade as hipóteses dos pesquisadores do código genético da humanidade. Eu soube então que os Maya guardam longínquas lembranças de seus ancestrais da constelação das Plêiades, onde existe uma estrela chamada Maia e que teria sido, na mitologia, a mãe de Hermes, também conhecido como Kukulcan ou Quetzacoatl entre os povos nativos do México e da América Central.

Juntando as minhas leituras sobre as novas descobertas da ciência com as lembranças de antigas lendas mitológicas do povo de Estelita, nos divertimos em escrever a quatro mãos uma história de ficção que busca explicar as nossas origens, para compreender as transformações que estão acontecendo agora com a nossa humanidade.

Chamamos nossa história de *Nascidos das Estrelas*.

14

NASCIDOS DAS ESTRELAS

O sistema solar de Kinich Ahau completava mais um giro intergaláctico ao redor de Hunab Ku, o sol maior da galáxia.

Navegando no não tempo, a frota composta pelas naves planetárias com os seus diversos satélites acelerava para mais uma vez entrar no espaço fotônico de Hunab Ku, a grande mente coletiva de onde se irradiam ondas de luz que se transformam em estrelas, planetas e seres.

Envolta pelas nuvens do vapor transpirado nos oceanos que fermentavam e fervilhavam de organismos vivos em formação, ainda não de todo desperta do torpor de onze mil anos atravessando a noite galáctica, a nave Terra se preparava para acelerar na capacidade máxima de sua potência para ingressar no turbilhão de luzes do Cinturão de Fótons.

Era sempre uma grande excitação sair da noite dos tempos por onde o sistema solar navegava durante 11 mil anos e ingressar novamente no espaço dos dias luminosos por onde os planetas passariam a navegar pelos próximos dois mil anos. Só que desta vez, seria

diferente. Um profundo abismo se abria na passagem entre os mundos criados e recriados pela espiral evolutiva.



O sistema solar onde orbita a Terra completava uma ronda completa de vários giros intergalácticos ao redor de Hunab Ku. E, na espiral evolutiva de sua navegação cósmica, abria-se um grande vórtice que lhe possibilitava ascender para uma dimensão mais elevada.

Os próximos tempos prometiam preparar e nutrir um grande berçário de possibilidades e talentos para os seres emergentes de todo o sistema solar.

Mas não para todos. Nem todos conseguiriam suportar a vibração intensa da aceleração necessária para dar o salto evolutivo através do abismo profundo entre os mundos e ingressar na nova dimensão. Os que não conseguissem, teriam que deixar seus planetas e migrar para outros mundos, de vibração inferior.

Mesmo para aquelas espécies mais evoluídas, que prosseguiriam a escalada evolutiva em seus planetas de origem, as coisas não seriam fáceis. Demoraria um tempo até que conseguissem se reorganizar depois que o sistema solar desse o salto sobre o abismo entre os mundos. Pois os planetas teriam a sua superfície drasticamente transformada pela necessidade de se alinharem fisicamente e magneticamente com uma nova dimensão de realidade. As superfícies iriam tremer e se abrir em fendas profundas, as águas trocariam de lugar, algumas regiões seriam submersas, outras se levantariam do fundo dos oceanos.

Muitas atenções se voltavam, de toda a galáxia, para esse momento especial. Há tempos se aguardava essa ocasião e a Terra, em particular, vinha sendo observada pelos seus vizinhos mais evoluídos. A fartura das águas e o vigor das matas prometiam um campo fértil para a semeadura de almas.

Depois que as grandes transformações redesenharam a superfície dos planetas e todo o sistema solar já navegava no cinturão de fótons, as nuvens que cobriam a Terra se deixaram aquecer e dispersar pelos potentes raios do sol, revelando a esfera azulada.

Muitos foram os Jardineiros do Espaço que se apresentaram para semear o Planeta Azul. Trouxeram as dádivas da beleza e da alegria, conhecimentos de engenharia temporal e sustentação de portais dimensionais, biotecnologias e segredos vegetais.

Muitos queriam participar do ousado projeto de criar uma nova raça que reunisse os melhores atributos de vários povos, com ampla liberdade para se expressar. Pois essa era uma intenção dos criadores: desenvolver uma raça que tivesse o poder de manifestar a realidade de acordo com a sua vontade.

As experiências se desenvolveram. E um super-código genético foi criado.

Mas...havia tanta beleza e tanta fartura. E os mundos de origem dos povos que aportavam no Planeta Azul para assistir ou participar do projeto Terráqueo nem sempre eram privilegiados pela sua natureza. Houve o desejo de alguns de favorecer seus próprios recursos. E para isso, tinham que desfavorecer os recursos dos Terráqueos. Como?

Tramando a queda humana.

Era necessário tirar a escada que levava a humanidade para o céu. Era preciso fazê-la esquecer suas origens divinas, obscurecer a sua percepção para que não se lembrasse da própria luz e se deixasse guiar na escuridão. Foi então realizado o desligamento nos filamentos luminosos do super-código genético criado para os Terráqueos

Os Jardineiros do Espaço que haviam trazido seu conhecimento como Luz para o Planeta Azul, revoltaram-se contra a trama urdida pelos Piratas da Escuridão. Houve conflitos que degeneraram em guerras.

Aqueles que buscavam libertar a humanidade da ignorância semeando a luz foram expulsos do Planeta Azul. O caos introduzido no sistema celular da humanidade provocou o esquecimento da consciência divina e a limitação dimensional.

Para trazer mais sombra ao planeta, os Piratas da Escuridão criaram uma rede de forças arquetípicas para operar como barreira de frequência em torno da Terra, impedindo que as precipitações de luz das dimensões mais elevadas chegassem aos Terráqueos.

A grande manipulação final dos Piratas da Escuridão provocou a segunda grande queda da humanidade.

Com seus poderes atrofiados, os humanos começaram a enxergar deuses nos extraterrestres. Chegaram a criar hierarquias e promoveram separações dimensionais onde elas não existiam. Pois que entre as dimensões não existem hierarquias, já que cada uma delas tem o seu próprio e diversificado poder.

Mas, mesmo sendo adorados, os falsos deuses perceberam a grande sensibilidade das mulheres e as temeram. Sabiam que não poderiam subordiná-las e iludi-las por muito tempo, pois apesar das restrições e limitações impostas, a humanidade seguia o seu processo evolutivo. Chegou um tempo em que os falsos deuses fizeram os homens tomarem o poder das mulheres e construírem um mundo à sua imagem e semelhança, onde a razão se sobrepõe à intuição e o pensamento domina o sentimento.

Mesmo assim e com tudo isso, os Jardineiros do Espaço nunca esqueceram a sua sementeira. Aqueles que plantaram uma humanidade mais elevada e viram usurpada a sua colheita, clamavam por ela ao longo dos séculos e milênios.

Para combater a escuridão e a ignorância por ela criada, os Jardineiros do Espaço se transformaram em Mensageiros da Luz.

Ao longo de gerações, séculos e milênios, aqueles que trouxeram a informação como luz para o Planeta Azul e dele foram expulsos pelos Piratas da Escuridão, começaram a voltar e se manifestar como artistas, profetas, revolucionários, mestres, xamãs. Tornaram-se os renegados da humanidade, aqueles que vislumbram um novo mundo, um mundo melhor, e desestabilizam os sistemas vigentes com suas visões, criações e pregações libertárias. São aqueles que lutam contra os paradigmas da servidão humana, trazendo a energia para conectar os filamentos luminosos que foram apagados da memória celular da humanidade.

Enquanto encarnam sucessivas vezes em diferentes missões, os Mensageiros da Luz vão aprendendo sobre o comportamento terráqueo, estabelecendo suas bases no planeta e se preparando para a grande batalha final de libertação – esta que estamos vivendo agora.

O grande desafio deste monumental período de transição planetária é recordar o que fomos – redescobrir as nossas sementes estelares e a nossa identidade divina para que possamos sair da escravidão mental da matrix sistêmica e compreender o nosso verdadeiro lugar e a nossa real missão na escalada evolutiva planetária. Pois não se trata apenas da transição da Terra,

mas de todo um sistema solar, de toda uma galáxia, e a consciência de um único planeta influencia os demais que passam pelo mesmo processo.

Os Terráqueos que se mostram receptivos ao salto evolucionário estão elevando a sua frequência vibracional. Esse é o grande teste – libertar –se da baixa frequência da escravidão imposta pelo sistema dominante, abandonar o mundo feito de caos e medo e fazer a travessia para um novo mundo de harmonia e paz.

O amor é a chave. O lugar é aqui e o momento é agora.

15

ANARQUISTAS VERDES

Após viajar nas estrelas, eu e a Estelita procuramos identificar o que é realmente importante na atual fase de transição planetária.

Bom, eu aposto na sutilização da vida e na reestruturação dos nossos níveis de consciência. Já a Estelita, como boa filha de revolucionários, aposta na destruição da civilização.

Pois é. Para colocar fichas mais robustas na sua aposta, a Estelita me apresenta uma grande novidade: os filósofos da anarquia verde. Eles pregam uma sociedade sem estado, livre e harmônica com a natureza. E repudiam as sociedades civilizadas por terem em comum a expropriação sistemática das vidas daqueles que vivem nelas, a domesticação institucionalizada da vasta maioria por uma minoria controladora e, geralmente, corrupta.

-Mira, Chico. Os más antigos diziam ao pueblo para se por sempre a caminho, sempre indo em busca de otro territorio para nunca crear las raíces sedentárias. E tu sabes, Chico, porque se tardam tanto os pueblos a saltar para a civilización? E porque nuestros antepassados abandonavam suas cidades e volviam para a floresta? Porque sem civilización és más gostoso. Fundir-se pura e simplesmente com la naturaleza que tudo provê es mejor. E de nada más se necessita.

Um dos enigmas debatidos pelos acadêmicos é que a evolução humana se deu de forma tão lenta durante tanto tempo e repentinamente a humanidade deu o salto para a civilização. Eu não concordo com essa polêmica acadêmica, porque ignora o passado remoto da humanidade e suas civilizações pré-históricas que foram extintas deixando poucos vestígios. Creio que a civilização se desenvolve em ciclos, em espirais de criação, destruição e renovação.

A ignorância sobre o nosso passado comum leva a conclusões bastante simplistas. Algumas são até bastante interessantes, como as do filósofo John Serzan, o grande arauto da anarquia verde que a Estelita me apresentou. O tribalismo nômade foi, durante muitos milhares de anos, o estilo de viver da humanidade. Isso não é novidade. A novidade, para Serzan, é que tal não se deu por falta de inteligência ou capacidade, como supõe a modernidade, mas sim por falta de vontade. Viver e ser era o quanto bastava. Não precisava ter. Portanto não havia o seu e o meu. Tudo era nosso. E a gente era um com o todo. Desfrutando totalmente o momento presente. Como sempre aconselharam e continuam

aconselhando os mestres. Para os anarquistas anti-civilização, até mesmo a cultura, com a sua inocente cara de benfeitora da humanidade, pode estar a serviço das trevas. Porque o mundo anda virado do avesso, sabe como é, então nada do que se vê é real – tudo é do outro lado.

Quando a gente vê as inscrições rupestres deste Planalto Central do Brasil, percebemos que para aquele povo não havia outro deus senão a própria natureza.

Meu deus, era pura alegria. Quanta fartura.

Nas pedras deste lago Paranoá e também nas tantas outras rochas deste Brasil Central, os povos que aqui viviam deixaram o registro de sua felicidade.

Porque demoramos tanto a compreender a miséria do nosso jeito de viver estressado e perdulário nas grandes cidades tecnológicas onde imperam o lucro e a ganância? Porque estamos demorando tanto a dar o salto para um jeito de viver sustentável, porque ainda encontramos tanta dificuldade para estar em sintonia com a natureza? Eu tenho a sensação de que estamos vendo o desmoronar da civilização de nossas janelas como se fosse mais um espetáculo da televisão. Nos acostumamos tanto a viver virtualmente que perdemos a capacidade de reagir no chamado mundo real. O apocalipse se transformou em mais uma novela que assistimos em capítulos.

Espetacular. Este é o momento mais espetacular que a humanidade já viveu e nós estamos tão anestesiados que não conseguimos levantar e interagir. Pelo menos aqui, na cidade grande, onde o sistema nos engole e nos torna mais uma peça da engrenagem. Quando a conversa chega nesse impasse da decadência civilizatória, eu sempre acho que o jeito é cair pro mato. Como fizeram os ancestrais da minha namorada.

Muita gente ainda se surpreende com as maravilhosas cidades abandonadas pelos Maya. Para onde foram eles? Para alguma estrela distante? Talvez tenham ido apenas para a selva mais próxima. Porque seu ciclo civilizatório entrou em decadência. Há sempre um momento, na história das aglomerações humanas, em que não dá mais. As cidades se tornam células descontroladas, exaurindo os recursos naturais do entorno e se tornando foco de ataques externos e brigas internas. Por tudo isso o sábio e civilizado povo Maya preferiu um dia voltar para a selva, principalmente depois que severas alterações climáticas lhes trouxeram seca e desabastecimento, além dos problemas trazidos pela urbanização que já se acumulavam.

E por falar nisso – quem sabe os meus parentes sumiram em alguma floresta – ou simplesmente entraram em outra dimensão de realidade?

Porque as pessoas da minha família do sul têm essa mania dos Maya, de aparecer e desaparecer.

Acho que a história começou com meu avô Hermes. Ele desapareceu quando minha mãe era pequena. E minha mãe, por fim, também se foi misteriosamente, sem avisar. Ela não voltou mais ao sul desde que veio de lá pra conhecer Brasília e um dia, simplesmente, desapareceu. O barco foi encontrado vazio, vagando solto no lago Paranoá. Todos acharam que mamãe estava nadando e se afogou.

Eu achava impossível ela ter se afogado. Nadava muito bem. Mas eu era apenas um guri de 14 anos apaixonado pela mãe e ninguém me deu atenção. Procuraram durante dias, mas nunca encontraram seu corpo. Eu sabia que não adiantava a busca porque ela não estava mais no lago. Mesmo que tivessem encontrado seu corpo, sua alma não estaria mais ali. Durante muitos anos eu fiquei olhando para o céu, imaginando que Aurora poderia estar vivendo em um mundo distante, quem sabe andaria por aí passeando de disco voador e poderia aterrisar a qualquer momento.

Seja como for, esses pedaços de família faltando parecem querer me dizer alguma coisa. Talvez o velho bauzinho que eu deixei de lado com o ardor e a presença viva das histórias zapatistas, tenha alguma coisa pra me contar. Uma das cartas do Herdeiro do Profeta para o primo que morava no Rio Grande do Sul fala de uma grande dor que marcou para sempre a família. Será que isso tem a ver com os desaparecimentos?

Bom. Está na hora de ler novamente a vó Bianca.

16

CONVERSANDO COM ANJOS

Botucatu, julho de 1930

Querida irmã,

Sabe Deus onde estás agora, Leopoldina. Mas seja onde for que estiveres, eu preciso falar contigo.

Tantas coisas estão acontecendo desde que a tua carta de anos atrás veio parar nas minhas mãos. Pois com ela veio o mensageiro que me fez ingressar num novo mundo. Estou morando agora numa fazenda no interior de São Paulo com meu marido. Quer dizer, eu estou morando aqui. Ele, não sei. Pois Hermes, que tu conheces tão bem, está sempre em movimento. Parece que para ele, a Coluna não acabou.

E não acabou mesmo, Dina. Por que os rebeldes da Coluna Costa-Prestes voltaram do exílio e a luta continua. Porto Alegre é o centro da conspiração e Hermes viaja constantemente para lá. Aqui em São Paulo as condições são desfavoráveis para os revolucionários, pois o Estado tornou-se um reduto legalista com a indicação do governador Júlio Prestes para a presidência da República. Os revolucionários apóiam o candidato da oposição, o gaúcho Getúlio Vargas, que vem encontrando amplo apoio entre a nossa gente do sul e outros estados, mas não ganhou as eleições, como era de se esperar. Dizem que elas foram uma fraude.

Estive em Porto Alegre numa das viagens de Hermes, aproveitando para visitar papai e Amadeus. Eles estão bem, embora papai sintasse um pouco sozinho. Eu me encontrei nessa ocasião com João Alberto, o tenente que falou comigo quando fui ao acampamento dos revoltosos em São Luis Gonzaga, e por quem rezei durante a grande marcha. Ele me reconheceu e conversamos. Quase não o reconheci, por causa da barba. Me contou que ele, Prestes, Siqueira Campos e Cordeiro de Farias combinaram deixar as barbas crescerem logo no início da Coluna para esconder a juventude e impor mais respeito aos homens.

Percebi que João Alberto está um pouco preocupado com o rumo da revolução. Porque o comandante em quem tanto confiam não está mais em sintonia com eles. Luis Carlos Prestes não comunga mais dos mesmos ideais com seus companheiros de luta e recentemente lançou, com grande repercussão, o seu manifesto comunista. Pouco antes disso, os chefes mais destacados da Coluna tiveram um encontro que terminou em tragédia.

O encontro aconteceu em Buenos Aires, onde vivem exilados Prestes e Miguel Costa. Eles se reuniram com Siqueira Campos e João Alberto. Prestes convocou a todos, para lhes comunicar que não apóia mais o atual movimento revolucionário. Esteve em Porto Alegre com Getúlio Vargas por solicitação de Siqueira Campos, mas não lhe agradou o que viu. Está certo de que a revolução burguesa, da forma como vem sendo encaminhada, será mais danosa do que benéfica aos interesses do País.

Certamente esta que se desencadeia agora não é a revolução sonhada pelos que começaram a marchar em 1924 como tu, mas é a revolução que se fez possível e conta agora com amplo apoio de setores importantes da sociedade brasileira, até mesmo, quem diria, do próprio Artur Bernardes, o ex-presidente da República que tanto perseguiu os revoltosos durante o seu governo.

Mas eu creio que o choque maior para os companheiros foram os ataques de Prestes contra Deus, Pátria e Família. Despediram-se dele sem acordo. Miguel Costa permaneceu em Buenos Aires, enquanto João Alberto e Siqueira Campos embarcavam num vôo de volta para o Brasil. E foi aí que se deu a tragédia, Dina. O avião, de uma companhia francesa, caiu no mar. João Alberto conseguiu nadar até a costa e se salvar, mas Siqueira Campos se afogou.

Tu podes imaginar o impacto desses eventos – a deserção de Prestes e a morte de Siqueira – sobre os revolucionários. Mas, a luta continua. Sobre as divergências dos companheiros com Prestes, Hermes tem procurado ser imparcial e me diz que compreende tanto um lado

quanto o outro. Ele também não se contenta com reformas pequeno-burguesas que não alcançam o quadro maior de uma revolução de base – mas acha que estamos conseguindo o que é possível no momento. Diz que compreende Prestes no fundo do coração, porque seu pai era também um comunista. Embora de um jeito diferente. E conta ter reconhecido, na figura do comandante, a mesma determinação com a qual seu pai liderava o povo fiel que o seguia pelas estradas e as trilhas desta Serra de Botucatu.

Aos poucos vai se revelando o terrível segredo que veda os lábios desta família. Meu marido e sua irmã quase não falam sobre os pais que já morreram. É como se eles não tivessem existido aqui neste lugar, mas eu os sinto. Não apenas na fazenda onde viveram, mas também nos olhos das pessoas quando estamos na cidade. Eu sei que, quando me olham, estão vendo algo além de mim. É disto que eu quero te falar, minha irmã. É desse algo além de tudo que não consigo compreender.

Hermes me diz que já não é o mesmo homem que escrevia cartas com o codinome de Herdeiro do Profeta. Embora continue sendo, mais que nunca, o herdeiro do Profeta. É que, além da Coluna, muitas coisas aconteceram que o transformaram desde então. Quando se desgarrou da Coluna para deixar a ti e teu companheiro na aldeia ao pé da Serra do Roncador, Hermes perdeu a pista dos revoltosos. Ficou sem dinheiro, sem rumo e sem causa, já que a Coluna concluía sua odisséia para se exilar na Bolívia. Foi então que lhe apareceu uma expedição em busca da pista do coronel Percy Fawcett, um explorador extraviado da Real Sociedade Geográfica da Inglaterra.

Na verdade, o que Hermes encontrou foi um expedicionário solitário. Quem buscava o coronel Percy Fawcett era um homem da Ordem Hermética da Aurora Dourada – uma organização ocultista que já deu muito o que falar na Europa. Esse homem estava esperando chegar um reforço financeiro da Inglaterra para se embrenhar no sertão matogrossense em busca do lugar onde dizia estar o maior tesouro da Terra. E o tesouro, segundo ele, era o conhecimento sobre a verdadeira história da nossa humanidade. Hermes se dispôs a colaborar com o expedicionário inglês e foi então, Dina, que o meu marido deixou de ser o homem que tu conheceste e se transformou em outro alguém.

Não vou entrar em detalhes sobre o que aconteceu com Hermes na Serra do Roncador. Até porque, não sei detalhes – ou prefiro não saber. Apenas compreendi que ele conheceu um mundo totalmente desconhecido por todos nós, aqui na superfície da Terra. Sim, minha irmã: acredite se quiser, mas o meu marido, teu ex-companheiro de marcha e atual cunhado, entrou nos subterrâneos da Terra. Mas isso não importa agora. Só me refiro a esse exótico acontecimento do passado porque a partir dele Hermes se tornou membro de uma espécie de confraria secreta. E tem se dedicado a estranhos rituais, que me assustam e me fascinam ao mesmo tempo.

Na verdade, tudo é estranho. Estar aqui, tão longe do Rio Grande, de Amadeus e de papai, já é muito assustador. A saudade que eu sinto do Guaíba, que em pouco tempo aprendi a amar, só Deus sabe. Outro dia Hermes me levou para conhecer o rio Tietê, que passa aqui perto. É grandioso, Dina, mas não senti a mesma emoção de quando conheci o Guaíba. Pois

esse passava em frente à nossa casa, e para ele dizíamos bom dia ao acordar e boa noite ao deitar. Como se fosse um ente da nossa família.

O Tietê que eu conheci aqui é portentoso como deve ser um rio paulista, mas está longe dos olhos e distante das nossas pernas e por isso não chega a ser um irmão como foi o Guaíba. Enfim. Só mesmo o grande amor que tenho pelo meu marido me faz suportar as estranhezas que sinto por aqui. Pois até mesmo o nosso casamento é diferente de tudo o que já ouvi falar.

Hermes mais se ausenta do que se apresenta. Quando está em casa, costuma perder as horas no escritório. As paredes são forradas de livros e com eles meu marido passa as noites, mais do que comigo. Isso, quando as noites são de lua nova ou minguante. Pois quando elas se clareiam na lua cheia, nem mesmo os livros o seguram em casa. Para essas noitadas,



Hermes leva apenas velas e um velho saco de dormir. Ele me mostrou para onde costuma ir. Para que eu não pense bobagens, me disse sorrindo.

Aqui perto existe uma formação montanhosa que se assemelha a um homem deitado. É assim que a gente daqui chama o lugar: Gigante Adormecido. Pois a nossa fazenda começa nos pés desse Gigante Adormecido, onde existem três morrotes, sendo que o do meio é conhecido como Templo da Serpente. Teria sido, em tempos remotos, um local de culto dos povos mesopotâmicos que nos visitaram. Gente da antiga Suméria, que veio para o Brasil em navios fenícios. Pois as coisas que nos ensinaram na escola não são bem verdadeiras, querida. Os portugueses não nos descobriram realmente, eles apenas nos invadiram e nos colonizaram. Fomos descobertos muito tempo antes.

Pois é nesse Templo da Serpente de antigas celebrações que Hermes acende as velas e, simplesmente, vela. Eu acredito, Dina. Se ele diz que assim é, eu acredito. Embora me pareça estranho. Pois nesse velar silencioso e quieto, muito acontece. Assim como acontecia tempos atrás com seu pai. Não que ele tenha dito isso, mas assim eu descobri, pelo murmúrio aflito de sua irmã ao vê-lo sumir ao longe: "tal pai...tal filho"...

Diz Hermes que encontrou nas cavernas do Templo da Serpente antigas inscrições em uma língua estranha. Ele as copiou e mandou para a Inglaterra, aos cuidados de seu amigo da Ordem Hermética da Aurora Dourada. Pois a resposta que chegou dos especialistas ingleses,

é que se trata de escritos na língua dos sumérios e contém invocações de uma antiga ordem que se chamava Irmandade da Serpente.

O amigo de Hermes ficou muito entusiasmado com a descoberta e discorreu sobre essa fraternidade. Ela teria sido precursora de outras ordens iniciáticas e sociedades secretas que se espalharam pelo mundo e foi formada pelos instrutores dos povos que se fixaram na Mesopotâmia e no Egito. Os líderes dessa gente não gostava de se misturar com outros e tratou de manter uma linhagem pura através dos séculos por meio de casamentos consangüíneos que vieram a formar parte da nobreza européia.

Além de preservar a própria linhagem, essa gente teria também reservado para si o poder da magia. As faculdades extra-sensoriais e mágicas dos humanos foram ridicularizadas e reprimidas através dos séculos, mas a maioria dos reis e rainhas e agora os presidentes dos países e das corporações, enfim, os poderosos que controlam o mundo, são membros de sociedades secretas e praticam rituais mágicos de poder.

Porque lhe conto tudo isso, Dina? Porque as revelações feitas a partir dessa história são surpreendentes demais para mim. Dizem os ingleses que a Irmandade da Serpente, a partir do século 18, passou a chamar-se Ordem dos Illuminati. E como fazem parte dela algumas das famílias mais ricas do mundo, inclusive os banqueiros mais poderosos da Terra, esses Illuminati resolveram armar um plano de domínio mundial para controlar de vez os humanos.

Verdade ou não, Dina, o fato é que essa história toda de serpentes e sociedades secretas me dá arrepios e me assusta saber que Hermes freqüenta um lugar onde essa gente andou e fez sua magia negra. Mas ele ri de mim e diz que a magia não tem cor, ela é transparente, e se torna branca ou negra dependendo do uso que se faz dela. Garantiu-me que nada tenho a temer, porque em suas meditações e invocações ele conversa com anjos e não com demônios. Disse-me Hermes que, se eu pudesse andar normalmente, me levaria consigo ao menos de vez em quando, pois há noites em que a presença de uma deusa seria bem-vinda. Mas, como tu sabes, as seqüelas da paralisia infantil não me permitem sonhar com tamanha aventura.

E por aqui vou ficando, irmã, pois já se faz tarde, e os anjos com quem Hermes diz conversar silenciosamente no Templo da Serpente já se fazem anunciar. Conforme pediu meu marido, eu vou entrando em sintonia com essa divina presença, pois entre as tantas novidades que aprendo aqui, sei agora que a distância é apenas uma ilusão dos sentidos.

Saudade,

Bianca

17

RAÍZES PROFUNDAS

**Então, meu avô era um revoltoso da Coluna Costa-Prestes
e um iniciado nos mistérios do Roncador.**

Novamente se comenta nas cartas do bauzinho sobre o terrível segredo que paira sobre a família. O que será isso? Parece que a minha ida ao Roncador e o resgate do bauzinho tem um significado maior do que eu mesmo poderia imaginar. As velhas cartas são muito reveladoras.

Essa história da Irmandade da Serpente é bastante interessante. Então, a Ordem dos Illuminati tem sua origem mais remota na Suméria. O nosso atual Iraque. Sim, isso faz sentido.

**As raízes da nossa atual civilização vêm do Iraque, das águas do Tigre e do Eufrates
hoje tintas de sangue.**

Na verdade, o Iraque, que significa terra de raízes profundas e antigamente se chamava Suméria, não representa o início da nossa história, como dizem os livros escolares. Existem antecedentes no Egito, na Tailândia, no Camboja, na Índia. Recentemente, um prédio encontrado submerso na costa do Japão foi datado como tendo sido construído há 12 mil anos. Mas foi no Iraque, isto é, na Suméria, que a manipulação babilônica começou e um certo tipo de civilização fundamentada numa tecnologia guerreira se implantou.

Foi nessa terra de raízes profundas que o Noé bíblico, chamado Utnapischtim em sumério, construiu sua arca. Foi lá, na antiga cidade de Ur, onde nasceu Abraão, o patriarca do judaísmo. Foi lá onde se levantou a torre de Babel que até hoje divide os povos. E foi lá também onde se gravaram as famosas tábuas que contam a história dos ancestrais alienígenas que se tornaram deuses para os povos de então e influenciaram as religiões que vieram a seguir.

Dizem as lendas que foi no Jardim do Éden, entre os rios Tigre e Eufrates, que a serpente do conhecimento ofereceu seus frutos à humanidade. A civilização predominante no mundo, atualmente, é um prolongamento da civilização sumeriana. Foi lá que se desenvolveram as bases atuais do comércio, do dinheiro e dos impostos, os fundamentos do dogma religioso e da cultura patriarcal vigentes, as cidades-estado, as forças armadas, as guerras contínuas e a escravidão dos povos conquistados.



**Sete mil anos de civilização.
E a memória das origens da nossa civilização destruída em poucos dias.**

Por quê?

Em abril de 2003, logo após a invasão de Bagdá pelos soldados da chamada coalizão anglo-americana, os museus iraquianos foram saqueados e as bibliotecas incendiadas. Uns 15 mil objetos arqueológicos valiosos foram roubados, incluindo as placas de argila com escritas cuneiformes e outras que datam do início da escrita. Aproximadamente um milhão de livros e dez milhões de documentos foram queimados, incluindo os arquivos com a memória dos primórdios da Mesopotâmia e a criação do Iraque – a mais culta nação do mundo árabe. Tudo isso aconteceu diante dos olhares permissivos dos soldados estadunidenses e britânicos, que foram coniventes com a destruição das origens da atual civilização ocidental, isto é, as suas próprias origens.

Por quê?

Avisos prévios e informações sobre o valor dessas relíquias não faltaram. Nos dias que antecederam à invasão, comissões de estudiosos acorreram ao Pentágono e às autoridades civis para advertir sobre os prédios e sítios arqueológicos que deveriam ser protegidos. Diversos mapas foram fornecidos aos comandantes da guerra, inutilmente. Mesmo durante a invasão, correspondentes estrangeiros acorreram aos quartéis gerais em Bagdá para informar sobre os saques, depredações e incêndios que destruía os museus e bibliotecas, sendo recebidos com indiferença ou sarcasmo pelos soldados.

Por quê?

Falta de efetivos ou logística certamente não foram os motivos para tal descaso – pois os mesmos militares que sorriam ironicamente diante dos saques culturais, defenderam ardorosamente o prédio do Ministério do Petróleo e as instalações dos poços petrolíferos. Acho que neste caso, não é necessário perguntar porquê.

Após o alarme internacional, muitos soldados foram interceptados nas fronteiras, carregando para casa belos “souvenirs” roubados de museus. Há quem diga que essa pilhagem em tempo recorde foi a maior jamais vista em centenas de anos. O comércio ilegal de antiguidades nunca esteve tão movimentado. Mas a barbárie continuou, estendendo-se dos prédios urbanos aos campos santos. O lugar escolhido pelos militares estadunidenses para construir sua base, nas proximidades de Ur, era um território sagrado para os povos mesopotâmicos, que ali ergueram templos e zigurates. Pois os yankees arrasaram esses famosos sítios arqueológicos e religiosos, edificando no lugar seus próprios templos – lanchonetes e pizzarias do tipo fast-food. Se não fossem tão desatentos para a história de outros povos, eles saberiam que é perigoso profanar monumentos antigos. O Egito já demonstrou isso, por meio das mortes trágicas de alguns violadores das tumbas dos faraós. Também no Iraque, os fantasmas mostraram que não dormem em serviço. A mesma população que aplaudia os soldados que regressavam para casa com seus valiosos “souvenirs” roubados, passou a receber em silêncio os caixões mortuários dos parentes que tombam nos campos santos da Mesopotâmia.

Por quê? Por que se arriscaram tanto assim os invasores?

De tanto me perguntar, vislumbrei algumas respostas no simbolismo aparentemente prosaico dos Burger King e das Pizza Hut que substituem templos e zigurates. Respostas que me pareceram confirmadas por notícias nada prosaicas, subsequentes aos saques e incêndios e à profanação dos campos santos: mais de 200 professores universitários iraquianos, constituindo um dos maiores acervos culturais do Oriente Médio, foram misteriosamente assassinados após a invasão. E ao longo destes anos de ocupação, a maior parte da classe média iraquiana com seus profissionais habilitados foi devastada com morte, prisão ou exílio.

Por quê? Qual é a maquinação por trás da destruição cabal da memória ancestral da nossa civilização?

Para mim, trata-se de apagar a memória de uma cultura para substituí-la por outra, recriando e moldando um determinado modelo civilizatório. Trata-se de estabelecer a Nova Ordem Mundial. Para os fanáticos comandantes dessa guerra pelo domínio mundial, os milenares fantasmas iraquianos são incômodas testemunhas de uma trama que vem sendo urdida há séculos. E culmina hoje no redesenho das fronteiras do próprio berço da civilização.

Os templos e os zigurates onde se instalaram os burger king e pizza hut são os locais onde se começou a tecer a teia da matrix que envolve a humanidade no sonho que se tornou

pesadelo. E agora que o grande ciclo está chegando ao fim, é para lá que se volta o golpe fatal na antiga ordem e o começo da nova ordem que os donos do mundo desejam impor.

Já não se trata simplesmente de aniquilar o passado ou a memória do povo semente, mas também de acabar com o seu futuro. Por isso, as crianças. Antes mesmo da invasão e da ocupação anglo-americana, o futuro do Iraque estava sendo destruído através de suas crianças. As estatísticas somam cerca de 500 mil crianças mortas ao longo dos dez anos de bombardeios sistemáticos, que destruíram os sistemas de abastecimento de água e coleta de esgotos, e do bloqueio internacional de gêneros os mais diversos, inclusive remédios, por imposição do governo estadunidense. Ironicamente, naquela época, o vice-presidente desse governo era Al Gore, o “salvador” da humanidade que recebeu o prêmio Nobel da Paz.

Após a invasão, o genocídio se tornou mais sinistro: as bombas de urânio lançadas pelo Império da Morte espalham uma radioatividade contaminante que afeta as mulheres grávidas e deforma os fetos. Nunca se viu tantos casos de crianças cancerosas, deformadas e natimortas, relatam os médicos que restaram no Iraque.

Sem passado, sem presente e sem futuro, os iraquianos não poderão reconstruir a sua pátria. Que está sendo usurpada pelos deuses da guerra e do dinheiro – representados pelas corporações transnacionais que repartem os despojos entre as ruínas do que já foi um Jardim do Éden.

18

SAGA DO SERTÃO

Restam duas cartas para serem lidas no bauzinho. Conta mais, vó Bianca.

Botucatu, setembro de 1939

Querida Dina Revoltosa,

Mais uma vez tu és o vendaval que nos arrebatava e transtorna as nossas vidas. Uma velha carta tua, enviada para o nosso antigo endereço nas Missões, finalmente chegou até Amadeus. Ele julgou tão importante seu conteúdo que a trouxe até aqui.

Tu contas que continuavas vivendo na aldeia onde Hermes te deixou com Pedro. E que ele não resistiu aos ferimentos sofridos durante a marcha da Coluna, agravados pela luta com um índio, vindo a morrer e deixando-te só. E tu ficaste sob a guarda do cacique, pois estavas grávida. Mas não de teu namorado, o Pedro. E sim de seu primo Hermes.

Nasceu uma linda menina, a quem nomeaste Tainá – a Estrela da Manhã, na língua xavante. Com olhos do suave azul do amanhecer como tu e pele morena como o pai. Depois que estavas refeita do parto, o cacique te tomou como mulher e te fez um filho homem a quem nomeou Tanguro, como um rio que ele gosta de navegar.

Atarefada com as crianças, não pensavas em deixar a tribo – embora sentindo saudades de tudo: de nós, das coxilhas verdes do Pampa, das domingueiras de São Luis Gonzaga. E de



Hermes, naturalmente. Embora feliz com teu marido xavante, que consideravas como bom companheiro e amante feroso, apesar de um tanto machista, tu não te esquecias de Hermes. E como poderias? Que mulher jamais poderia esquecer Hermes, depois de amá-lo? Eu me sinto, a cada dia que passa, mais e mais grata pelo presente que tu me mandaste. E a única coisa que falta para trazer plenitude à minha felicidade é o filho que não posso ter – e que tu tiveste com ele.

Vejo que o mistério da vida é maior do que a nossa vontade. Manifestavas em tua carta o desejo de que teus filhos pudessem estudar para evoluir como seres. Hermes diz que um dia

irá buscar a criança dele que está contigo, para satisfazer teu desejo e porque assim é preciso. Tainá é herdeira do Profeta e filha da Coluna.

Inconscientemente, eu sabia que isso um dia poderia acontecer. Isto é, que Hermes um dia voltaria para a Serra do Roncador. Pois as experiências que lá viveu são fortes demais para que possam ser esquecidas ou descontinuadas.

Ao deixar tu e Pedro na aldeia para reencontrar a trilha dos revoltosos, Hermes encontrou o seu mestre – embora não o estivesse procurando. O inglês que procurava o explorador perdido e sua cidade oculta se interessou duplamente por Hermes: pela sua experiência como revoltoso atravessando selvas e sertões, e pelo seu nome. Pois um dos sábios reverenciados pela Ordem Hermética da Aurora Dourada é Hermes Trismegisto, também chamado pelos iniciados de Thot – o mensageiro divino do Antigo Egito. O inglês da Aurora Dourada que veio parar no Roncador iniciou Hermes nos estudos dos Mistérios e da Tradição. Ainda hoje se correspondem. E afinal, eu mesma fui iniciada por Hermes.

Comecei simplesmente limpando o escritório onde meu marido realiza seus estudos ocultistas e suas práticas de ioga. Por ser um local sagrado para ele, proibi que a criada ali entrasse e me encarreguei eu mesma da limpeza. Costumava acariciar os livros que descansavam em cima da mesa, sabendo que passavam pelas mãos de Hermes.

Aos poucos, comecei a abrir os livros, a folheá-los e lê-los, mesmo sem entender grande parte do que diziam. Quando Hermes se deu conta do meu interesse, passou a traduzir-me o que estava nos livros e a ensinar coisas muito além do que eu poderia aprender através deles. Eu me tornei discípula do meu próprio marido e pude desenvolver o amor devocional que já brotara em meu coração.

Ao aprofundar seus estudos ocultistas, Hermes encontrou a essência de sua própria profissão. Pois o mestre primeiro do ocultismo – ou ciência hermética – não foi outro senão o mesmo Thot / Hermes que, entre tantos outros atributos, dizem ter desenvolvido a medicina. O caduceu que ele porta em algumas imagens, com as serpentes gêmeas em torno de um bastão, representam a kundalini e os centros vitais de energia que se alinham ao longo da nossa coluna. Equilibrar e harmonizar esses centros é um princípio básico da cura. As técnicas e as ferramentas para trabalhar os centros vitais de energia tornou-se o estudo principal de Hermes. Em seu trabalho, ele incorpora leituras de aura, terapias corporais, dietas alimentares, práticas meditativas. Com o conhecimento espiritual que adquiriu, Hermes sabe que não se cura o corpo sem tratar do espírito. E assim, tornou-se também um conselheiro espiritual para seus pacientes.

Não é um receituário médico usual por aqui. Mas os clientes estão gostando dos resultados e a casa que alugamos na cidade para servir de clínica já ficou pequena com tanta gente chegando e tanta fila de espera. É preciso que eu me imponha, para que o horário de trabalho não se estenda muito além do razoável. Pois Hermes nem se importa que lhe

paguem. O sacerdócio da cura e a paixão pela ciência estão além dessa pequena futilidade. Eu me encarrego de fazer sua agenda, equilibrando horários entre aqueles que podem e os que não podem pagar. Aos primeiros, eu cobro em dinheiro. Aos demais, deixo que tragam suas oferendas. Recebo pães, bolos e conservas. Mandiocas e mamões, abóboras e abacaxis. Às vezes nos chegam roupas, que trato de reformar.

O trabalho de Hermes com o equilíbrio dos centros vitais de energia por vezes nos traz insólitas ofertas de pagamento. Uma das moças atendidas quis lhe pagar com o próprio corpo. Outra mandou telegramas de amor da estação de águas onde passava férias. Eu lhe peço mais prudência nessas experiências para despertar a kundalini.

Para completar a renda em moeda e nos trazer um pouco mais de conforto, tenho tricotado bastante. Entre um cliente e outro, enquanto Hermes está atendendo e não precisa de mim, faço blusas, casacos, cachecóis, meias e luvas. Há sempre bons compradores.

Por quê te conto tudo isso, Dina? Porque precisas saber quem é o pai de tua filha. E quem é a mulher que vive com ele. Porque um dia tua Tainá estará aprendendo conosco.

E agora passo a te contar, minha irmã, o que significa esta sina de receber a herança do Profeta. Primeiro, vou te narrar como chegou a mim esse conhecimento, porque assim tu terás uma idéia de a quantas andam teus companheiros de marcha. Talvez não saibas, mas

os revoltosos da Coluna Costa-Prestes têm estado presentes nos momentos mais decisivos da nossa História.

Teus companheiros de marcha seguiram rumos diferentes. Alguns continuaram com a revolução até 1930 e assumiram o poder com o governo vitorioso de Getúlio Vargas. Nosso amigo João Alberto tornou-se interventor em São Paulo. Outros continuaram lutando contra o governo, como o general Isidoro Lopes, até o movimento constitucionalista de 1932. E outros ainda seguiram com Prestes até a Intentona Comunista em 1935.

Este nosso episódio em particular, a revelação sobre o histórico da família de Hermes, começou com a prisão de Luis Carlos Prestes. Talvez não possas imaginar o comandante invicto da Coluna trancafiado numa cadeia. Pois foi o que aconteceu, após uma rebelião comunista mal planejada contra o governo de Getúlio Vargas há coisa de uns quatro anos. Os jornais chamaram de Intentona Comunista. Ficou na intenção.

Para Hermes, significou muito mais do que uma intenção malsucedida. Representou a prisão e a tortura de muitos camaradas seus da Aliança Libertadora Nacional. E representou também o temor constante pairando em nossas vidas durante meses, de que um dia viriam pegá-lo. Foi durante esse tempo de aflição após as notícias da prisão e das torturas sofridas pelos companheiros que Hermes me revelou o segredo e a saga do Profeta. Que vieram obsediá-lo desde as brumas do passado, trazendo as dores da prisão, tortura e morte de seu pai. Perder Prestes foi, para Hermes, quase o mesmo que perder o pai novamente. Entre as

relembrações do passado e a necessidade de se esconder no presente, ele buscou mais que nunca o Templo da Serpente. Foi lá que começou a saga de seu pai Antonico, o Profeta do Sertão.



Antonico era um homem alegre, rico e intrépido como outros da burguesia paulista naqueles tempos distantes dos barões do café. Pois um dia, numa jogatina com os amigos no clube de Botucatu, ele foi desafiado – ou se desafiou, ninguém sabe ao certo - a passar três dias e três noites no Templo da Serpente.

Perdendo a aposta, tratou de cumprir o prometido. E, segundo a lenda local, perdeu o juízo nesse comprometimento, para nunca mais recuperá-lo. Dizem que após a estadia no Templo da Serpente, Antonico voltou taciturno e saturnino para casa. Aos poucos, deixou de interessar-se pelos negócios da fazenda, entregando seu comando aos empregados. Tornou-se freqüentador assíduo do Templo da Serpente e até improvisou uma morada ali perto, em

uma caverna. Dizem que emagreceu muito, pois mal se alimentava. Vivia de jejuns e vigílias. Deixou a barba e os cabelos crescerem. Um dia, largou as roupas que lhe tolhiam os movimentos e vestiu-se apenas com um camisolão.

Aos poucos começou a vir com mais freqüência para a cidade, porém não mais freqüentando os lugares da elite no centro, como antes. Sua nova rota se fez na periferia, entre os desvalidos e os despossuídos de toda sorte – que naquela época existiam muitos. Desde os descendentes de escravos libertos que nunca foram integrados à sociedade, aos imigrantes atraídos pela miragem da fortuna que se defrontavam com a realidade da escravidão branca nas fazendas de café. Uns e outros acabavam vagando pela cidade, sem emprego e sem inclusão na comunidade local, que não possuía na época nenhuma prática assistencialista. A massa de miseráveis era considerada um estorvo, e a pobreza se tratava como se fosse um crime.

Antonico se tornou protetor das prostitutas, companheiro dos mendigos, conselheiro dos ladrões. Para todos eles pregava o amor universal e a compaixão pelo próximo, anunciando o novo mundo de paz, fraternidade e justiça que ia chegar após o caos apocalíptico. Esse caos era ainda embrionário, mas os escolhidos de Deus deveriam unir-se para criar as bases do Reino Divino. Um pequeno séqüito de pretendentes ao Reino Divino, entre os miseráveis que do reino terrestre nada mais esperavam, foi se formando em torno do mestre que surgira das matas e que se tornou conhecido como Profeta. A todos ele acolhia, com um

sorriso e um gesto amoroso. Conta-se até que o viram uma vez ajoelhar-se diante de uma criança morfética e órfã, para lavar com as próprias mãos os pezinhos descalços e feridos.

As palavras iluminadas do Profeta não tocavam apenas o coração dos desvalidos e desclassificados. Alguns dos chamados homens de bem abriam espaço em sua agenda para, vez por outra, privar da companhia do mestre e ouvir seus conselhos sempre valiosos. A diferença é que os bem vestidos iam refletir sobre as palavras do Profeta em casa, no conforto do lar, enquanto os maltrapilhos se quedavam aos seus pés.

Como a cidade não os queria e não os continha mais, puseram-se a vagar pelas estradas e os caminhos entre as fazendas. Um dia, Antonico invadiu a sua própria sede. Entrou na casa onde a mulher e a filha viviam refugiadas e fugitivas do convívio social, envergonhadas pelo comportamento abstruso do chefe do clã. Cercado pelos seguidores, o Profeta abençoou a mulher e a filha, perdoando-as por não desejarem segui-lo. Mas exigiu a guarda do filho menor, uma semente sua para o Reino Divino. Estupefatas e amedrontadas pelo insólito cortejo que tratava de se apossar de alguns bens terrenos para o povo de Deus, elas não conseguiram reagir adequadamente e lá se foi o pequeno Hermes, conduzido pelas mãos de seu pai para o desconhecido.

Malvistos e maltratados em Botucatu, o Profeta e seu séqüito assumiram como destino o vizinho município de São Manuel do Paraíso, que melhor se nomeava aos seus desígnios. As palavras sábias e justas do mestre eram alimento para a alma. Para o corpo, seus seguidores

alimentavam-se daquilo que podiam arrebanhar pelas terras férteis e produtivas por onde passavam. Em pouco tempo, tornaram-se um caso de polícia.

Antonico foi preso ao entrar no Paraíso sonhado. São Manuel não lhe saiu um santo hospitaleiro e Hermes lembra-se ainda de grossas correntes prendendo os pés e as mãos do pai, quando a turba dos seguidores invadiu a cadeia para libertá-lo, amedrontando e fazendo fugir os policiais. Saindo da cadeia, eles buscaram os campos de uma fazenda próxima e por ali se arrancharam. Hermes lembra-se da fogueira que fizeram para aquecer a noite fria e das palavras amorosas do pai buscando o perdão para a ignorância daqueles que os perseguiram e maltratavam.

Mas o vexame sofrido pelos policiais fugitivos fez com que se vingassem, chamando os reforços das tropas estaduais. Dizem que o próprio governador foi solicitado a intervir para refrear o poder do Profeta. E as forças da repressão vieram numa manhã clara e melodiosa, quando os pássaros faziam coro às orações dos pretendentes ao Reino Divino.

Chegaram atirando e fazendo com que muitos se dispersassem e fugissem. Ficaram os discípulos mais chegados do Profeta ao seu lado. Um a um foram mortos, na frente do seu líder. Para este, estava reservada uma morte especial. Cacetetes, pontapés, cusparadas, bofetadas. Tudo o que tinham em mãos que pudesse ferir foi usado pelos agressores. De longe, Hermes a tudo assistia, escondido. Havia se soltado das mãos que o tentavam

proteger, levando-o para longe da zona do crime. Em busca do pai, ele voltou. E assistiu à sua lenta, desumana e humilhante agonia.

O menino foi encontrado vagando pelas estradas, sozinho. Reconduzido para a família, foi cuidado pela irmã. Pois a mãe se trancara num quarto, desde que o marido invadira a casa com sua corte de maltrapilhos, levando alguns objetos e alimentos e seqüestrando o menino. Ali no quarto ela ficou, e ali enlouqueceu e morreu.

Assim te conto como me foi contado, irmã. Já não te conto as angústias de que padece meu marido, pois acredita ele que a divina loucura do Profeta é algo que se pode transmitir de pai para filho. Para aplacar essa angústia, Hermes tem estudado e trabalhado muito. Seja por falta de tempo ou por remotas lembranças, deixou crescer a barba e os cabelos. Veste-se de branco, naturalmente, como devem vestir-se os médicos. E dizem que se parece cada vez mais com o pai.

Com afeto,

Bianca

19

HABLA COM TUA MADRE

Havia mais uma carta para ser lida no bauzinho, mas eu não tive a serenidade suficiente para lê-la de imediato. Era demais pra mim.

Eu precisava esticar as pernas, andar, respirar ar puro para dissipar minha ansiedade e colocar os pensamentos em ordem. Fui até a beira do lago e ali me quedei, olhando as águas tranqüilas.

Se meu avô Hermes acreditava ser herdeiro da divina loucura do Profeta – eu também poderia ser um herdeiro. Minha mãe poderia ser uma herdeira. Aquela pergunta, sempre sufocada através dos anos, grita agora dentro de mim: onde foi parar minha mãe?

Mas como sempre, o lago não me traz resposta alguma. Eu me lembro do estupor de papai, nos primeiros tempos após o desaparecimento. Depois de acompanhar as buscas oficiais e após pagar do próprio bolso novas e infrutíferas buscas, papai costumava passear pela praia e se quedar absorto como eu agora, olhando as águas tranqüilas. Eu o via da varanda de

casa, e imaginava o que ele desejava ver: mamãe aportando na praia sorridente e feliz, acenando para ele e subindo a rampa de casa para abraçá-lo.

Respiro fundo e faço um exercício de ioga para me acalmar. Com a respiração já normalizada, sinto a presença de Estelita atrás de mim. Ela percebeu minha perturbação ao sair de casa. Puxo sua saia, para que sente perto de mim, e abraço-a fortemente.

- *Que passa, Chico?*

Conto-lhe que as cartas do bauzinho da tia Revoltosa trouxeram fortes revelações e a angústia pelo desaparecimento de minha mãe me assaltou.

Estelita me dá um beijo e se desprende de mim.

-Fecha tus ojos, Chico. E coloca toda força de teu corazón na presença de tua madre. Estás sentindo? Ela nunca se fue realmente, ninguém que realmente importa para nosotros se vai. Sinto mi padre cerca de mi todo tiempo. E me gusta conversar com ele quando estou solita. Habla com tua madre, Chico.

Faço o que Estelita me sugere e ficamos um tempo em silêncio.

Trago dos esconderijos da memória os motivos da partida de minha mãe.

Nas últimas vezes em que a vi, ela não estava feliz. Mas isso foi muito depois de ter deixado o Guaíba e a praia da Alegria.

Antes de Aurora perder o sorriso, vivemos muitos dias radiosos à beira deste lago Paranoá. Nossa casa era muito confortável, vivia cheia de parentes e amigos e nela reinava a deusa da fartura. Mas com o tempo, algo aconteceu que foi deixando mamãe desconfortável e carente de algo que não sabíamos bem o que era.

Quando saíamos os dois para navegar no lago, ela gostava de me contar histórias sobre as águas de sua infância. E também contava outras histórias que, conforme fui percebendo, não agradavam a meu pai. Aos poucos fui descobrindo que as coisas que davam prazer para mamãe provocavam o desprezo e a ira de meu pai.

Eles eram muito diferentes. Papai era um homem ligado à terra, criado nos costumes sertanejos da gente interiorana de Goiás. Mamãe se formara na capital culta e politizada do Rio Grande do Sul, e se tornara herdeira de um médico revolucionário e místico.

Aurora era diferente das mulheres que meu pai conhecia e falava coisas que ele não entendia. Talvez por isso mesmo tenha gostado dela, mas com o tempo se esqueceu disso e queria moldá-la à imagem e semelhança de sua mãe e tias, tão mais simples e sensatas no seu modo de ver.

Uma das coisas que mais perturbavam papai eram as saídas noturnas de Aurora para observar as estrelas com seus amigos da sociedade brasiliense de ufologia. Costumava

chegar muito serena e radiosa desses encontros, e por incrível que pareça, meu pai não gostava de vê-la assim.

Eu me lembro particularmente de uma vez em que ela chegou já noite alta de um desses encontros, após eu ter acordado com febre e dor de garganta. Meu pai viera me atender, mas não era a mesma coisa. Fiquei choramingando e chamando por ela. Quando chegou, papai estava muito nervoso e perguntou como podia deixar seus deveres de mãe na Terra para ir atrás de fantasias tais como naves que vinham de mundos que ninguém conhecia. Ela respondeu tranquilamente que as naves que procurava no céu e com as quais fazia contato não vinham de outro mundo, mas do interior da Mãe Terra. Foi então que a tragédia aconteceu: papai lhe deu um tapa e a proibiu de dizer tais besteiras na frente dos filhos. A partir daí, Aurora foi proibida de sair de casa à noite para olhar o céu. Mesmo quando olhava para ele de nossa inocente varanda, cercada pela família, recebia o olhar desaprovador do marido.

- Mamãe, um dia as estrelas do céu virão buscar você? É disso que o papai tem medo? Ela me abraçou fortemente quando fiz a pergunta e respondeu que as estrelas não viriam lhe buscar – ela é que iria ao encontro das estrelas, um dia.

Quanto mais Aurora recuava e silenciava diante da paixão possessiva do marido, mais ele crescia sobre ela a sua sombra tirânica. A sombra a envolveu de tal forma que a luz do seu sorriso se foi. E um dia ela também se foi, silenciosamente. Embora me assustasse e doesse a sua ausência, eu sabia que não poderia ser feliz à custa da infelicidade da minha mãe. Ela precisava se libertar de nós.

Há um assunto sobre o qual preciso conversar com Estelita e ambos estamos evitando.

Estelita se prepara para partir. A Caravana do Arco-Íris foi convidada pelo governo brasileiro a viajar para diversas cidades, contando suas histórias e realizando oficinas populares, num trabalho de interação com nossos Pontos de Cultura. Naturalmente, eu gostaria que ela ficasse. Mas o mágico caminho que se abre para a Caravana do Arco-Íris no Brasil é algo irrecusável. Embarcar nessa viagem faz parte da missão de Estelita e eu não posso travá-la.

Sinto que nunca mais serei o mesmo depois de conviver com os zapatistas. Estelita, Alberto, Marcos e o Velho Antônio estarão para sempre incorporados na minha memória e na minha visão de mundo. Eles jamais irão embora realmente.

Mas, antes que a caravana se despeça fisicamente de mim, eu preciso cumprir uma promessa que fiz a Jerônimo. Ele ficou encantado ao saber que minha namorada é afilhada do subcomandante Marcos e me fez prometer que a levaria um dia na universidade para que a conhecesse. O dia chegou. Eu preciso contar para meu amigo baiano, admirador da Coluna Costa-Prestes, o que descobri: não apenas minha tia avó – mas também meu avô participou da grande marcha dos revoltosos. E meu bisavô foi um líder messiânico no interior paulista. São muitos assuntos para tratar com o professor Jerônimo, e um encontro apenas talvez não baste. Começarei pelo mais urgente: apresentar-lhe a minha namorada zapatista que está partindo para novas aventuras.

Jerônimo me chama para assistir a uma palestra sobre o golpe militar de 64, dizendo que vai transmitir informações que interessam às minhas pesquisas sobre os revoltosos. Eu não entendo. O que tem a ver o golpe de 64, que culminou numa ditadura militar, com a Coluna dos revoltosos?

Mas vamos, afinal. Eu e a Estelita.

Durante a palestra eu compreendo o que Jerônimo quer sinalizar para mim. Os jovens tenentes que se rebelaram em 22 e lutaram durante oito anos para derrubar a República Velha, iniciando um novo ciclo republicano a partir de 1930, foram também os coronéis que contribuíram para suicidar Getúlio Vargas em 1954 e os generais que depuseram João Goulart para implantar a ditadura militar.

Guardo comigo as palavras dramáticas de Jerônimo durante a palestra:

- O uso continuado das armas endurece os corações. E o usufruto prolongado do poder enrijece as posições. A revolução é uma guerra de movimento. Por isso o ardoroso movimento tenentista deu no que deu quando os jovens tenentes viraram velhos generais e assumiram finalmente o controle da Nação. Eles só conseguiram fazer uma contra-revolução. Porque de tanto comandar burocratas nos escritórios, desaprenderam a caminhar.

Jerônimo conta então o que Getúlio Vargas respondeu quando lhe perguntaram o que fizera para neutralizar a força do movimento tenentista: “Eu os promovi a capitão”.

Vamos tomar uma cerveja num bar da 408 norte após a palestra. Comento com Estelita e Jerônimo que também os revolucionários que lutaram contra os generais de 64 e a sua ditadura militar, um dia chegaram ao poder. Os exilados e presos políticos da ditadura militar estão agora disputando cargos através dos votos. E não se pode dizer que representem, com honrosas exceções, uma grande vanguarda revolucionária.

- Realmente, a vanguarda da revolução latino americana está mais pra cima, entre o Mar do Caribe e o Golfo do México, arremato após uma golada de cerveja .

- Chico, não menospreze o processo brasileiro, adverte meu bom baiano. Atualmente, a esquerda se alimenta de várias fontes. Aqui nestas águas continentais do Planalto Central, também vamos fazendo a nossa revolução. De um outro jeito, quem sabe. Pelo que pude entender do que você me contou, seus antepassados comungaram com o espírito messiânico do nosso povo. E poucos lugares são mais messiânicos, neste momento, do que Brasília. O que Luis Carlos Prestes não podia compreender na época é que não podemos importar modelos revolucionários de um povo para outro. A cultura regional precisa ser respeitada. Um país religioso como o Brasil não poderia abolir Deus e proibir a fé, como queriam os bolcheviques.

O que acontece agora é que o movimento das esquerdas não segue mais uma única tendência. Acabaram-se os modelos únicos. Temos atualmente um vetor comum que é o movimento contra a globalização neoliberal, formado por vários grupos e movimentos com origens, objetivos e políticas diferenciados. Nem chega a ser um movimento organizado ou coordenado essa antiglobalização neoliberal, ou movimento altermundista, como prefiro chamar. Se assemelha mais a uma rede descentralizada. Existem vários espaços de atuação dentro dessa rede, é preciso atuar localmente sabendo da diversidade que existe no movimento planetário e que, mesmo com todas as diferenças, podemos fazer coisas juntos.

-Si, repercute Estelita. La diversidad debe ser respetada. É también nuestra fuerza. Por isso nosotros dicimos que antiglobalización es un movimiento de movimientos. Me recuerdo o início desse movimiento de resistência global que chamas altermundista, Jerônimo. Em 1996 o Ejército Zapatista de Liberación Nacional convocou o Encuentro Intercontinental por la Humanidad e contra el neoliberalismo , chamado por mi padrinho de Intergaláctico. Era mui pequena, mas recuerdo miles de participantes de 40 países llegando en las montañas del Sureste mexicano por solidaridad con nosotros. O objetivo del encuentro —definido por sus participantes— foi na verdade mucho maior que nuestra rebelión local. Se tratou da busca de convergências em nuestras luchas contra un adversário comum — neoliberalismo— e de nuevos paradigmas civilizatórios para a humanidade.



20

PÉ NA ESTRADA

O dia seguinte à partida de Estelita amanhece calado. Olho para as árvores da chácara e percebo que o outono está chegando.

Eu não quis misturar emoções e deixei para abrir a última carta do bauzinho depois que meus amigos se fossem.

É o meu último encontro com vó Bianca.

Botucatu, março de 1943

Querida irmã,

Finalmente. As cartas que te escrevi ao longo destes últimos 15 anos vão chegar ao seu destino. Afinal, temos o mensageiro certo e a expedição está pronta para partir.

João Alberto se encontra em São Paulo arrecadando recursos para a Expedição Roncador-Xingu, que vai desbravar o sertão onde tu vives e promover seu povoamento. Nossa preocupação é que essa entrada ocorra da maneira mais pacífica possível.

Um grande amigo de Hermes nascido aqui em Botucatu, chamado Orlando Villas Boas, quer participar da expedição. Está pronto para largar seu emprego em São Paulo e partir para o Roncador. Ele é o nosso mensageiro. Não tem muita experiência de mato, a não ser as andanças de menino com os irmãos por estas matas já civilizadas de Botucatu. Mas Hermes está certo de que dará conta do recado.

Orlando já ouviu muitas histórias sobre as passagens dos revoltosos pelo coração do Brasil e sobre a experiência pessoal de Hermes na Serra do Roncador. Está levando um mapa com a descrição aproximada do lugar onde fostes deixada, e amanhã cedo, antes que parta, lhe entregarei um bauzinho com as minhas cartas.

A expectativa de sabermos notícias tuas e de Tainá é grande.

Ao ler uma entrevista de João Alberto aos jornalistas falando sobre a expedição que vai abrir o caminho para a Amazônia pelo interior do Brasil, eu me emocionei. Ele mencionou várias vezes o teu nome. E posso jurar que se lembrava de ti. O ministro se referia ao local conhecido como Leopoldina, às margens do rio Araguaia, e que escolheu para ser o ponto de partida da expedição.

João Alberto está doido para ir nessa nova aventura, mas não pode abandonar seus encargos como ministro. Como sempre, ele é muito espirituoso nas conversas, e me fez rir algumas vezes quando li sua entrevista nos jornais. Contou aos jornalistas o caso de uma menina que foi raptada pelos Xavante. Durante muito tempo não se teve notícias sobre ela e seus parentes julgaram que talvez já estivesse morta. Um dia, ela apareceu em Santarém: os índios queriam trocá-la por um saco de farinha, dizendo que desejavam viver em paz...

Desde que soube da existência da filha, Hermes começou a escrever um livro para ela, com o nome de "Cartas para Estrela da Manhã". Na verdade, estamos escrevendo juntos. Ele me entrega seus delírios e os vou vertendo em prosa. Aprendi a decifrar as garatujas do médico e os hieróglifos do iniciado em tantos anos de convivência.

Nossa vida está passando por uma alteração profunda e o endereço que vou te deixar para uma possível correspondência tua não é o de Botucatu. Estamos mudando para o Rio Grande do Sul. Vamos morar na chácara da praia da Alegria com papai, que está adoentado e sozinho.

A perspectiva de voltar para a terra natal me deixa feliz e de certa forma compensa o impacto da nova incumbência que recebi de meu marido. Pois eu me tornei mãe de uma filha dele recém-nascida sem nunca ter engravidado.

O caso eu conto como sucedeu.

Em suas idas e vindas no Templo da Serpente, Hermes despertou a curiosidade de sua sobrinha Diana. Apesar do desagrado da mãe, ela insistiu em ir ao encontro dele nas matas, mais de uma vez. O resultado é que a sobrinha engravidou. E Aretusa, irmã de Hermes e mãe da menina, não pôde suportar mais este escândalo em família. Além, é claro, de ter ficado profundamente magoada com Hermes. Ela o criou como se fosse sua mãe. E jamais poderia imaginar que ele poderia engravidar a própria irmã. Pois no coração de Aretusa, ambos são filhos.

Aretusa confinou Diana dentro da casa da fazenda enquanto durou a gravidez. E proibiu Hermes de ali entrar. Nem mesmo como médico quis admiti-lo para o parto e preferiu chamar uma curandeira desconhecida para ajudá-la. Quase perdemos Diana e o bebê. O parto foi muito difícil. Felizmente, Hermes intuiu que o momento era chegado e foi para a fazenda a tempo de resgatar Diana das mãos inábeis da parteira improvisada.

Após acudir a sobrinha, Hermes trouxe o bebê para o consultório. Precisava de cuidados urgentes. Como não chegaram demandas da fazenda por parte da mãe e da avó da criança, ela foi ficando conosco. Hermes diz que merece cuidado especial por ter recebido de duas fontes o sangue do Profeta e ter sido concebida no Templo da Serpente. A criança recebeu o nome de Aurora. Uma homenagem à Aurora Dourada da iniciação de seu pai. E um voto de esperança para que se abra o dia de receber a Estrela da Manhã.

Aurora significa para mim o pretexto para que deixemos o horizonte conturbado onde se descortina a saga cármica dos descendentes do Profeta. A origem de todos os dramas – a fazenda aos pés do Gigante Adormecido e do seu Templo da Serpente – está sendo vendida. O dinheiro servirá para permitir que Aretusa e Diana possam resgatar suas vidas em outra natureza e com outra maneira de ser. Uma parte do dinheiro servirá para comprar uma boa casa para elas em São Paulo. A outra parte vai custear as despesas de Diana durante os estudos na mesma escola de medicina onde Hermes se formou. Ele abdicou de qualquer direito à herança material. Segue para a praia da Alegria apenas com seus livros, Aurora e o meu amor.

Bianca

As folhas das árvores já cobrem no chão as marcas que ficaram do acampamento dos caravaneiros do Arco-Íris. Não suportei a solidão e viajei para o aconchego da família na fazenda da Chapada.

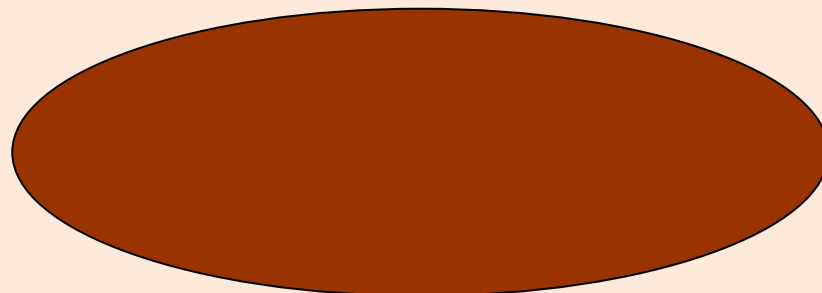
Vou contando para meu pai e meu irmão um pouco do que li nas cartas do bauzinho. Juninho se entusiasmou com a iniciação de nosso avô revoltoso na Serra do Roncador. Desde que chegamos de lá, ele começou a andar com a Serena. E nas conversas com ela, pegou gosto pelos mistérios da Tradição. Calou-se profundamente quando lhe contei que nossa mãe foi concebida no Templo da Serpente e nasceu na fazenda aos pés do Gigante Adormecido.

Uma nova expedição está se armando. Juninho quer que sigamos em busca das *Cartas para Estrela da Manhã* – o livro que Hermes e Bianca escreveram. Ele acha que vamos encontrar nesses escritos a nossa herança espiritual. Papai diz que a nossa pista começa no Rio Grande do Sul– porque o livro foi escrito para Tainá e a última notícia que teve dela veio de lá.

- *Tainá não desapareceu lá fora como seu avô e sua mãe, revela papai. Ela desapareceu foi dentro de si mesma. Trancou-se na casa da chácara na praia da Alegria e não quis mais saber de ninguém da família.*

Juninho me pede que sigamos logo, antes que o inverno nos pegue lá. Ele quer chegar também em Botucatu, para conhecer as cavernas da cuesta onde se realizavam exóticos rituais.

Ouvindo meu irmão me chamar para ir ao encontro do passado, compreendo que a viagem em busca de Estrela da Manhã será também um encontro com a nossa Aurora.



BIBLIOGRAFIA

A Crônica de Akakor

Karl Brugger, editora Bertrand

A invenção das vivandeiras: mulheres na Coluna Prestes, a trajetória silenciada
Maria Meire de Carvalho, Universidade Federal de Goiás

A ideologia do gauchismo

Tau Golin, Editora Tchê

A marcha da Coluna

João Alberto Lins de Barros, Editora do Exército

A marcha para Oeste

Orlando e Cláudio Villas Boas, Editora Globo

As noites das grandes fogueiras

Domingos Meirelles, Editora Record

Arquivos do EZLN e Arquivos da Revista Chiapas

A terra dos mil povos

Kaka Werá Jecupé, editora Peirópolis

A serpente cósmica e o DNA
Jeremy Narby, jornal Infinito

Hermógenes, o profeta do Sertão
Anthemo Roberto Feliciano

Messageiros do Amanhecer
Barbara Marciniak, editora Ground

O universo holográfico
Michael Talbot, Editora Bestseller

O Velho Antônio e outras histórias
Subcomandante Marcos

Reportagens de Luis Carlos Prestes Filho
Revista Manchete

Série intraterrena (Aurora, Erks, Miz Tli Tlan)
Trigueirinho, Editora Pensamento

The Smoky Good
Willis George, The Project Gutenberg Etext



Anjee Cristina

criação editorial

Anjee Cristina trabalha com
jornalismo e literatura.

Desenvolve publicações
culturais, ecológicas e literárias.

Participa de projetos com
organizações sócio-ambientais.

Tem formação acadêmica em
Jornalismo e
Desenho Industrial.

(14) 8108 0303

anjeecristina@gmail.com

livro revista jornal relatório folheto



ATIVIDADES JORNALÍSTICAS (1978- 2010)

São Paulo (1978 - 1992)

REPORTAGEM E REDAÇÃO

O GLOBO (sucursal paulista)
editoria nacional

FOLHA DE S. PAULO
editoria nacional

O ESTADO DE S. PAULO
editoria de economia e negócios

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO

OFICINA DE TEXTO
agência de comunicação

JORNAL DO MAR
periódico de náutica e meio ambiente

ECOPRESS
agência de notícias ambientais

Planalto Central (1992 - 2010) Brasília e Chapada dos Veadeiros

FOLHA DO MEIO AMBIENTE
jornal

GUIA LOTUS
revista

FLOR DA CHAPADA
jornal

GUIA DA CHAPADA DOS VEADEIROS
revista

BELAS PALAVRAS
editora

Além desses veículos e organizações com os quais manteve contratos fixos de trabalho, Anjee Cristina atuou como redatora, revisora e editora free-lancer para diversos outros veículos.

PRODUÇÃO LITERÁRIA (1979-2011)



(livros de reportagem e ficção)

Os exilados - reportagem (Alfa e Omega, São Paulo)

O mar em pedaços - romance (Oficina de Texto, São Paulo)

Marangatu, o rio amoroso - romance (Belas Palavras, Chapada dos Veadeiros)

Filhos da Lua e do Sol - romance (LGE, Brasília)

Caminhos do Planalto Central - roteiro ecoturístico e cultural
(Belas Palavras, Chapada dos Veadeiros)

Caminho do Paraíso - roteiro ecoturístico e cultural
(Belas Palavras & Oca Brasil, Chapada dos Veadeiros)

Nossa América Rebelde - romance (Belas Palavras, Chapada dos Veadeiros)

Estrela Amiga - romance (inédito)

Histórias de rio e mar - contos (inédito)

ATIVIDADES SÓCIOAMBIENTAIS (1988-2010)

SECRETARIA ESTADUAL
DO MEIO AMBIENTE (SP)
assessoria de comunicação

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA
participação na implantação

ASSOCIAÇÃO EM DEFESA DA JURÉIA
participação como conselheira

ASSOCIAÇÃO ECOLÓGICA ALTO PARAÍSO
participação na implantação de ecovila

INSTITUTO LUA DE
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
assessoria de comunicação

WWF-BRASIL / PROJETO VEADEIROS
assessoria de comunicação

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E
TURISMO DE ALTO PARAÍSO
assessoria de comunicação

GRUPO DE APOIO AO MEIO AMBIENTE
edição de informativos

OCA BRASIL
edição de informativos

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL
cobertura jornalística e
assessoria de imprensa

EXPERIÊNCIAS PLÁSTICAS E VISUAIS (1977-2011)

Óleo e acrílico sobre tela

Guache e nanquim
sobre papel

Criação de moda feminina

Artesanato com
fibras vegetais

Design gráfico

